

ISSN 0103-6866

DAPHNE

REVISTA DO HERBÁRIO PAMG

EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA DE MINAS GERAIS



EPAMIG

v.2 - n.3 - abril - 1992

DAPHNE – Revista do Herbário PAMG/EPAMIG – é uma publicação trimestral da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais – EPAMIG, e tem como objetivos divulgar e difundir o conhecimento científico inédito nas áreas de botânica, que versem sobre assuntos relacionados à flora do estado de Minas Gerais.

A distribuição a instituições será feita mediante permuta de publicações afins, sendo que aquelas que não tenham publicações ativas poderão obter a Revista através de assinatura.

As publicações recebidas por permuta ficarão na Biblioteca do PAMG/EPAMIG.

A revista DAPHNE aceita artigos de outros autores e/ou instituições, desde que seguidas as normas constantes no final da Revista.

Correspondência para o Herbário PAMG/EPAMIG – Av. Amazonas, 115 – Caixa Postal 515 - CEP 30188 Belo Horizonte, MG.

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Governador: Hélio Carvalho Garcia

SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO

Secretário: Alysson Paulinelli

EPAMIG – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais

Diretoria:

Mário Ramos Vilela – Presidente
Marcelo Franco – Superintendente de Administração e Finanças
Gabriel Ferreira Bartholo – Superintendente de Pesquisa e Operações

Comissão Editorial – Revista Daphne:

Octávio Almeida Drummond – EPAMIG-BH
Mítzi Brandão – EPAMIG-BH
Julio Pedro Laca-Buendia – EPAMIG-BH
Heloisa Mattana Saturnino – EPAMIG-BH
Elsie Franklin Guimarães – Jardim Botânico-RJ
Manuel Losada Gavilanes – ESAL – Lavras, MG
Uebi Jorge Naime – EMBRAPA-BH

Editor: Geraldo Magela Carozzi de Miranda

Editores Assistentes: Samuel Guimarães Vargas e Vicente Paulo dos Anjos

Revisão Lingüística e Gráfica: Maria Lourdes de Aguiar Machado, Marlene A. Ribeiro Gomide, Rosely Aparecida Ribeiro Battista, Teresa Cristina Pessoa Brandão

Revisão Inglês/Latim: Octávio Almeida Drummond

Revisão Bibliográfica: Fátima Rocha Gomes, Maria Lúcia de Melo

Arte: Euler França do Nascimento – Montagem: Reinaldo Maia Valério

Composição: Dulce de Melo Oliveira, Maria Alice Vieira, Maria de Fátima Ferreira, Rosangela Maria Mota Ennes

Daphne: revista do Herbário PAMG da EPAMIG. –
v.2, n.2 – (jan. 1992) –
Belo Horizonte: EPAMIG, 1992 –
v.: il.

Trimestral
ISSN 0103-6866

1. Botânica-Periódico. I. EPAMIG.

CDD:581.05

DAPHNE

Filha da deusa Terra, Daphne era uma ninfa grega de grande beleza, que perambulava alegre pelos bosques. Um dia, Apolo, deus do sol, sentindo-se atraído pela formosura da ninfa, passou a persegui-la. Daphne fugiu do assédio do deus e correu desesperadamente, pedindo socorro.

Porém, a deusa Terra, apiedando-se da jovem Daphne, abriu uma grande fenda no caminho de sua fuga. A ninfa, então, desapareceu no ventre de sua mãe, para a tristeza de Apolo.

No lugar onde a ninfa caiu, nasceu um loureiro, que, através de uma coroa feita com suas folhas, passou a servir para marcar os feitos herbícos dos gregos.

Assim, como Daphne representa uma planta que ressurge do seio de sua mãe Terra, emprestando os seus ramos para a coroação dos vitoriosos, a nossa Revista pretende estimular o estudo e, conseqüentemente, o respeito pelas nossas plantas, tão drasticamente erradicadas, no intuito de conscientizar e resgatar, o pouco que resta de nossa flora.

APRESENTAÇÃO

A botânica é uma ciência muito antiga. Com o passar dos anos, vem-se tornando cada vez mais importante a sua divulgação, para a população conhecer, usar e preservar a flora brasileira de forma racional.

Nos levantamentos de plantas feitos pelos pesquisadores e que seguem uma tradição antiga de coleta de exemplares, são encontradas tanto novas espécies, como também outras já catalogadas e localizadas em diferentes regiões. Muitas dessas plantas são conhecidas da população, que as utilizam no seu dia-a-dia ou as cultivam.

Aliados ao crescente interesse despertado recentemente pela ecologia em preservar o meio ambiente, estamos apresentando neste número da revista DAPHNE a descoberta de uma nova contribuição para o gênero **Stylosanthes** no Brasil; características fenológicas do urucum para melhor utilização na agropecuária; flórua da reserva biológica municipal de Lavras; estudo do gênero **Aeschynomene**, leguminosas nativas em Minas Gerais e, por último, levantamento de plantas invasoras raramente mencionadas no Estado. Com esses temas, entregamos à população, aos pesquisadores e aos produtores rurais os resultados obtidos em nossas pesquisas.

Minas Gerais é um dos estados que tem uma rica flora e precisa ser valorizada.

MÁRIO RAMOS VILELA
Presidente da EPAMIG

AUTORES

Antônio Leis Pinheiro

Eng^o Florestal, M.Sc. - Universidade Federal de Viçosa – CEP 36570-000 Viçosa, MG.

Ary T. de Oliveira Filho

Eng^o Florestal, Dr. - Prof. Dept^o de Ciências Florestais da ESAL – Pesq. Bolsista do CNPq – Caixa Postal 37 – CEP 37200-000 Lavras, MG.

Elsie Franklin Guimarães

Pesq. em Ciências Exatas da Natureza, M.Sc. Taxonomia Vegetal/IBAMA – Bolsista do CNPq – Rua Jardim Botânico, 1.008 – CEP 22460-030 Rio de Janeiro, RJ.

Flávio F. Avezum

Eng^o Florestal - Bolsista de Iniciação Científica do CNPq – ESAL – Caixa Postal 37 – CEP 37200-000 Lavras, MG.

Hélio Guiglianely Magalhães

Biólogo - Bolsista do CNPq – Rua Jardim Botânico, 1.008 – CEP 22460-030 Rio de Janeiro, RJ.

Jane Pereira Fiuza Rodrigues

Eng^o Florestal - Universidade Federal de Viçosa – CEP 36570-000 Viçosa, MG.

José Márcio de Mello

Eng^o Florestal - Bolsista de Iniciação Científica do CNPq – ESAL – Caixa Postal 37 – CEP 37200-000 Lavras, MG.

Julio Pedro Laca-Buendia

Eng^o Agr^o, M.Sc. - Pesq./EPAMIG – Caixa Postal 515 – CEP 30188-902 Belo Horizonte, MG.

Luciana Mautone

Pesq. em Ciências Exatas da Natureza – IBAMA/Rua Jardim Botânico, 1.008 – CEP 22460-030 Rio de Janeiro, RJ.

Luiz Augusto Guimarães

Farmacêutico do Dept^o de Farmacognosia da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – CEP 21949-900 Rio de Janeiro, RJ.

Luiz Carlos Marangon

Eng^o Florestal, M.Sc. – Universidade Federal de Viçosa – CEP 36570-000 Viçosa, MG.

Manuel Losada Gavilanes

Biólogo, M.Sc. - Prof. Botânica/ESAL – Caixa Postal 37 – CEP 37200-000 Lavras, MG.

Mítzi Brandão

Botânica, M.Sc. Taxonomia Vegetal - Pesq./EPAMIG – Bolsista do CNPq – Caixa Postal 515 – CEP 30188-902 Belo Horizonte, MG.

Nuno Maria de Souza Costa

Eng^o Agr^o/EPAMIG – Caixa Postal 295 – CEP 35701-970 Sete Lagoas, MG.

Renata Jimenez de Almeida

Eng^o Agr^o – Bolsista de Iniciação Científica do CNPq – ESAL – Caixa Postal 37 – CEP 37200-000 Lavras, MG.

SUMÁRIO

<i>Stylosanthes Longicarpa</i> Brandão ET Costa, uma nova contribuição para o gênero <i>Stylosanthes</i> SW., no Brasil Mítzi Brandão, Nuno Maria de Souza Costa	5
Características Fenológicas do Urucum em Viçosa – Minas Gerais Antônio Lelis Pinheiro, Luiz Carlos Marangon, Jane Pereira Fiuza Rodrigues	7
Estudo Taxonômico, Farmacoquímico e Bioensaios de <i>Piper Lhotzkyanum</i> Kunth (Piperaceae), uma espécie ocorrente em Minas Gerais Elsie Franklin Guimarães, Luciana Mautone, Hélio Guiglianely Magalhães, Luiz Augusto Guimarães	11
Flórua da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras – Minas Gerais Manuel Losada Gavilanes, Mítzi Brandão, Ary T. de Oliveira Filho, Renata Jimenez de Almeida, José Márcio de Melo, Flávio F. Avezum	15
Gênero <i>Aeschynomene</i> L.: espécies mineiras e sua distribuição no país Mítzi Brandão	27
Plantas invasoras raramente mencionadas ou não citadas como ocorrentes em Minas Gerais – III Mítzi Brandão, Manuel Losada Gavilanes, Júlio Pedro Laca-Buendia	47
Plantas invasoras ocorrentes no município de Belo Horizonte – Minas Gerais Manuel Losada Gavilanes	51

STYLOSANTHES LONGICARPA BRANDÃO ET COSTA, UMA NOVA CONTRIBUIÇÃO
PARA O GÊNERO *STYLOSANTHES* SW., NO BRASIL¹

MÍTZI BRANDÃO e NUNO M. DE S. COSTA

SUMÁRIO: É apresentada uma nova espécie do gênero *Stylosanthes* Sw. para o estado de Minas Gerais – Brasil – *Stylosanthes longicarpa* Brandão et Costa sp.n.

Palavras-chave: *Stylosanthes longicarpa* Brandão et Costa, espécie nova – Fabaceae; Minas Gerais, Brasil.

SUMMARY: A new species of the genus *Stylosanthes* Sw. is described from the state of Minas Gerais – Brazil. *Stylosanthes longicarpa* Brandão et Costa sp.n.

Key-words: *Stylosanthes longicarpa* Brandão et Costa, new specie – Fabaceae; Minas Gerais, Brazil.

INTRODUÇÃO

O gênero *Stylosanthes* Sw., estudado por Ferreira; Costa (1979), apresenta algumas espécies novas, ainda não descritas, que serão relacionadas através da Revista Daphne, a exemplo de *Stylosanthes longicarpa* Brandão et Costa. Esta espécie possui fruto muito alongado em comparação às outras já estudadas.

DESCRIÇÃO

Stylosanthes longicarpa Brandão et Costa sp.n.

Suffrutex erectus, ramosissimus, suberosus, 30-50 cm altus, stipulae ad medium adnatae, base vaginantes, coriáceae, parte libera erecta vel patente, rígida, glabrae vel pillosae, 4,0-5,0 mm longae por 2,0-2,5 mm latae, 7-9 nervatae; petiolus supra stipulas 5-6 mm longus, glabrus; foliola maxima linear-lanceolata coriacea, acuminata, utrinque pubescentibus et setis hispidis intermixtis, 16-20 mm longae, 3,0-4,0 mm latae, 6-8 nervatae.

Spicae globosae vel ovatae terminales vel axilares, 9,0-10,0 mm longae, 5,0-6,0 mm latae; bracteae imbricatae trifoliolatae vel unifoliolatae, ellipticae, ápice bifidae ad medium adnatae, parte libera vel patente rígida, 5,0-6,0 mm longae, 3,0-4,0 mm latae, 10-14 nervatae. Stipes plumosus nullus, flores exsertae, calycis tubus filiformes limbus campanulatis membranaceus, 4,0-4,2 mm longis, lobi 5 glabris; corolla flava; vexillum obovoideum 8-9 mm longum, ala et carenae 7,0-8,0 mm longae.

Legumen articulo 1-2, articulo supero oblongum, glabrum, reticulatum, 5,0-5,6 mm longum, 2,0-2,5 mm latum; stilo uncinatum; articulo infero, reticulum parvam, pubescentibus, flavum 5,0-5,2 mm longum, 2,0-2,5 mm latum. Semen flavum vel ni-

grum, oblongum, 3,0-3,5 mm longum, 1,8-2,0 mm latum.

Stylosanthes longicarpa Brandão et Costa sp.n.

Subarbusto ereto, com 30-50 cm de altura, muito ramificado, lenhoso, recoberto por leve camada suberosa em seu caule e ramos mais velhos; na parte inferior dos ramos, entrenós mais curtos; ramos jovens pilosos. Estípulas coriáceas, com 4,0-5,0 mm de comprimento por 2,0-2,5 mm de largura, glabrescentes nos ramos inferiores e pilosas nos superiores, com 7-9 pares de nervuras; pecíolos com 5,0-6,0 mm de comprimento, glabros; folíolos lineares, coriáceos, acuminados, cerdoso-pubescentes, tendo o folíolo central cerca de 16-20 mm de comprimento, com 3,0-4,0 mm de largura e 6-8 pares de nervuras.

Inflorescências de globosas a ovóides, com cerca de 9,0-10,0 mm de comprimento e 5,0-6,0 mm de largura; brácteas externas piloso-cerdosas, com 5,0-6,0 mm de comprimento por 3,0-4,0 mm de largura, com 10-14 nervuras; eixo plumoso ausente; bractéolas subpaleáceas, pilosas; flores amarelas de cálice tubuloso, com 4,0-4,5 mm de comprimento, vexilo com 8-9 mm de comprimento; ala e carena com 7,0-8,0 mm de comprimento. Lomento alongado, com dois artículos; artículo superior glabro, de retículo evidente, com 5,0-5,6 mm de comprimento, 2,0-2,5 mm de largura; estilete residual uncinado, às vezes apresentando antocianina; artículo inferior de retículo pouco pronunciado, de pubescente a piloso, amarelado, às vezes também apresentando antocianina, com 5,0-5,2 mm de comprimento e 2,0-2,5 mm de largura.

Sementes amarelas e/ou pretas, sendo no exemplar examinado amarela no artículo superior e preta no inferior, com 3,0-3,5 mm de comprimento por 1,8-2,0 mm de largura.

O nome da espécie foi dado em razão do comprimento de

• Aceito para publicação em 30 de setembro de 1991.

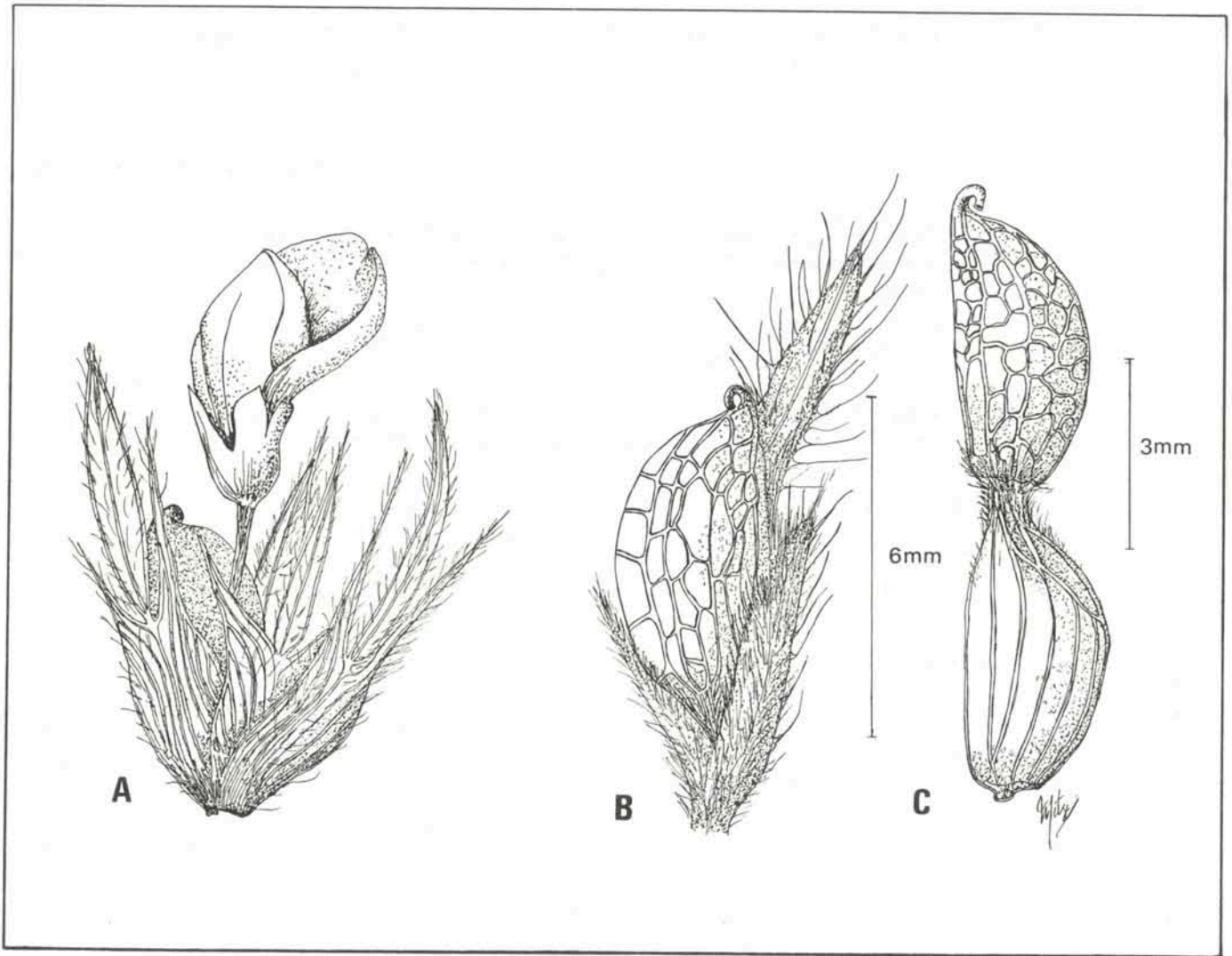


Fig. 1 – NOTA: A – Flor e fruto imaturo de *Stylosanthes longicarpa*; B – Fruto com um só artfculo; C – Fruto com dois artfculos.

seu lomento.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Salto da Divisa, Minas Gerais.

MATERIAL EXAMINADO

Brasil, Minas Gerais, Salto da Divisa, J.F.M. Valls, 6718 (holótipo PAMG).

OBSERVAÇÕES TAXONÔMICAS

A espécie foi encaixada na secção *Astylosanthes* (Mohlenbrock, 1958) – Secção *Eustylosanthes* (Vogel, 1838), por não apresentar eixo-plumoso.

Aproxima-se de *Stylosanthes Nunoi* Brandão (Brandão, 1991), por mostrar entrenós muito curtos, folhas e inflorescências muito semelhantes em tamanho e forma, e também dois artfculos férteis. Entretanto, *Stylosanthes Nunoi* Brandão apresenta estípulas e brácteas maiores, dois artfculos com nervação muito pronunciada, com pêlos curtos glandulíferos e estilete recurvado, tendo o superior 3,8-3,9 mm e o inferior

3,0-3,1 m de comprimento. *Stylosanthes longicarpa*, Brandão et Costa, por sua vez, apresenta dois artfculos alongados, o superior com venação muito acentuada, totalmente glabro, e o inferior com venação muito tênue, densamente piloso em seu ápice, apresentando estilete uncinado; o artfculo superior tem 5,0-5,6 mm de comprimento, e o inferior, 5,0-5,2 mm de comprimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, M. *Stylosanthes Nunoi* Brandão, nova espécie do gênero *Stylosanthes* Sw. (Fabaceae), para o Estado de Minas Gerais – Brasil. *Daphne*, Belo Horizonte, v.2, n.1, p.5-7, out. 1991.
- FERREIRA, M.B.; COSTA, N.M.S. *O gênero Stylosanthes Sw. no Brasil*. Belo Horizonte: EPAMIG, 1979. 107p.
- MOHLENBROCK, J.E. A revision of the genus *Stylosanthes* Sw. *Annals of the Missouri Botanical Garden*, St. Louis, v.4, p.229-354, 1958.
- VOGEL, J.R.T. *Linnaea*, Berlin, v.12, p.68, 1838.

CARACTERÍSTICAS FENOLÓGICAS DO URUCUM (*BIXA ORELLANA* L. VAR. "FRUTO VERMELHO PILOSO") EM VIÇOSA – MINAS GERAIS¹

ANTÔNIO LELIS PINHEIRO, JANE PEREIRA FIUZA RODRIGUES e LUIZ CARLOS MARANGON

SUMÁRIO: Procurou-se mostrar, neste trabalho, a importância do estudo fenológico do urucum (*Bixa orellana* L. var. "Fruto Vermelho Piloso"), no sentido de fornecer subsídios básicos quanto à sua fenologia, o que proporciona maiores facilidades para o conhecimento desta espécie, objetivando o entendimento da complexa dinâmica que envolve as variedades plantadas. Foi feita uma descrição dos dendrofenogramas associada a dois parâmetros climatológicos: temperatura e precipitação. Isto resultou em uma análise simples e objetiva do comportamento fenológico da variedade em relação à ação desses dois parâmetros climáticos.

Palavras-chave: *Bixa orellana* L.; Urucum, Fenologia do urucum.

SUMMARY: The purpose of this paper was to show the importance of the phenological study of the annatto (*Bixa orellana* L. var. "Fruto Vermelho Piloso") in providing basic informations for a better understanding of the complex dynamics which involves this species. A description of the dendrophenograms associated with two following climatological parameters was made: temperature and precipitation, which resulted in a simple and objective analyses of the species in relation to the action of these two climatological parameters.

Key-words: *Bixa orellana* L., urucum, Phenological study of annatto.

INTRODUÇÃO

O estudo de uma espécie vegetal relacionada com seu ambiente, visando determinar as variações rítmicas estacionais das diferentes fases decorrentes de variações climáticas, fornece dados importantes para o cultivo de espécies pouco utilizadas (Picollo; Gregolin, 1980).

As informações foram obtidas através da fenologia, ou seja, do estudo dos fenômenos biológicos acomodados a certos ritmos periódicos, como brotação, floração, maturação dos frutos, etc. (Lojan, 1968 e Ramalho, 1975).

A fenologia determina os momentos em que os organismos diferenciam seus tecidos para expressar as modificações fisiológicas que se produzem sob a influência de múltiplos fatores. Dentre os principais deles encontram-se os climáticos. Por esse motivo, o estudo fenológico profundo de uma espécie permite, finalmente, seu conhecimento bioclimático, estudo básico para racionalização do cultivo, determinação de regiões aptas, conhecimento de limites ecológicos, etc. (Ledesma, 1952).

Diversos autores, como Salas (1973), Heithasu (1974) e Styles (1975), mostraram a necessidade de relacionar as manifestações fenológicas das árvores com seus agentes de polinização e de dispersão, como uma maneira de compreender

melhor as complexas comunidades florestais dos trópicos.

Em muitas espécies, para determinados segmentos do setor florestal, necessário se torna conhecer a periodicidade de produção de sementes (Ramalho, 1966). O conhecimento fenológico das essências nativas torna-se uma necessidade, visto que problemas de comportamento e produção de sementes têm proporcionado sérios transtornos aos que militam na área florestal. É evidente, nestes casos, que principalmente as condições climáticas atuam de forma bastante acentuada. A fenologia está diretamente ligada aos fatores ambientais, pois são estes que em geral determinam os fenômenos biológicos (Borgignon; Picollo, 1982).

Por se enquadrar no grupo de plantas de interesse, pela sua abundância nas regiões de cerrados do estado de Minas Gerais e, principalmente, após a estimulação de medidas de repressão ao uso de corantes artificiais (Baliane, 1982), pela Organização Mundial de Saúde, o urucum, tornou-se um dos poucos corantes vegetais permitidos. Isto porque, além de não ser tóxico, não alterar o sabor dos alimentos, pode, ainda, ser empregado na alimentação animal (Moreira, 1983). Esse fato, aliado ao preço bem inferior ao dos produtos artificiais, tem estimulado, sem dúvida, a sua produção (Pinheiro et al., 1990).

Segundo Ramalho et al. (1987), a cultura do urucum não

¹ Aceito para publicação em 30 de setembro de 1991.

tem merecido ainda, principalmente no Brasil, a devida atenção de pesquisadores e agricultores.

O estudo do urucum tem sido feito de forma inadequada, em especial a sua silvicultura, baseada mais em observações empíricas de campo. Atualmente, em vista do avanço da ciência e dos derivados potenciais dessa espécie, vários estudos vêm sendo realizados (Ocampo, 1983).

Este trabalho tem por objetivo fornecer informações básicas à fenologia do urucum (*Bixa orellana* L.) var. "Fruto Vermelho Piloso", visando, principalmente, conhecer o desenvolvimento e o comportamento dessa planta em Viçosa, Minas Gerais.

MATERIAL E MÉTODOS

Caracterização da Área de Estudo

Este trabalho foi desenvolvido com dados coletados na microrregião de Viçosa, MG, onde a altitude varia de 600 a 800 m, com relevo alternando de ondulado a montanhoso. Segundo a classificação de Köppen, o clima é do tipo Cwb, mesotérmico, com verões brandos, estação chuvosa no verão e invernos secos. No verão, os dias são quentes e as noites mais frias. As chuvas são típicas nos meses de outubro a março, com grande incidência no mês de dezembro, quando chega a exceder 300 mm. O regime de distribuição das chuvas é periódico, predominando no semestre mais quente. O inverno é seco e tem duração entre 2 e 4 meses com déficit hídrico pequeno entre 10 e 30 mm anuais. A evaporação potencial varia entre 800 a 850 mm (Golfari, 1975).

Obtenção e Análise dos Dados

Os dados fenológicos foram coletados ao longo de um ano, ou seja, de novembro de 1989 a outubro de 1990. A coleta foi feita sistematicamente de 15 em 15 dias, tomando-se como base para a coleta desses dados as progressões das fenofases e os valores relativos à presença do fenômeno, relacionados no Quadro 1.

Foi escolhido o tipo de urucum que tem "Fruto Vermelho Piloso". O número de plantas para coleta foi de cinco.

Foram utilizados dados climatológicos catalogados no Departamento de Engenharia Agrícola da UFV e coletados no mesmo período em que se procedeu à coleta dos dados das diversas fenofases. Os dados utilizados compreenderam precipitação e temperatura.

Nos dendrofenogramas da variedade de urucum, foram plotados os dados climáticos, para verificar as relações entre os dois parâmetros climatológicos e a variedade em estudo, no sentido de melhor explicar o comportamento fenológico da variedade perante as ações do clima (Fournier, 1976). Para o período de observação, foram realizadas duas representações gráficas analisando-se separadamente o comportamento fenológico da variedade em relação a temperatura e precipitação.

RESULTADOS

Os resultados obtidos encontram-se no Gráfico 1 e são apresentados como uma descrição do comportamento da va-

QUADRO 1 – Critérios Utilizados na Progressão das Fenofases e Valores Relativos à Presença do Fenômeno

Fenofase	Código	Progressão das Fenofases
Floração	1	Botões florais ou inflorescências presentes
Floração	2	Floração adiantada ou árvore totalmente florida
Floração	3	Floração terminada ou terminando
Frutificação	4	Frutos novos presentes
Frutificação	5	Frutos maduros presentes
Frutificação	6	Frutos maduros caindo ou sementes dispersas
Mudança Foliar	7	Árvores com poucas folhas ou desfolhadas
Mudança Foliar	8	Lançamento de novas folhas
Mudança Foliar	9	Copa formando
Mudança Foliar	10	Copa completa com folhas velhas

FONTE: Marangon (1988).

NOTA: 0 – Ausência do fenômeno observado; 1 – Presença do fenômeno numa amplitude de 01 a 25%; 2 – Presença do fenômeno numa amplitude de 26 a 50%; 3 – Presença do fenômeno numa amplitude de 51 a 75%; 4 – Presença do fenômeno numa amplitude de 76 a 100%.

riedade no decorrer de um ano, tomando-se o dendrofenograma como base.

DISCUSSÕES E CONCLUSÕES

No que diz respeito à brotação dessa variedade, verificou-se que essa fenofase ocorre de forma bastante variável ao longo do período, sendo que a maior incidência do fenômeno deu-se em condições de clima quente e úmido.

A queda das folhas manteve uma certa regularidade no período observado, sendo que o maior pico ocorreu com a redução das taxas de precipitação e temperatura, caracterizando um período frio e seco. Em estudos fenológicos de espécies da Amazônia Central, foi também observado que o pico da queda do sistema foliar foi sempre na estação seca ou no final da estação chuvosa (Alencar et al., 1979).

A maior intensidade de floração foi verificada no curto período de março a abril. A queda dessa intensidade correspondeu à queda gradual de temperatura e precipitação.

Houve intensa frutificação nos meses em que a precipitação e a temperatura entraram em declínio (Gráfico 1).

Com base nestes resultados, pode-se concluir que esta variedade apresenta uma fenologia cujas fenofases são bem definidas, evoluindo de forma cíclica ao longo do período de observação, o que mostra uma tendência clara de se manifestarem em sincronia com as condições climáticas. Isto confirma a existência de uma periodicidade na ocorrência das fenofases da variedade.

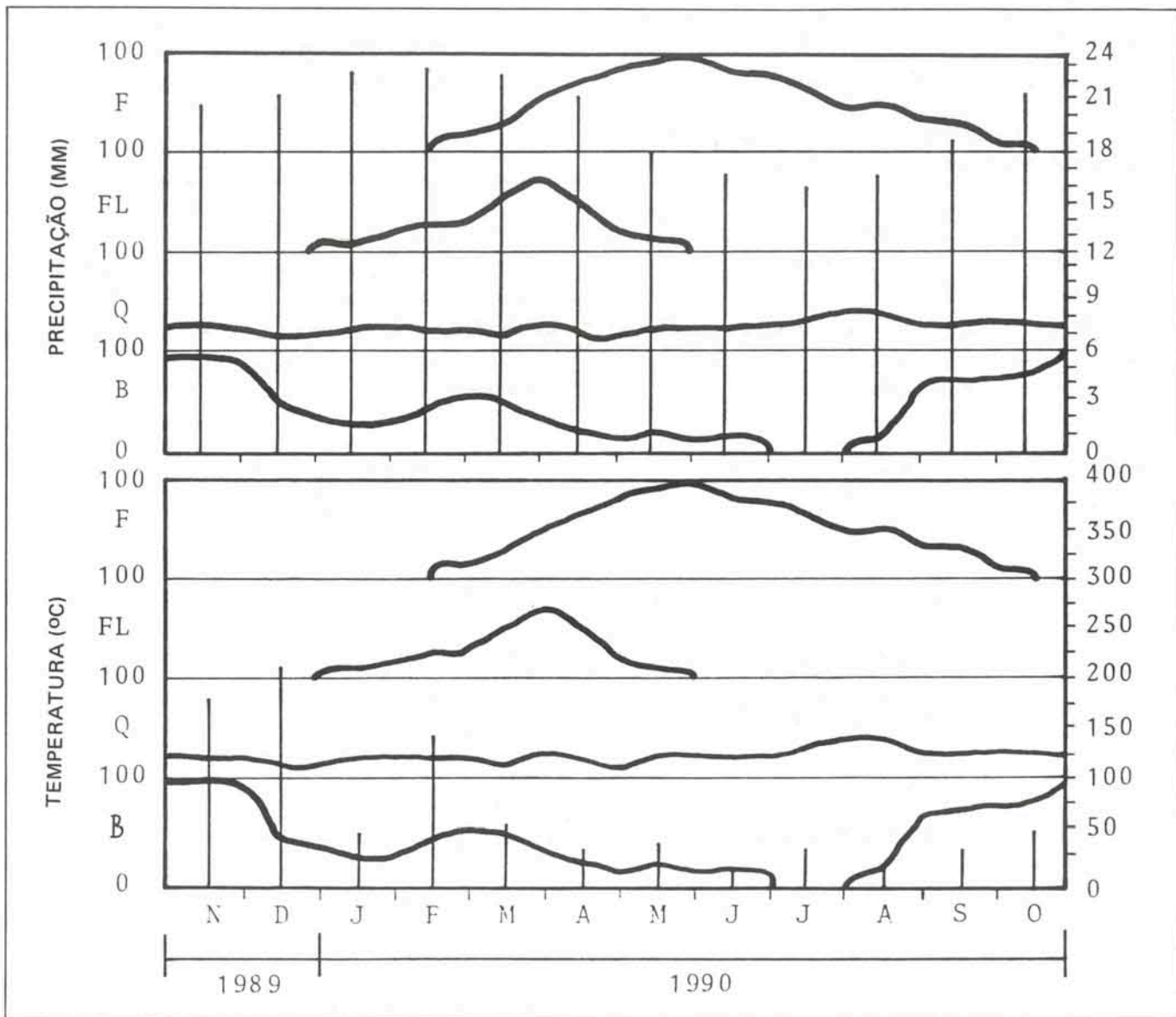


Gráfico 1 – Dendrofenograma associado à temperatura e precipitação de *Bixa orellana* L. var. "Fruto Vermelho Piloso".
 NOTA: B – Brotação; F – Frutificação; FL – Floração; Q – Queda das folhas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, J. da C.; ALMEIDA, R.A. de; FERNANDES, N.P. Fenologia de espécies florestais em floresta tropical úmida de terra firme na Amazônia Central. *Acta Amazônica*, Manaus, v.9, n.1, p.163-198, mar. 1979.

BALIANE, A. *Cultura do urucuzeiro*. Rio de Janeiro: EMATER, 1982. 10p.

BORGIGNON, O.J.; PICOLLO, A.L.G. Fenologia de *Hydiocotyle leucocephala* Cham. *Rodriguésia*, Rio de Janeiro, v.34, n.56, p.91-100, 1982.

FOURNIER, L.A. El dendrofenograma, una representación gráfica del comportamiento fenológico de los árboles. *Turrialba*, San Jose, v.26, n.1, p.96-97, ene./mar. 1976.

GOLFARI, L. *Zoneamento ecológico do Estado de Minas Gerais para reflorestamento*. Belo Horizonte: Centro de

Pesquisa Florestal da Região do Cerrado, 1975. 65p. (Série Técnica, 3).

HEITHASU, G.R. The role of plant pollination interaction in determining community structure. *Annals of the Missouri Botanical Garden*, St. Louis, v.61, n.6, p.675-691, 1974.

LEDESMA, N.R. Mapa fenológico del trigo en la Republica Argentina. *Meteoros*, Buenos Aires, v.1/2, n.2, p.50-64, 1952.

LOJAN, L. Tendências del crecimiento radical de 23 espécies florestales del tropico. *Turrialba*, San José, v.18, n.3, p.275-281, jul./set. 1968.

MARANGON, L.C. *Fenologia de essências florestais nativas da microrregião de Viçosa – Minas Gerais*. Viçosa: UFV, 1988. 80p. Tese Mestrado.

MOREIRA, M.J.A. Mantenimiento de colecciones del achote en bancos de germoplasma. In: CATIE (Turrialba, Costa

- Rica). **Aspectos sobre el achiote y perspectivas para Costa Rica**. Turrialba, 1983. p.123-133.
- OCAMPO, S.R.A. Aspectos agronomicos sobre el cultivo del achiote (*Bixa orellana* L.) en los cantones de Aguirre y Dota. In: CATI (Turrialba, Costa Rica). **Aspectos sobre el achiote y perspectivas para Costa Rica**. Turrialba, 1983. p.43-57.
- PICOLLO, A.L.G.; GREGOLIM, M.I. Fenologia de *Melia azedarach* L. no sul do Brasil. **Turrialba**, San José, v.30, n.1, p.107-109, ene./mar. 1980.
- PINHEIRO, A.L.; ALMEIDA, E.C. de; REIS, F.P. Germinação da semente de urucum (*Bixa orellana* L.): I – var. "fruto verde piloso". **Revista Ceres**, Viçosa, v.37, n.213, p.363-370, set./out. 1990.
- RAMALHO, R.S. **Dendrologia**, Viçosa: UFV, 1975. 123p.
- RAMALHO, R.S. **Fenologia**. Viçosa: UFRMG, 1966. 11p. Mimeografado.
- RAMALHO, R.da S.; PINHEIRO, A.L.; DINIZ, G. da S. **Informações básicas sobre a cultura e utilização do urucum (*Bixa Orellana* L.)**. Viçosa: UFV, 1987. 22p. (UFV. Informe Técnico, 59).
- SALLAS, S. Uma bromeliaceae costarricense polinizada por murciélagos. **Brenesia**, San Jose, n.2, p.5-10, 1973.
- STYLES, F.G. Ecology, flowering, phenology and humming bird pollination of same Cost Rica *Heliconia* species. **Ecology**, Durham, v.56, n.2, p.285-301, 1975.

ESTUDOS TAXONÔMICO E FARMACOQUÍMICO E BIOENSAIOS DE *PIPER LHOTZKYANUM* KUNTH (PIPERACEAE), UMA ESPÉCIE OCORRENTE EM MINAS GERAIS¹

ELSIE FRANKLIN GUIMARÃES, LUCIANA MAUTONE, HELIO GUIGLIANELY MAGALHÃES e LUIZ AUGUSTO GUIMARÃES

SUMÁRIO: Os autores estudam *Piper lhotzkyanum* Kunth e fornecem descrição, dados ecológicos, ilustração da espécie, análise farmacológica e ensaios biológicos.

Palavras-chave: *Piper lhotzkyanum* – Piperaceae – Ensaios farmacológicos.

SUMMARY: *Piper lhotzkyanum* is described and illustrated. Data on the plant pharmaceutical properties are presented.

Key-words: *Piper lhotzkyanum* – Piperaceae chemistry, biologic analysis.

INTRODUÇÃO

Propriedades médicas são atribuídas às Piperaceae, que dispõem de representantes muito empregados na medicina caseira contra males estomacais, dores de garganta, afecções brônquicas, ou ainda como antidiarréicos, diuréticos e calmantes de dores de diversas origens, principalmente aquelas ligadas ao aparelho digestivo (Coimbra; Silva, 1958 e Costa, 1978ab).

Com base nestas informações, e em prosseguimento aos estudos sobre as Piperaceae brasileiras, desenvolveu-se trabalho em *Piper lhotzkyanum* Kunth, espécie com dispersão relativamente expressiva em Minas Gerais, Rio de Janeiro chegando até Santa Catarina.

Os autores apresentam estudos sobre esta entidade ressaltando análise química e dados ecológicos, e fornecem as principais características e referências bibliográficas sobre o assunto.

INFORMAÇÕES SOBRE A ESPÉCIE E SEU HÁBITAT

Trata-se de arbusto que varia de 1,5-3,0 m de altura, com ramos nodosos, cilíndricos e lenticelados. Folhas brilhantes, com bainha canaliculada, lâmina simétrica ou levemente assimétrica, ovado-lanceolada 7,0-11,5 cm de comprimento, 3,0-4,7 cm de largura. Espigas eretas, de 6,0-7,0 cm de comprimento, 3,0-5,0 mm de diâmetro, sustentadas por pedúnculo glabro e curto; bráctea suborbicular profundamente fimbriada na margem; estames 4; ovário glabro; estigmas 3, lineares (Fig. 1).

Entidade esciófila ou de luz difusa, podendo ser também heliófila. Ocorre no interior da mata ou em suas margens, ocupando terrenos argilosos e brejosos, e em locais montanhosos, geralmente em altitudes variáveis de 2 a 1.270 m.s.m., com latitudes de 18° 14' 48" – 22° 26' 12" e longitudes de 42° 31' 54" – 46° 23' 20" (Kunth, 1839, Miquel, 1852/1853, Yuncker, 1972 e Ichaso et al. 1976).

* Aceito para publicação em setembro de 1991.

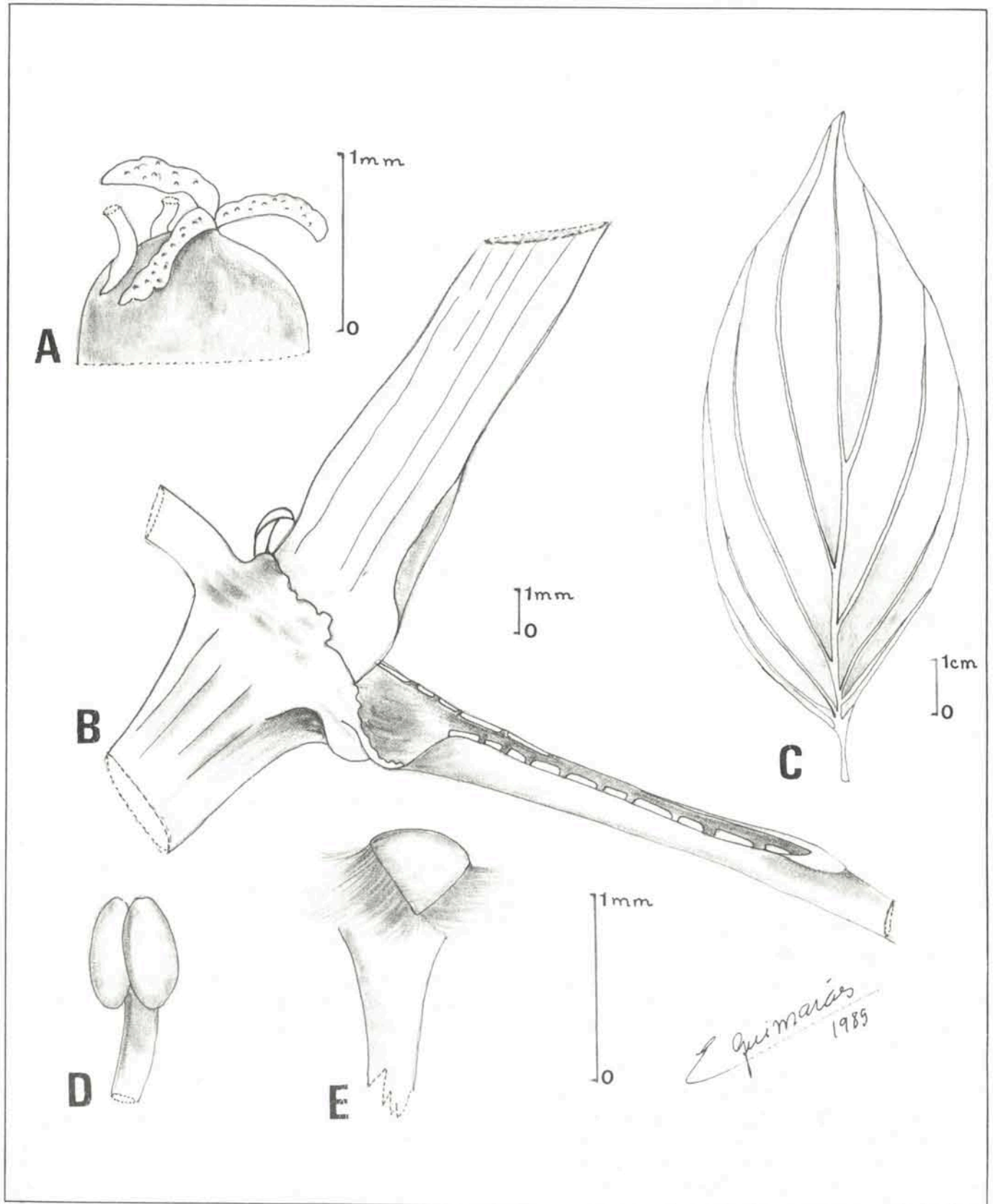


Figura 1 – *Piper lhotzkyanum* Kunth.

NOTA: A -- Ovário e estiletes; B – Detalhe do pecíolo com bainha; C – Folha; D – Estame; E -- Bráctea fimbriada.

MATERIAL ESTUDADO

MINAS GERAIS – Serra de Ouro Preto, Damazio 2038, 9-V-1901 (RB); Município de Barbacena, Distrito de Pinheiro Grosso, Vidal I-194, I-217, VII-1914, (R); I. São Tomé das Letras, altitude 1.200 m, Pabst 4256, 18-VI-1957 (HB, RB, PAMG); Diamantina, Olaria, altitude 1.250 m, Mexia 5790, 8-V-1931 (RB); Serra do Cipó, Município de Santana do Riacho cerca de 1.350 m.s.m., crescendo em mata ciliar, G. Martinelli 310, 11-V-1974, (RB, F, PAMG).

RIO DE JANEIRO – Alto de Teresópolis – Serra dos Órgãos, Parque Nacional, Naranha s/nº, IV.1950 (RB); ibidem, Abrigo 13 de maio, altitude 1.150 m, Pabst, Emmerich et al. 5358, 12-V-1960 (HB); Recreio dos Bandeirantes, Lutz 1617, 6-VIII-1940 (RB); ibidem Fazenda Santa Fé, arbusto 1,5 m, descendo à beira da mata, heliófila, E.F. Guimarães, L. Mautone 26, 09-XII-1987 (RB); ibidem, Rodovia Rio/Bahia, Meudon, 1.100 m.s.m., heliófila, crescendo em local alagado, E.F. Guimarães, L. Mautone 20, 9-XII-1987 (RB); ibidem Pimenteiras (estéril), local úmido, L. Mautone, E.F. Guimarães 47, 10-XII-1987 (RB); ibidem, Estrada Rio/Bahia, bairro Pimenteiras, freqüente, crescendo em mata secundária próximo à encosta, em local bastante úmido, sombrio, em solo argiloso, E. F. Guimarães 87, L. Mautone e M. Vieira, 19-V-1988, (RB); ibidem, Estrada Rio/Bahia, folha discolor, planta heliófila, E. F. Guimarães 194, 18-X-1989 (RB); ibidem, Pimenteiras, Cascata, orla de mata, E.F. Guimarães 137, 17-X-1989 (RB); caminho para Pedra do Sino, G. Martinelli 1715 et al, 27-IV-1977, (RB, PAMG); ibidem, E. Guimarães 122, 22-II-1984 (RB, PAMG); Estrada Teresópolis-Friburgo cerca de 800 m.s.m., D. Sucre 6476, 1810, 4-IV-1970 (F, RB, PAMG); Município de Nova Friburgo, Morro da Caledônia, cerca de 1.400 m.s.m.; G. Martinelli 2462 et al, 8-VI-1977 (RB, NY, SING, PAMG); Petrópolis, Reserva Florestal de Pati de Alferes, P.I.S. Braga 2474 e D. Sucre, T. Soderstrom, 5-V-1972 (F, RB, PAMG); ibidem, Floresta de preservação permanente entre Vale das Princesas e Rocio 1.200 m, G. Martinelli 9237 et Allain Chautmes, 22-IV-73 (F, G, K, US, RB, GUA, PAMG); Parati, divisa com Cunha, estrada de Parati-Cunha 1.000 m.s.m., G. Martinelli 4614, 19-VI-1978 (F, RB, PAMG).

MATERIAL E MÉTODOS

Coleta e Identificação do Material

Para o presente trabalho, foram realizadas excursões visando à coleta de material e observações de campo.

O exemplar analisado para estudo taxonômico e fitoquímico foi coletado no bairro de Pimenteiras, no âmbito do Maciço da Serra dos Órgãos e depositado no Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. O material botânico foi identificado e comparado com exemplares depositados nas seguintes instituições: Field Museum of Natural History (F); Herbarium Conservatoire et Jardin Botanique de la Ville de Genève (G); Herbário Alberto Castellanos – FEEMA (GUA); Herbarium Bradeanum (HB); The Herbarium Royal Botanic Gardens (K); Herbarium New York Botanical Garden (NY); Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (PAMG); Herbário do Museu Nacional (R); Herbário Jardim Botânico do Rio de Janeiro (RB) e United States National Herbarium (US).

Ensaio Farmacoquímicos

Esterilização e Secagem

O material colhido foi seco em temperatura ambiente e ao abrigo da luz direta, e transformado em pó com auxílio de um moinho de faca do tipo Wiley. Em seguida, foi levado à estufa a 80°C, para eliminação de possíveis pragas.

Extração

Na extração do material foram usados éter, álcool e água como solventes e, para cada um, 25 g da droga em pó. Foram obtidos extratos alcoólicos e etéreos através do extrator de Soxhlet por 14 horas, e um extrato aquoso, por trituração da droga em liquidificador.

A marcha de análise foi iniciada com o extrato aquoso no qual foram pesquisados:

Heterosídeos antociânicos: Três alíquotas de 5 ml de extrato foram conduzidas respectivamente a valores de pH neutro, ácido e alcalino, e comparadas às colorações obtidas com a cor original. Foram constatadas modificações nas cores.

Saponinas: Em tubos de ensaio fechados, os extratos neutros e alcoólicos foram agitados vigorosamente durante 5 min. Colocados em repouso, as espumas formadas perduraram, em ambos, por mais de oito horas.

Taninos: Em tubos de ensaio, com volumes idênticos de solução extrativa, colocaram-se, respectivamente, soluções de acetato de chumbo, de cloreto férrico e de sulfato de cobre, tendo ocorrido precipitação deles. Para o acetato de chumbo e o sulfato de cobre, os precipitados foram de cor amarela, e para o cloreto férrico, de cor escura.

Antraquinonas: Foram aquecidos 5 g da droga pulverizada, por 10 min, em presença de 10 ml de solução de ácido clorídrico a 10%. Em seguida, foi filtrada a solução em um funil de decantação, ao qual se adicionou igual volume de benzeno. Após agitação, separou-se a fase benzênica, que foi tratada por igual volume de água e lentilhas de hidróxido de sódio, não tendo sido positiva a reação para antraquinonas.

Flavonóides: Foram colocados em um tubo de ensaio 2 ml de extrato alcoólico e acrescentadas algumas gotas de ácido clorídrico SR e fita magnésio metálico, de cerca de 1 cm. Decorridos 10 min, a solução não apresentou a coloração vermelha característica.

Esteróides: Foram evaporados até a secura 20 ml de extrato e o resíduo retomado por 20 ml de clorofórmio. Filtrou-se e dividiu-se a solução em duas frações de 10 ml, tendo sido uma tratada pelo método de Salkowski, que consiste em juntar à solução gotas de ácido sulfúrico concentrado. Constatou-se que a solução adquiriu uma coloração rosa.

A segunda fração foi submetida à reação de Liebermann-Bouchard, que consistiu em juntar à solução 1 ml de anidrido acético e três gotas de ácido sulfúrico concentrado. Ocorreu

turvação de cor azulada que passou a verde, após alguns segundos.

Com o mesmo propósito, uma alíquota do extrato etéreo, correspondente a 10-15 g de planta seca, foi evaporada até a secura e nela adicionado ácido clorídrico a 5%, após o que o extrato foi lavado três vezes com 70 ml de benzeno. A seguir, aqueceu-se a solução benzênica durante 1 h, sob refluxo, em presença de 5 g de hidróxido de potássio e 50 ml de etanol. A esta mistura adicionou-se água e separou-se a camada benzênica, da qual se retirou 10% que foi evaporado até a secura. O resíduo foi dissolvido em 2 ml de clorofórmio e, em seguida, adicionaram-se 4 ml de anidrido acético e 0,2 ml de ácido sulfúrico concentrado, ficando a mistura em repouso por meia hora. Foi observado desenvolvimento de cor.

Osídios redutores e não-redutores: Foram aquecidos em tubo de ensaio até a fervura 5 ml de reativo de Fehling, aos quais se juntou, em seguida, igual volume do extrato aquoso. Após novo aquecimento, foi observada a formação de um precipitado. Os 5 ml de extrato foram tratados por ácido clorídrico SR, de modo a resultar uma concentração aproximada de 10%. Promoveu-se a colocação do reagente de Fehling. Com novo aquecimento, foi observado o aparecimento de um precipitado com a cor de tijolo.

Alcalóides: Foram aquecidos em banho-maria, durante 1 h, 25 g de droga com álcool etílico a 80% e a seguir filtrados a vácuo. O resíduo foi lavado com cerca de 100 ml de álcool quente e o volume levado a 250 ml. Alíquotas de 20 ml foram, então, tratadas com 100 ml de solução de ácido clorídrico a 5% e, posteriormente, adicionou-se silicotungstíco. Deixou-se a solução em repouso durante meia hora, quando se observou a formação de um precipitado.

Com a mesma finalidade, 20 ml do extrato etéreo evaporaram-se e o resíduo, retomado com 15 ml de ácido clorídrico, foi filtrado. Adicionaram-se as gotas do reativo de Dragendorff, Bouchardad, Marme e Mayer, sendo observada a formação de precipitados.

Bases orgânicas: Evaporaram-se 20 ml de extrato alcoólico e o resíduo foi retomado com 15 ml de solução de ácido clorídrico N/1. O extrato foi alcalinizado com solução de hidróxido de sódio N/1 e agitado sucessivamente com porções de éter etílico. Foram reunidas as porções etéreas, evaporadas, acrescentados 5 ml de água e medido o pH. A reação foi alcalina.

TESTE DE ATIVIDADE HEMOLÍTICA

Foram evaporados 20 ml do extrato alcoólico em banho-maria e dispersados em água destilada. Filtrou-se a solução em algodão e ela foi esterilizada por filtração em vela de Seitz. Foi preparada uma placa de Petri Agar-sangue. Em seguida, embeberam-se discos de papel de filtro estéril com a solução, distribuindo-os adequadamente na placa que, colocada em estufa a 37°C por 24 horas, revelou a formação de um pequeno halo de 2 mm de diâmetro (Bier, [19--]).

TESTE DE SENSIBILIDADE IN VITRO ANTIBIOSE

Foram evaporados 10 ml do extrato alcoólico em banho-maria e dispersados em água destilada. Neutralizou-se o extrato com solução de hidróxido de sódio N/1. A seguir ele foi filtrado em algodão e esterilizado por filtração em vela de Seitz. Prepararam-se seis placas de Petri com Agar-simples, contendo as bactérias recém-inoculadas: *Staphylococcus epidermidis*, *Escherichia coli*, *Klebsiella* sp., *Bacillus subtilis*, *Salmonella Cholerae-suis* e *Serratia marcescens*.

Após a semeadura, o extrato foi deixado em estufa a 37°C por uma hora. Embeberam-se discos de papel de filtro estéril com extrato aquoso de planta, que foram distribuídos adequadamente nas placas semeadas. Mantidos em estufa a 37°C por 48 h, não foi observada a formação de halos (Bier, [19--]).

RESULTADOS

A espécie *Piper lhotzkyanum* Kunth (Piperaceae) é conhecida como aperta-ruão, em Minas Gerais, e pimenteira, no Rio de Janeiro. As inflorescências, quando maceradas ou mastigadas, propiciam forte aroma, sensação de ardor e analgesia.

Os ensaios farmacológicos revelaram grande concentração de tanino, saponinas, osídios redutores e não-redutores, alcalóides e bases orgânicas; menor concentração de esteróides e ausência de flavonóides e antroquinonas.

Os ensaios biológicos revelaram discreta ação hemolítica e antibacteriana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIER, O. **Bacteriologia e imunologia em suas aplicações à medicina e à higiene:** exames bacteriológicos de usos corrente. 16.ed. São Paulo: Melhoramentos, [19--]. cap. 49, p.867-869.
- COIMBRA, R.; SILVA, D. da. **Notas de fitoterapia:** catálogo dos dados principais sobre plantas utilizadas em medicina e farmácia. 2.ed. Rio de Janeiro: Laboratório Clínico Silva Araújo, 1958. 429p.
- COSTA, A.F. **Farmacognonia.** 22.ed. Lisboa: Fundação Calouste, 1978a. p.1057-1071.
- COSTA, A.F. **Farmacognonia.** 32.ed. Lisboa: Fundação Calouste, 1978b. p.1875-1896.
- ICHASO, C.L.F.; GUIMARÃES, E.F.; COSTA, C.G. Piperaceae do Município do Rio de Janeiro: I – o gênero *Piper* L. **Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v.20, p.145-188, 1976.
- KUNTH, K.S. Bemerkungen uber die familie der Piperaceae. **Linnaea**, Berlin, v.13, p.561-726, 1839.
- MIQUEL, F.A.W. Piperaceae. In: MARTIUS, C.F.P. von; EICHER, A.G.; URBAN, I. [Ed.]. **Flora Brasiliensis**. Liepzig, 1852/1853. p.1-76.
- YOUNCKER, T.G. The Piperaceae of Brazil: I – *Piper* – Group I, II, III, IV. **Hoehnea**, São Paulo, v.2, p.19-366, 1972.

FLÓRULA DA RESERVA BIOLÓGICA MUNICIPAL DO POÇO BONITO, LAVRAS, MG III – FORMAÇÃO FLORESTAL¹

MANUEL LOSADA GAVILANES, MÍTZI BRANDÃO, ARY T. DE OLIVEIRA FILHO,
RENATA JIMENEZ DE ALMEIDA, JOSÉ MÁRCIO DE MELLO e FLÁVIO F. AVEZUM

SUMÁRIO: Este trabalho enfoca o levantamento dos componentes da formação florestal ocorrente na Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, localizada na cidade de Lavras, Minas Gerais, Brasil. Foram coletadas e identificadas 322 espécies, distribuídas em 218 gêneros, pertencentes a 87 famílias.

Palavras-chave: Flora de Lavras-MG; Composição Florística; Vegetação de Minas Gerais.

SUMMARY: A survey is presented of the plant species occurring in the forest formation of the County Reserve of Poço Bonito, Lavras, Minas Gerais State, Brazil. The occurrence of 322 different plant species, distributed on 218 genera and 87 families, is discussed.

Key-words: Flora of Lavras-MG; Floristic Composition; Vegetation of Minas Gerais-Brazil.

INTRODUÇÃO

Dando continuidade ao estudo da cobertura vegetal da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras-MG, iniciada pelos trabalhos de: Gavilanes; Brandão, 1987, 1991ab e Gavilanes et al., 1990, enfocam-se, no presente trabalho, as espécies ocorrentes na formação florestal existente na área. Tal formação está classificada, segundo os conceitos de Rizini (1963), como Floresta Tropical Pluvial Baixo Montana.

Esta formação vegetal, que acompanha todo o estreito aluvial correspondente ao Córrego das Vilas Boas, mostra-se bem definida dentro da área em estudo, confrontando-se, nas partes mais baixas, com o Cerrado e áreas esparsas de Campo Rupestre e, nas partes mais altas, com o Campo Rupestre e o Campo Limpo (Fig. 1). Pode ser categorizada também como Mata Ciliar, devido à sua associação com o curso d'água.

De maneira geral, a mata apresenta-se pouco densa, com trechos mais fechados, onde proliferam trepadeiras e arbustos; o seu estrato mais alto oscila entre 15 e 25 m, com indivíduos de troncos finos, raramente ultrapassando 40,0 cm de diâmetro; as epífitas são raras; o estrato gramíneo-herbáceo mostra-se restrito a alguns pontos, acrescido de inúmeras pteridófitas de pequeno a médio porte.

OBJETIVO

Este trabalho objetivou cadastrar as espécies ocorrentes na área recoberta pela Mata Ciliar, dentro da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, dando continuidade aos trabalhos de Gavilanes; Brandão (1991ab), que neles enfocaram as es-

pécies de Cerrado e Campo Rupestre, respectivamente, e estabeleceram as primeiras etapas para estudo posterior da cobertura vegetal de todo o município de Lavras.

MATERIAL E MÉTODOS

Desde 1982 vêm sendo realizadas coletas de material botânico, de forma aleatória, na área em apreço. No período 1988/1991, foram realizadas excursões quinzenais para observações, anotações de dados e coletas, de forma mais intensiva. Durante a realização das coletas, foram levadas a efeito anotações sobre os nomes populares e os usos locais das espécies ocorrentes.

Do material coletado, após tratamento e manuseio, prepararam-se exsicatas botânicas que estão depositadas no Herbário do Departamento de Biologia da Escola Superior de Agricultura de Lavras, Lavras/MG (Herbário ESAL) e Herbário da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG (Herbário PAMG/EPAMIG).

Após identificadas, as espécies foram listadas de acordo com as famílias e gêneros a que pertencem.

Foram calculados índices de similaridade florística, expressa pelo coeficiente de Jaccard, (Brower; Zar, 1977) entre o presente levantamento e cinco outros levantamentos florísticos realizados em matas do estado de São Paulo (Brower; Zar, 1977). Estes levantamentos foram escolhidos em função de sua maior proximidade com os da região Sul de Minas Gerais e também por apresentarem listagens de espécies bastante expressivas (mais de 130 espécies).

* Aceito para publicação em setembro de 1991.

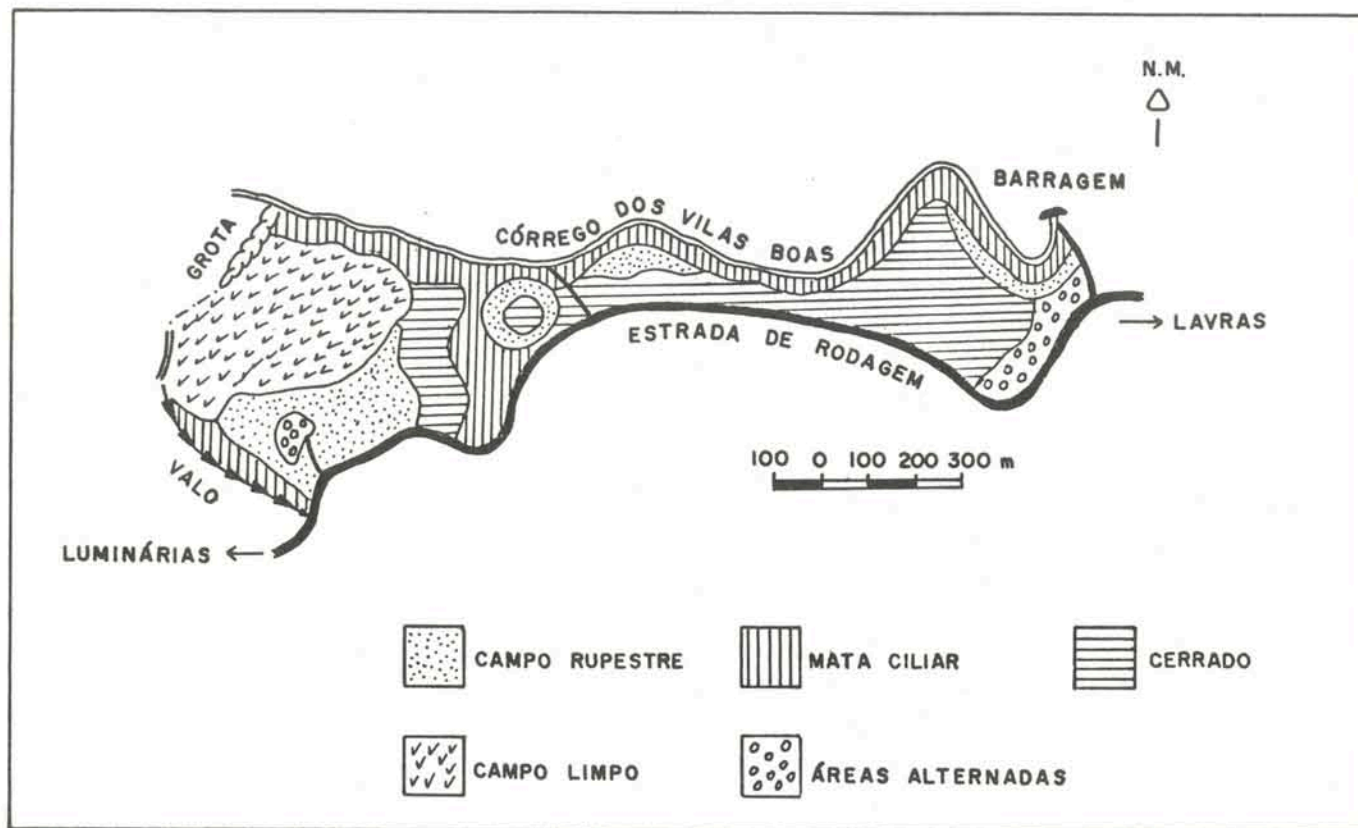


Figura 1 – Esboço da Cobertura Vegetal da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras – MG.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na formação florestal, ocorrente na Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras-MG, foram coletadas e identificadas, até o presente momento, 322 espécies de 218 gêneros, englobados em 87 famílias (Quadro 1, 2 e 3).

No Quadro 1 estão relacionadas as plantas vasculares sem sementes, compreendendo 10 famílias, 17 gêneros e 29 espécies; no Quadro 2 estão listadas as plantas vasculares com sementes, representadas por 77 famílias, 201 gêneros e 293 espécies, e no Quadro 3 são relacionadas as famílias, o número de gêneros e o de espécies coletadas na área, até a presente data.

As árvores mais altas são representadas pelas seguintes espécies: *Sclerolobium rugosum* Mart. forma *plurijugum* Mell. Barr. (angá), *Tapirira marchandii* Engl. (pau-pombo), *Alchornea triplinervea* (Spreng.) Muell. Arg. (tapiã), *Ocotea ociphylla* (Nees & Mart. ex Nees) Nees (canela-poca), *Miconia cinnamomifolia* (DC.) Naud. (casca-de-arroz), *Croton celtidifolius* Baill. (sangue-de-drago), *Byrsonima perseaeifolia* Gardn. (murici-da-mata), *Protium heptaphyllum* (Aubl.) March. (almecegueira), *Ocotea corymbosa* (Meissn.) Mez (canelinha), *Tabebuia vellosi* Tol. (ipê-amarelo), *Cedrela fissilis* Vell. (cedro), *Talauma ovata* St. Hil. (pinha-do-brejo), *Inga luschnatiana* Benth. (ingá), *Bowdichia virgilioides* H.B.K. (sucupira-preta), *Anadenanthera peregrina* (L.) Spreng. (angico), *Enterolobium contortisiliquum* (Vell.) Morong. (tamboril), *Casearia obliqua* Spreng. (língua-de-téiu), *Machaerium villosum* Vog. e *Machaerium nictitans* Benth. (jacarandás), seguidas por um

segundo estrato, representado por: *Siphoneugena densiflora* Berg. (cravinho), *Miconia chartacea* Tr. (mexeriquinha), *Calyptantes clusiaefolia* (Miq.) Berg., *Copaifera langsdorffii* Desf. (pau-d'óleo), *Protium almecega* March. (almecegueira), *Pera ovata* Baill. (pau-de-sapateiro), *Miconia argiophylla* DC. (casca-de-arroz), *Ocotea odorifera* (Vell.) Rohwer (canela-sassafrás), *Rapanea umbellata* (Mart.) Mez (capororoca), *Psychotria hancorniiifolia* Benth., *Trichilia emarginata* (Turcz.) C. DC. (catiguá), *Tapirira guianensis* Aubl. (pau-pombo), *Senna macranthera* (Coll.) Irwin & Barneby (fedegoso), *Tibouchina candolleana* Cogn. e *Tibouchina stenocarpa* Schr. et Mart. ex DC. (quaresmeiras), *Rapanea ferruginea* (R. & P.) Mez (capororoca) e *Vochysia tucanorum* Mart. (pau-de-tucano).

Um terceiro estrato, o sub-bosque, mostra-se representado por arvoretas entre 4-6 m de altura, contendo espécies dos seguintes gêneros: *Lithraea*, *Annona*, *Duguetia*, *Guatteria*, *Ilex*, *Jacaranda*, *Cordia*, *Maytenus*, *Lamanonia*, *Casearia*, *Xylosma*, *Rheedia*, *Vismia*, *Salicsea*, *Ocotea*, *Piptadenia*, *Zollernia*, *Miconia*, *Siparuna*, *Mollinedia*, *Eugenia*, *Gomidesia*, *Brunfelsia*, *Psidium*, *Bathysa*, *Zanthoxylon*, *Luehea*, etc.

O estrato arbustivo contém exemplares das famílias Acanthaceae, Compositae, Euphorbiaceae, Erythroxylaceae, Labiatae, Lythraceae, Melastomataceae, Ochnaceae, Nyctaginaceae, Piperaceae, Rubiaceae, Sterculiaceae, Solanaceae, entre outras.

São inúmeras as Pteridófitas, desde aquelas de grande porte, ligadas aos gêneros *Alsophila*, *Cyathea* e *Nephelea*, como aquelas de menor porte, pertencentes aos gêneros *Adiantum*, *Doryopteris*, *Pityrogramma*, *Pteris*, *Asplenium*,

QUADRO 1 – Relação das Plantas Vasculares sem Semeles Coletadas nas Áreas Florestais da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras-MG

Família	Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Hábito
ADIANTACEAE	<i>Adiantum cuneatum</i> Langsd. & Fish.	Avenca-de-folha-miúda	Erva
	<i>Adiantum subcordatum</i> Swartz	Avenca	Erva
	<i>Doryopteris pedata</i> L.	–	Erva
	<i>Pityrogramma calomelanus</i> (L.) Link.	Samambaia-prateada	Erva
	<i>Pityrogramma myriophylla</i> Link.	–	Erva
	<i>Pteris</i> sp.	–	Erva
ASPLENIACEAE	<i>Asplenium serratum</i> L.	–	Erva
	<i>Elaphoglossum tectum</i> Moore	Língua	Erva
	<i>Elaphoglossum</i> sp.	Língua	Erva
BLECHNACEAE	<i>Blechnum brasiliense</i> Desv.	Samambaia-do-brejo	Erva
	<i>Blechnum curadianum</i> Brade	–	Erva
	<i>Blechnum glandulosum</i> Link.	–	Erva
	<i>Blechnum occidentale</i> L.	Samambaia-do-brejo	Erva
	<i>Blechnum serrulatum</i> Rich.	–	Erva
	<i>Blechnum splenioides</i> Sw.	–	Erva
CYATHEACEAE	<i>Alsophila elegans</i> Mart.	Samambaiaçu	
	<i>Cyathea delgadii</i> Sternb.	Samambaiaçu-vermelho	
	<i>Nephelea sternbergii</i> (Stern.) Tryon	Samambaiaçu-branco	
DENNSTAEDTIACEAE	<i>Lindsaea quadrangularis</i> Raddi	–	Erva
	<i>Pteridium aquilinum</i> (L.) Kuhl.	Samambaia-das-taperas	Erva
GLEICHENIACEAE	<i>Gleichenia furcata</i> (L.) Spreng.	Samambaia-dura	Erva
LYCOPODIACEAE	<i>Lycopodium alopecurioides</i> L.	Licopódio	Erva
	<i>Lycopodium clavatum</i> L.	Licopódio	Erva
	<i>Lycopodium lycopodioides</i> L.	Licopódio	Erva
	<i>Lycopodium pendulinum</i> Hook.	Licopódio	Erva
	<i>Lycopodium reflexus</i> (Lam.) Hert.	Licopódio	Erva
OSMUNDACEAE	<i>Osmunda palustris</i> Schrader	Samambaia-do-brejo	Erva
POLYPODIACEAE	<i>Polypodium percussum</i> Cav.	–	Trepadeira
SCHYZAEACEAE	<i>Lygodium polymorphum</i> (Cav.) H.B.K.	Abre-caminho	Trepadeira

FONTE: Crabbe et al. (1975).

QUADRO 2 – Relação das Plantas Vasculares com Sementes, Coletadas nas Áreas Florestais da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras-MG.

Família	Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Hábito (Continua)
ACANTHACEAE	<i>Beloperone monticola</i> Nees.	–	Subarbusto
	<i>Dicliptera squarrosa</i> Naud.	–	Subarbusto
	<i>Ebermaiera minarum</i> Nees.	–	Subarbusto
	<i>Justicia umbrosa</i> (Nees.) Lindl.	–	Subarbusto
	<i>Justicia</i> sp.	–	Subarbusto
	<i>Mendoncia velloziana</i> Mart.	–	Trepadeira
	<i>Ruellia macrantha</i> Mart.	–	Subarbusto
	<i>Ruellia</i> sp.	–	Subarbusto
	<i>Sericoglossis</i> sp.	–	Subarbusto
ANACARDIACEAE	<i>Lithraea molleoides</i> (Vell.) Engl.	Aroeira-branca, aroeirinha	Árvore
	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Pau-pombo, pombeiro	Árvore
	<i>Tapirira marchandii</i> Engl.	Pau-pombo, pombeiro-branco	Árvore
ANNONACEAE	<i>Annona cacans</i> Warm.	Araticum-cagão	Árvore
	<i>Duguetia lanceolata</i> St. Hil.	Biribá	Árvore
	<i>Guatteria nigrescens</i> Mart.	Pindaíba-preta, araticum-seco	Arvoreta
	<i>Xylopia brasiliensis</i> Spreng.	Pindaíba, pau-de-mastro	Árvore
	<i>Xylopia emarginata</i> Mart.	Pindaíba-do-brejo	Árvore
APOCYNACEAE	<i>Condylocarpon rauwolfiae</i> Muell.	Macarrão	Trepadeira
AQUIFOLIACEAE	<i>Ilex conocarpa</i> Reiss.	Catuaba-do-mato, congonha	Árvore
ARALIACEAE	<i>Dendropanax cuneatum</i> (DC.) Decne & Planch.	Maria-mole, mandioca	Árvore
	<i>Didymopanax calvus</i> (Cham.) Decne & Planch.	Mandiocão, morototó	Árvore
ARAUCARIACEAE	<i>Araucaria angustifolia</i> (Bert.) O. Ktze.	Pinheiro-brasileiro	Árvore
ARISTOLOCHIACEAE	<i>Aristolochia</i> sp.	Jarrinha	Trepadeira
BIGNONIACEAE	<i>Arrabidaea</i> sp.	–	Trepadeira
	<i>Jacaranda micrantha</i> Cham.	Caroba-do-mato	Árvore
	<i>Friedericia speciosa</i> Mart.	Cigana	Trepadeira
	<i>Pyrostegia venusta</i> (Ker-Gawl.) Miers.	Cipó-de-são-joão	Trepadeira
	<i>Pithecoctenium echinatum</i> (Jacq.) K. Schum.	Pente-de-macaco	Trepadeira
	<i>Tabebuia vellozoi</i> Toledo	Ipê-amarelo-da-serra	Árvore
BORAGINACEAE	<i>Cordia ecalyculata</i> Vell.	Louro-mole, bugrinha, porangaba	Árvore
	<i>Cordia rufescens</i> A. DC.	Bago-de-boi, grão-de-galo	Árvore
	<i>Cordia sellowiana</i> Cham.	Chá-de-bugre, juruté	Árvore
BROMELIACEAE	<i>Aechmaea contracta</i> Bak.	Abacaxi-do-mato	Epífita
	<i>Bilbergia elegans</i> Mart. ex Schlecht.	Abacaxi-do-mato	Epífita
	<i>Bromelia</i> sp.	–	Epífita

Família	Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Hábito (Continua)
BUDDLEJACEAE	<i>Buddleja brasiliensis</i> Jacq. ex Spreng.	Barbasco, calção-de-velho	Arbusto
BURSERACEAE	<i>Protium abnecega</i> March. <i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March.	Almecegueira, breu-casca-lisa Almecegueira, breu-cascudo	Árvore Árvore
CACTACEAE	<i>Rhipsalis</i> sp.	—	Epífita
CAESALPINACEAE	<i>Bauhinia longifolia</i> (Bong.) Steud. <i>Bauhinia holophylla</i> (Steud.) Bong. <i>Chamaecrista setosa</i> (Vog.) Irwin & Barneby <i>Copaifera langsdorfii</i> Desf. <i>Senna ferruginea</i> Schrad. <i>Senna macranthera</i> (Coll.) Irwin & Barneby <i>Sclerolobium rugosum</i> Mart. forma plurijugum Mell. Barr.	Pata-de-vaca, unha-de-vaca Unha-de-vaca — Pau-d'óleo, copaíba-vermelha Canafstula, fedegoso Fedegoso, amarelinho Angá, cangalheiro, carvoeiro	Árvore Arbusto Arvoreta Árvore Árvore Árvore Árvore
CAMPANULACEAE	<i>Siphocampylus westinianus</i> (Bilb.) Pohl.	Flor-de-beija-flor	Subarbusto
CELASTRACEAE	<i>Maytenus glazioviana</i> Laes. <i>Maytenus salicifolia</i> Reiss.	Coração-de-bugre, cafezinho Fruta-de-pomba	Árvore Árvore
CLETHRACEAE	<i>Clethra scabra</i> Pers.	Vassourão, canjuja, guaperê	Árvore
COMBRETACEAE	<i>Terminalia argentea</i> Mart. & Zucc. <i>Terminalia glabrescens</i> Mart.	Capitão-do-campo Mirindiba, aração-d'água	Árvore Árvore
COMMELINACEAE	<i>Commelina robusta</i> L. <i>Tradescantia elongata</i> G.F.W. Meyer	Trapoeraba Trapoeraba-rosa	Erva Erva
COMPOSITAE	<i>Alomia fastigiata</i> (Gardn.) Benth. ex Baker <i>Baccharis ligustrina</i> DC. <i>Baccharis maxima</i> Baker <i>Baccharis</i> sp. <i>Bidens rosifolius</i> H.B.K. <i>Dasyphyllum candolleianum</i> Cabr. <i>Dasyphyllum sprengelianum</i> (Gardn.) Cabr. <i>Elephantopus riparius</i> Gardn. <i>Eremanthus incanus</i> Less. <i>Lychnophora</i> sp. <i>Mikania cordifolia</i> (L.f.) Willd. <i>Mikania hirsutissima</i> DC. <i>Piptocarpha axillaris</i> (Less.) Baker <i>Trixis glutinosa</i> G. Don <i>Vanillosmopsis erythropappa</i> Sch.-Bip. <i>Vernonia discolor</i> Less.	Santa-luzia — — — Picão-cipó Espinheira Espinheira Língua-de-vaca Pau-de-candeia — Guaco Guaco Vassoura-preta, canela-podre Arrepiada Candeia, cambará Vassourão-preto	Erva Arbusto Arbusto Arbusto Trepadeira Arbusto Arbusto Erva Árvore Árbusto Trepadeira Trepadeira Árvore Árvore
CONVOLVULACEAE	<i>Ipomoea cairica</i> (L.) Sweet. <i>Ipomoea longicuspis</i> Meissn.	Corda-de-viola, getirana Corda-de-viola, getirana	Trepadeira Trepadeira
CUNONIACEAE	<i>Lamanonia ternatea</i> Vell.	Salgueiro-do-mato	Árvore

Família	Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Hábito (Continua)
CYPERACEAE	<i>Cyperus compressus</i> L.	Tiririca	Erva
	<i>Rhynchospora aurea</i> Vahl.	Capim-navalha	Erva
	<i>Scleria pterota</i> Presl.	Capim-navalha	Erva
DILLENIACEAE	<i>Davilla elliptica</i> St.-Hil.	Lixinha	Arbusto
	<i>Doliocarpus</i> sp.	Lixeirinha	Trepadeira
DIOSCOREACEAE	<i>Dioscorea</i> sp.	Cará-do-mato	Trepadeira
ELAEOCARPACEAE	<i>Sloanea monosperma</i> Vell.	Castanha-brava, ouriço	Árvore
ERYTHROXYLACEAE	<i>Erythroxylum cuneifolium</i> (Mart.) O.E. Schulz.	Fruta-de-pomba	Arvoreta
EUPHORBIACEAE	<i>Acalypha brasiliensis</i> Muell. Arg.	Acalifa	Arbusto
	<i>Actinostemon communis</i> (Muell. Arg.) Pax.	Laranjeira-brava	Árvore
	<i>Alchornea iricurana</i> Casar	Iricurana, tapiá	Árvore
	<i>Alchornea triplinervea</i> (Spreng.) Muell. Arg.	Tapiá-vermelho, tanheiro	Árvore
	<i>Croton celtidifolius</i> Baill.	Tapichingui, capichingui	Árvore
	<i>Croton floribundus</i> Spreng.	Tapichingui, capichingui	Árvore
	<i>Croton urucurana</i> Baill.	Sangue-de-drago, sangra-d'água	Árvore
	<i>Drypetes sessiliflora</i> Fr. Allem.	Folha-de-serra	Árvore
	<i>Hieronyma ferruginea</i> Tull.	Sangue-de-boi	Árvore
	<i>Pera obovata</i> Baill.	Pau-de-sapateiro	Árvore
FABACEAE	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vog.) Yak.	Chapada	Árvore
	<i>Aeschynomene falcata</i> (Poir.) DC.	Carrapicho	Erva
	<i>Andira anthelmia</i> (Vell.) Macbr.	Angelim-amargo, pau-de-morcego	Árvore
	<i>Bowdichia virgilioides</i> H.B.K.	Sucupira-preta	Árvore
	<i>Camptosema scarlatinum</i> (Mart. ex Benth.) Burk.	Cardeal	Arbusto
	<i>Centrosema pubescens</i> Benth.	Roxinha	Árvore
	<i>Dalbergia variabilis</i> Vog.	Braçadeira, assapuva	Árvore
	<i>Dalbergia villosa</i> (Benth.) Benth.	Caviúna, milho-torrado	Árvore
	<i>Machaerium angustifolium</i> Vog.	Jacarandá-de-espinho, adolfo	Árvore
	<i>Machaerium brasiliensis</i> Vog.	Jacarandá, canela-do-brejo	Árvore
	<i>Machaerium condensatum</i> Kuhl. & Hoehne	Jacarandá	Árvore
	<i>Machaerium nictitans</i> Benth.	Bico-de-pato, jacarandá-ferro	Árvore
	<i>Machaerium villosum</i> Vog.	Jacarandá-mineiro	Árvore
	<i>Myroxylon peruiferum</i> L. f.	Bálsamo, cabreúva	Árvore
	<i>Ormosia arborea</i> (Vell.) Harms.	Tento, macanaíba	Árvore
	<i>Platypodium elegans</i> Vog.	Faveiro, jacarandá-branco	Árvore
<i>Zollernia ilicifolia</i> Benth.	Azevinho	Árvore	
FLACOURTIACEAE	<i>Casearia arborea</i> (L.C. Rich) Urban	Cascaria	Árvore
	<i>Casearia decandra</i> Jacq.	Pitumba, cambroé	Árvore
	<i>Casearia lasiophylla</i> Eichl.	Espeto	Árvore
	<i>Casearia obliqua</i> Spreng.	Estralado, guaçatonga	Árvore
	<i>Xylosma ciliatifolium</i> (Clos.) Eichl.	Agustinho	Árvore

Família	Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Hábito (Continua)
GRAMINEAE	<i>Chusquea capituliflora</i> Trin.	Bambuzinho	Erva Erva Erva
	<i>Chusquea prunifolia</i> Nees.	Bambuzinho	
	<i>Merostachys neesii</i> Rupr.	Taquara-poca	
	<i>Olyra micrantha</i> H.B.K.	Capim-de-sombra	
	<i>Panicum selowii</i> Nees.	—	
	<i>Paspalum mandiocanum</i> Trin.	—	
GUTTIFERAE	<i>Calophyllum brasiliensis</i> Camb.	Guanandi, mangue	Árvore
	<i>Kielmeyera corymbosa</i> Mart.	Pau-santo	Arbusto
	<i>Rheedia gardneriana</i> Planch. & Triana	Bacupari-miúdo, bacoparé	Árvore
	<i>Vismia brasiliensis</i> Choisy	Pau-de-lacre, purga-de-vento	Árvore
HIPPOCRATEACEAE	<i>Salacia elliptica</i> (Mart. ex Schult.) E. Don.	Bacupari	Árvore
HUMIRIACEAE	<i>Humiriastrum glaziovii</i> Urban	Oiticica	Árvore
LABIATAE	<i>Eriope macrostachya</i> Mart.	Hortelã-do-mato	Arbusto
	<i>Hyptis pauliana</i> Epling.	Hortelã-do-mato	Arbusto
	<i>Hyptis reticulata</i> Mart. ex Benth.	Hortelã-do-mato	Arbusto
LACISTEMATACEAE	<i>Lacistema hasslerianum</i> Chodat	Cafeeiro-do-mato	Arvoreta
LAURACEAE	<i>Aniba firmula</i> Nees & Mart. ex Nees	Canela-sassafrás	Árvore
	<i>Beilchmiedia emarginata</i> (Meissn.) Kostern.	Canela-ameixa	Árvore
	<i>Cinnamomum glaziovii</i> (Mez) Vattimo	Canela-papagaio, garuva	Árvore
	<i>Cryptocaria aschaersoniana</i> Mez.	Canela-branca, cajati	Árvore
	<i>Cryptocaria moschata</i> Nees & Mart. ex Nees	Canela-noz-moscada, canela-fogo	Árvore
	<i>Endlicheria paniculata</i> (Spreng.) Macbr.	Canela-peluda, canela-do-brejo	Árvore
	<i>Nectandra grandiflora</i> Nees	Canela-sassafrás	Árvore
	<i>Nectandra mollis</i> (H.B.K.) Nees	Canela-amarela	Árvore
	ssp. <i>oppositifolia</i> (Nees) Rol.		
	<i>Ocorea ociphylla</i> (Nees & Mart. ex Nees) Ness	Canela-poca, canela-amarela	Árvore
	<i>Ocotea corymbosa</i> (Meissn.) Mez	Canela-bosta, canela-preta	Árvore
	<i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer	Canela-sassafrás, sassafrás	Árvore
	<i>Ocotea pulchella</i> (Nees) Mez	Canela-lajeana, canelinha	Árvore
	<i>Ocotea velloziana</i> Meissn.	Louro-preto	Árvore
	<i>Persea pyrifolia</i> Nees	Massaranduba, canela-rosa	Árvore
	LOGANIACEAE	<i>Spigelia offersiana</i> Cham. et Schl.	—
<i>Strychnos gardneri</i> A. DC.		Quina-de-cipó	Trepadeira
LYTHRACEAE	<i>Diplusodon myrsinitis</i> DC.	Cai-cai	Arbusto
	<i>Diplusodon virgatus</i> Pohl.	Cai-cai	Arbusto
MAGNOLIACEAE	<i>Talauma ovata</i> St. Hil.	Pinha-do-brejo, baguaçu	Árvore
MALPIGHIACEAE	<i>Banisteriopsis argyrophylla</i> (A. Juss.) Gates	Cipó-ouro	Trepadeira
	<i>Banisteriopsis cambessediana</i> (A. Juss.) Gates	Cipó-ouro	Trepadeira
	<i>Byrsonima intermedia</i> A. Juss.	Murici, canjica	Arbusto

Família	Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Hábito (Continua)	
MALPIGHIACEAE	<i>Byrsonima perseaefolia</i> Gardn.	Murici-da-mata	Árvore	
	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) Rich. ex A. Juss.	Murici	Arvoreta	
	<i>Heteropteris byrsonimifolia</i> Juss.	—	Arvoreta	
MELASTOMATACEAE	4 <i>Leandra lancifolia</i> Cogn.	—	Arbusto	
	5 <i>Leandra pectinata</i> Cogn.	Aperta-mão	Arbusto	
	6 <i>Leandra scabra</i> DC.	Pixirica, camará-do-mato	Arbusto	
	7 <i>Miconia argyrophylla</i> DC.	Casca-de-arroz	Árvore	
	8 <i>Miconia cabucu</i> Hoehne	Cabuçu	Arvoreta	
	9 <i>Miconia chamissonis</i> Naud.	Maria-preta	Árvore	
	10 <i>Miconia chartacea</i> Tr.	Mexeriquinha	Árvore	
	11 <i>Miconia cinnamomifolia</i> (DC.) Naud.	Casca-de-arroz, jacatirão	Árvore	
	12 <i>Miconia hispida</i> Cogn.	Pixirica	Árvore	
	13 <i>Miconia pepericarpa</i> DC.	Maria-preta	Arvoreta	
	14 <i>Miconia rigidiuscula</i> Cogn.	Pixirica	Arvoreta	
	15 <i>Miconia rubiginosa</i> (Bompl.) DC.	Maria-preta	Arbusto	
	16 <i>Miconia sellowiana</i> Naud.	Jacatirão	Árvore	
	17 <i>Miconia stenostachya</i> Schr. et Mart. ex DC.	Maria-preta	Arbusto	
	18 <i>Tibouchina candolleana</i> Cogn.	Quaresmeira	Árvore	
	19 <i>Tibouchina stenocarpa</i> (DC.) Cogn.	Quaresmeira	Árvore	
	20 <i>Trembleya parviflora</i> (Don.) Cogn.	—	Arbusto	
		<i>Trembleya phlogiformis</i> Mart. et Sch. ex DC.	—	Arbusto
	MELIACEAE	<i>Cabralea cangerana</i> (Vell.) Mart.	Canjerana, cedro-canjerana	Árvore
		<i>Cabralea polytricha</i> Juss.	Canjerana-do-campo	Árvore
<i>Cedrela fissilis</i> Vell.		Cedro, cedro-branco	Árvore	
<i>Guarea guidonea</i> (L.) Sleumer		Piorra	Árvore	
<i>Trichilia emarginata</i> (Turcz.) C. DC.		Catiguá	Árvore	
MIMOSACEAE	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	Angico	Árvore	
	<i>Anadenanthera peregrina</i> (L.) Spreng.	Angico-vermelho	Árvore	
	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong.	Orelha-de-negro	Árvore	
	<i>Inga barbata</i> Reiss.	Ingá-cabeludo	Árvore	
	<i>Inga fagifolia</i> Willd.	Ingá	Árvore	
	<i>Inga luschnatiana</i> Benth.	Ingauçu	Árvore	
	<i>Inga uruguensis</i> Hook. et Arn.	Ingá	Árvore	
	<i>Mimosa vellosiana</i> Mart. ex Benth.	Arranha-gato	Arbusto	
	<i>Piptadenia gonoacantha</i> Benth.	Pau-jacaré	Árvore	
	<i>Pithecellobium incuriale</i> (Vell.) Benth.	Bordão-de-velho, itapicuru	Árvore	
MONIMIACEAE	<i>Mollinedia argyrogyna</i> Perk.	Negramina	Árvore	
	<i>Mollinedia triflora</i> (Spreng.) Tul.	Capixim, pau-de-espeto	Árvore	
	<i>Siparuna apiosyce</i> (Mart.) DC.	Limoeiro-bravo	Arvoreta	
	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Negramina, capitú	Arvoreta	
MORACEAE	<i>Cecropia glaziovii</i> Smith.	Embaúba-vermelha	Árvore	
	<i>Cecropia lyratiloba</i> Miq.	Embaúba-branca	Árvore	
	<i>Cecropia pachystachya</i> Tréc.	Embaúba-cinzenta	Árvore	

Família	Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Hábito (Continua)	
MORACEAE	<i>Ficus mexiae</i> Standl.	Figueira	Árvore	
	<i>Pseudobmedia laevigata</i> Tréc.	Muiratinga	Árvore	
	<i>Sorocea bonplandii</i> (Baillon) W. Burger	–	Arvoreta	
MYRSINACEAE	<i>Cybianthus brasiliensis</i> (Mez.) August.	–	Arvoreta	
	<i>Cybianthus cuneifolius</i> Mart.	–	Arvoreta	
	<i>Rapanea ferruginea</i> (Ruiz et Pav.) Mez	Azeitona-do-mato	Árvore	
	<i>Rapanea guianensis</i> Aubl.	Capororoca-comum	Árvore	
	<i>Rapanea lancifolia</i> (Mart.) Mez	Pororoca-branca	Árvore	
	<i>Rapanea umbellata</i> (Mart.) Mez	Capororoca-verdadeira	Árvore	
MYRTACEAE	<i>Calycorettes acutatus</i> (Miq.) Berg	Amarelinho	Árvore	
	<i>Calyptanthes brasiliensis</i> Spr.	Guamirim	Árvore	
	<i>Calyptanthes clusiaefolia</i> (Miq.) Berg	Jaborandi	Árvore	
	<i>Eugenia aurata</i> Berg.	Canzil, murtinha	Árvore	
	<i>Eugenia florida</i> DC.	Pimenteira	Árvore	
	<i>Eugenia handroana</i> Legr.	Casca-de-papel	Árvore	
	<i>Eugenia myrtifolia</i> Camb.	Pitanguinha-preta	Árvore	
	<i>Eugenia puniceifolia</i> (Kunth.) DC.	Murta-vermelha	Árvore	
	<i>Gomidesia affinis</i> (Camb.) Legr.	Guamirim	Árvore	
	<i>Gomidesia eriocalyx</i> (DC.) Legr.	Guamirim-orelhinha	Árvore	
	<i>Gomidesia velutina</i> Berg.	Guamirim	Arbusto	
	<i>Myrceugenia euosma</i> (Berg.) Legr.	Vassourinha	Árvore	
	<i>Myrcia rostrata</i> DC.	Folha-miúda	Árvore	
	<i>Myrcia velutina</i> Berg.	Piúna	Árvore	
	<i>Psidium cattleianum</i> Sab.	Araçá-do-mato	Árvore	
	<i>Psidium guajava</i> L. f.	Goiabeira	Árvore	
	<i>Siphoneugena densiflora</i> Berg.	Cravinho	Árvore	
	NYCTAGINACEAE	<i>Guapira novia</i> (Netto) Lundell.	João-mole-maria-mole	Árvore
	OCHNACEAE	<i>Ouratea semiserrata</i> (Mart. & Nees) Engl.	Farinha-seca	Árvore
OPILIACEAE	<i>Agonandra engleri</i> Hoehne	Cerveja-de-pobre	Arvoreta	
ORCHIDACEAE	<i>Habenaria</i> sp.	Orquídea	Epífita	
	<i>Oncidium</i> sp.	Orquídea	Epífita	
PALMAE	<i>Geonoma schottiana</i> Mart.	Guarianga, aricanga	–	
PASSIFLORACEAE	<i>Passiflora haematostigma</i> Mart.	Maracujá	Trepadeira	
	<i>Passiflora miersii</i> Mart.	Maracujá	Trepadeira	
	<i>Passiflora pohlíi</i> Mart.	Maracujá	Trepadeira	
	<i>Passiflora serrato-digitata</i> L.	Maracujá	Trepadeira	
	<i>Passiflora villosa</i> Vell.	Maracujá	Trepadeira	
PIPERACEAE	<i>Otonia leptostachya</i> Kunth.	Jaborandi, jaguarundi	Arbusto	
	<i>Piper aduncum</i> L.	Erva-do-jaboti, aberta-mão	Arbusto	
	<i>Piper caracollanum</i> C. DC.	Caapeba	Arbusto	

Família	Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Hábito (Continua)
PIPERACEAE	<i>Piper gaudichaudianum</i> Kunth.	Fruto-de-Morcego	Arbusto
	<i>Pothomorphe umbellata</i> (L.) Miq.	Caapeba-do-norte	Arbusto
PODOCARPACEAE	<i>Podocarpus sellowii</i> Klotzsch	Pinheirinho	Arvoreta
POLYGONACEAE	<i>Coccoloba warmingii</i> Meissn. & Descr.	Cabuçu	Árvore
PROTEACEAE	<i>Roupala brasiliensis</i> Klotzsch	Carne-de-vaca	Árvore
	<i>Roupala longepetiolata</i> Pohl.	Carne-de-vaca	Árvore
ROSACEAE	<i>Prunus sellowii</i> Koehne	Pessegueiro-bravo	Árvore
	<i>Rubus urticaefolius</i> Poir.	Amora-do-mato	Arbusto
RUBIACEAE	<i>Alibertia sessilis</i> (Vell.) Schum.	Marmelinho-do-campo	Árvore
	<i>Amaioua guianensis</i> Aubl.	Marmelada, canela-de-veado	Árvore
	<i>Bathysa australis</i> Hook.	Folha-larga	Árvore
	<i>Coccosypselum hasslerianum</i> Chod.	–	Erva
	<i>Faramea cyanea</i> Muell. Arg.	Cafezinho	Árvore
	<i>Faramea multiflora</i> A. Rich. ex DC.	Café-do-mato	Árvore
	<i>Ixora gardneriana</i> Benth.	Ixora-do-mato	Árvore
	<i>Ladenbergia hexandra</i> (Pohl.) Klotzsch.	Pau-de-colher	Árvore
	<i>Palicourea longipedunculata</i> Gardn.	Erva-de-rato	Arbusto
	<i>Posoqueria latifolia</i> (Rudge) Roem. & Schult.	–	Árvore
	<i>Psychotria carthaginensis</i> Jacq.	Erva-de-rato	Arbusto
	<i>Psychotria hancorniiifolia</i> Benth.	Erva-de-rato	Arbusto
	<i>Psychotria hastisepala</i> DC.	Erva-de-rato	Arbusto
	<i>Psychotria sessilis</i> (Vell.) Muell. Arg.	Folha-miúda	Arbusto
	<i>Psychotria suterella</i> Muell. Arg.	Erva-de-rato	Arbusto
	<i>Relbunium hipocarpium</i> (L.) Hemsley	–	Erva
	<i>Relbunium hirtum</i> Schum.	–	Subarbusto
	<i>Rudgea virbunioides</i> (Cham.) Benth.	Casca-branca, chá-de-bugre	Arvoreta
	<i>Thieleodoxa lanceolata</i> (Hook.) Cham.	Maria-branca	Arbusto
<i>Tocoyena</i> sp.	Marmelada	Arbusto	
RUTACEAE	<i>Dictyoloma incanescens</i> DC.	Mil-foihas	Árvore
	<i>Esenbeckia grandiflora</i> Mart.	Mamoninha, guasupira	Árvore
	<i>Galipea multiflora</i> Schult.	Quina-falsa, guamixinga	Arvoreta
	<i>Zanthoxylum nigrum</i> Mart.	Mamica-de-porca	Árvore
	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Mamica-de-porca	Arvoreta
SABIACEAE	<i>Meliosma sellowii</i> Urban	Congonha-de-folha-larga	Árvore
SAPINDACEAE	<i>Cupania racemosa</i> (Vell.) Radlk.	Caguatã, camboatã	Árvore
	<i>Matayba elaeagnoides</i> Radlk	Pau-crioulo, cragoatã-branco	Árvore
	<i>Serjania lethalis</i> St. Hil.	Timbó	Trepadeira
SIMAROUBACEAE	<i>Picramnia glazioviana</i> Engl.	Pau-amargo, café-bravo	Árvore

Família	Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Hábito (Conclusão)
SOLANACEAE	<i>Brunfelsia brasiliensis</i> (Spr.) Smith. & Downs	Manacá	Árvoreta
	<i>Sessea regnellii</i> Taub.	—	Árvore
	<i>Solanum cernuum</i> St. Hil.	Panacéia	Arbusto
STERCULIACEAE	<i>Helicteres ovata</i> Lam.	Guaxima	Arbusto
	<i>Guazuma ubnifolia</i> Lam.	Pau-de-motamba, camacã	Árvore
STYRACACEAE	<i>Styrax pohlilii</i> A. DC.	Benjoeiro, benjoim	Árvore
SYMPLOCACEAE	<i>Symplocos lanceolata</i> DC.	Chá-de-caboclo	Árvore
THEACEAE	<i>Ternstroemia brasiliensis</i> Camb.	—	Árvore
THYMELAEACEAE	<i>Daphnopsis fasciculata</i> (Meissn.) Nevl.	Imbira	Árvore
TILIACEAE	<i>Luehea divaricata</i> Mart.	Açoita-cavalo	Árvore
	<i>Luehea grandiflora</i> Mart. & Zucc.	Açoita-cavalo	Árvore
	<i>Luehea paniculata</i> Mart.	Açoita-cavalo	Árvore
ULMACEAE	<i>Celtis iguanaea</i> (Jacq.) Sarg.	Grão-de-galo, joá-miúdo	Árvoreta
VERBENACEAE	<i>Aegiphilla sellowiana</i> Cham.	Briáúva, pau-de-tamanco	Árvoreta
	<i>Lippia candida</i> Cham.	Viuvinha-branca	Subarbusto
	<i>Vitex polygama</i> Cham.	Maria-preta, velame-do-campo	Árvore
VOCHYSIACEAE	<i>Callisthene minor</i> Mart.	Itapiúna	Árvore
	<i>Qualea glauca</i> Warm.	Pau-terra-branco	Árvore
	<i>Qualea multiflora</i> Mart.	Pau-terra	Árvore
	<i>Vochysia tucanorum</i> Mart.	Pau-de-tucano, caixeta	Árvore
WINTERACEAE	<i>Drymis brasiliensis</i> Miers.	Casca-de-anta, paratudo	Árvore

Elaphoglossum, *Lycopodium* e *Blechnum*.

Entre as epfitas, que se mostram raras, são encontrados exemplares ligados aos gêneros *Bilbergia*, *Bromelia*, *Oncidium* e *Rhynchospora*.

Entre as gramíneas, são encontrados representantes dos gêneros *Chusquea*, *Merostachys*, *Olyra*, *Panicum* e *Paspalum*, distribuídos ora formando moitas densas, ora como indivíduos solitários.

Na faixa de transição mata-cerrado encontram-se as seguintes espécies: *Cremastrus pulcher* (Cham) Bur (carobinha), *Ananas ananassoides* (Baker) Smith (ananás), *Austroplenckia populnea* (Reiss.) Lund. (treme-treme), *Erythroxylum campestris* St. Hil. (fruta-de-tucano), *Erythroxylum suberosum* St. Hil. (cabelo-de-negro), *Croton lundianus* (F. Diendr.) Muell. Arg. (gervão-branco), *Casearia sylvestris* Sw. (língua-de-téiu), *Juncus effusus* L. (junco), *Strychnos pseudo-quina* St. Hil. (quina-falsa), *Smilax* sp. (japicanga), *Aegiphilla lhotzkiana* Cham. (pau-de-

papagaio), *Qualea multiflora* Mart. (cinzeiro), *Banisteriopsis campestris* (A. Juss.) Little, *Piptocarpha rotundifolia* (Lees.) Baker e *Tabebuia ochracea* (Cham.) Steud. (ipê-amarelo).

Nas clareiras e na orla, algumas invasoras podem ser vistas, a exemplo de: *Eupatorium laevigatum* Lam. (cambará-falso), *Eupatorium maximilianii* Sch. (mata-pasto), *Eupatorium squalidum* DC. (mata-pasto), *Wulffia stenoglossa* DC. (cambará-açu), *Chamaecrista rotundifolia* (Pers.) Greene (erva-coração), *Desmodium incanum* DC. (carrapicho-beiço-de-boi), *Stylosanthes scabra* Vog. (alfafa-do-campo), *Cuphea carthagenensis* (Jacq.) March., *Cuphea ingrata* Cham. & Schlecht. e *Cuphea mesostemon* Koehne (sete-sangrias), *Sida linifolia* L. (malva), *Ludwigia suffruticosa* (L.) Hara (cruz-de-malta), *Borreria alata* DC. (erva-quente), *Borreria verticillata* (L.) Mey (poaia) e *Lantana tiliaefolia* Mart. (cambará), o que evidencia a ação antrópica do homem.

O presente levantamento apresenta uma similaridade flo-

QUADRO 3 – Famílias, Número de Gêneros e de Espécies Ocorrentes nas Áreas Florestais da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras-MG

Família	Gênero	Espécie
ACANTHACEAE	7	9
ADIANTACEAE	4	6
ANACARDIACEAE	2	3
ANNONACEAE	4	5
APOCYNACEAE	1	1
AQUIFOLIACEAE	1	1
ARALIACEAE	2	2
ARAUCARIACEAE	1	1
ARISTOLOCHIACEAE	1	1
ASPLENIACEAE	2	3
BIGNONIACEAE	6	6
BLECHNACEAE	1	6
BORAGINACEAE	1	3
BROMELIACEAE	3	3
BUDDLEJACEAE	1	1
BURSERACEAE	1	2
CACTACEAE	1	1
CAESALPINACEAE	6	7
CAMPANULACEAE	1	1
CECROPIACEAE	1	3
CELASTRACEAE	1	2
CLETHRACEAE	1	1
COMBRETACEAE	1	2
COMMELINACEAE	2	2
COMPOSITAE	11	16
CONVOLVULACEAE	1	2
CUNONIACEAE	1	1
CYATHEACEAE	3	3
CYPERACEAE	3	3
DENNSTAEDTIACEAE	2	2
DILLENACEAE	2	2
DIOSCORIACEAE	1	1
ELAEOCARPACEAE	1	1
ERYTHROXYLACEAE	1	1
EUPHORBIACEAE	7	10
FABACEAE	12	17
FLACOURTIACEAE	2	5
GLEICHENIACEAE	1	1
GRAMINEAE	5	6
GUTTIFERAE	4	4

Família	Gênero	Espécie
HIPPOCRATEACEAE	1	1
HUMIRIACEAE	1	1
LABIATAE	2	3
LACISTEMATACEAE	1	1
LAURACEAE	8	14
LOGANIACEAE	2	2
LYCOPODIACEAE	1	5
LYTHRACEAE	1	2
MAGNOLIACEAE	1	1
MALPIGHIACEAE	3	6
MELASTOMATACEAE	4	18
MELIACEAE	4	5
MIMOSACEAE	6	10
MONIMIACEAE	2	4
MORACEAE	3	3
MYRSINACEAE	2	6
MYRTACEAE	7	17
NYCTAGINACEAE	1	1
OCHNACEAE	1	1
OPILIACEAE	1	1
ORCHIDACEAE	2	2
OSMUNDACEAE	1	1
PALMAE	1	1
PASSIFLORACEAE	1	5
PIPERACEAE	3	5
PODOCARPACEAE	1	1
POLYGONACEAE	1	1
PROTEACEAE	1	2
ROSACEAE	2	2
RUBIACEAE	14	20
RUTACEAE	4	5
SABIACEAE	1	1
SAPINDACEAE	3	3
SCHYZAEACEAE	1	1
SIMAROUBACEAE	1	1
SOLANACEAE	3	3
STERCULIACEAE	2	2
STYRACACEAE	1	1
SYMPLOCACEAE	1	1
THEACEAE	1	1
TRYMELACACEAE	1	1
TILIACEAE	1	3
ULMACEAE	1	1
VERBENACEAE	3	3
VOCHYSIACEAE	3	4
WINTERACEAE	1	1
TOTAL: 87	218	322

rística de seu componente arbustivo-arbóreo, expressa pelo coeficiente de Jaccard, da ordem de 16 a 20%, quando comparado com cinco levantamentos de florestas do estado de São Paulo, nas regiões vizinhas do Sul de Minas Gerais. O maior valor de similaridade, 19,77% foi encontrado na comparação com a floresta montana semidecídua da Serra do Japi, em Jundiá (Rodrigues, 1986), indicando, certamente, um caráter de floresta montana para o Poço Bonito, algo esperado para altitudes superiores a 500 m. O caráter de floresta ripária fica também evidenciado pelo segundo maior valor de similaridade, 18,58%, encontrado na comparação com a Mata Ciliar do Rio Moji-Guaçu (Mantovani et al., 1990). Os demais valores encontrados indicam similaridades menores nas comparações com uma floresta ombrófila sub-montana, em São José dos Campos (Silva, 1989), com 17,97%, com uma floresta ripária do Rio Ipeúna, em Passa Cinco (Rodrigues, 1991), com 16,85%, e com uma floresta semidecídua sub-montana, em Atibaia (Meira Neto et al., 1989), com 16,32%. Entretanto, é necessário salientar que tais comparações ficam limitadas, pela ausência de levantamentos florísticos de florestas em Minas Gerais que tenham sido feitos com o necessário nível de rigor taxonômico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWER, J.E.; ZAR, J.H. **Field and laboratory methods for general ecology**. Dubuque: Wm. C. Brown, 1977. 226p.
- CRABBE, J.A.; JERMY, A.C.; MICKEL, J.T. A new generic sequence for the pteridophyte herbarium. **Fern Gazette**, London, v.11, n.2/3, p. 141-162, 1975.
- GAVILANES, M.L.; BRANDÃO, M. Flórua da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito – Lavras, MG: formação cerrado. **Daphne**, Belo Horizonte, v.1, n.4, p.24-31, jul. 1991a.
- GAVILANES, M.L.; BRANDÃO, M. Flórua da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras, MG: II - formação campo rupestre. **Daphne**, Belo Horizonte, v.2, n.1, p.7-18, out. 1991b.
- GAVILANES, M.L.; BRANDÃO, M. Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras-MG: informações preliminares sobre a vegetação. **Boletim FBCN**, Rio de Janeiro, v.22, p. 66-70, 1987.
- GAVILANES, M.L.; BRANDÃO, M.; PEREIRA, S.C. Subsídios para o conhecimento da vegetação da "Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito", Lavras-MG. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 36, 1985, Curitiba. **Anais...** Brasília: IBAMA, 1990. v.2, p. 539-557.
- MANTOVANI, W. et al. Estudo fitossociológico de áreas de mata ciliar em Moji-Guaçu, SP, Brasil. In: SIMPÓSIO SOBRE MATA CILIAR, 1989, Campinas. **Anais...** Campinas: Fundação Cargill, 1990. p. 235-267.
- MEIRA NETO, J.A.A. et al. Composição florística da floresta semidecídua de altitude do Parque Municipal da Grota Funda (Atibaia, Estado de São Paulo). **Acta Botanica Brasilica**, Brasília, v.3, n.2, p.51-74, 1989.
- RIZZINI, C.T. Nota prévia sobre a divisão fitogeográfica do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.25, n.1, p. 1-64, jan./mar. 1963.
- RODRIGUES, R.R. **Análise de um remanescente de vegetação natural às margens do Rio Passa Cinco, Ipeúna, SP**. Campinas: UNICAMP, 1991. 325p. Tese Doutorado.
- RODRIGUES, R.R. **Levantamento florístico e fitossociológico das matas da Serra do Japi, Jundiá, SP**. Campinas: UNICAMP, 1986. 198p. Dissertação Mestrado.
- SILVA, A.F. **Composição florística e estrutura fitossociológica do estrato arbóreo da Reserva Florestal Professor Augusto Ruschi, São José dos Campos, SP**. Campinas: UNICAMP, 1989. 162p. Tese Doutorado.

SUMÁRIO: São estudadas as espécies do gênero *Aeschynomene* L., ocorrentes em Minas Gerais e sua distribuição no país.

Palavras-chave: Gênero *Aeschynomene* L. – Fabaceae, Minas Gerais, Brasil.

SUMMARY: The species of *Aeschynomene* L. genus, occurring in Minas Gerais state and their distribution in Brazil, are described.

Key-words: Genus *Aeschynomene* L. – Fabaceae, Minas Gerais, Brazil.

INTRODUÇÃO

O estudo das leguminosas nativas passíveis de serem forrageiras, teve sua primeira etapa em 1975 com o gênero *Stylosanthes* Sw., (Ferreira; Costa, 1979). Posteriormente, as coletas estenderam-se aos gêneros *Aeschynomene*, *Zornia*, *Desmodium*, *Centrosema*, *Galactia*, *Macropitium*, etc. Todos esses gêneros encontram-se no PAMG – Herbário da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais, que possui um bom acervo, o qual vem sendo sistematicamente estudado.

O gênero *Aeschynomene* L. mostra-se muito palatável, sendo avidamente consumido pelos bovinos, o que faz com que raramente se encontrem plantas bem desenvolvidas em áreas sujeitas a pastejo, justificando assim sua escolha para a segunda etapa do projeto.

Após o trabalho de revisão das espécies americanas feitas por Rudd (1955), são poucas as referências encontradas enfocando esse gênero para o estado de Minas Gerais. Do ponto de vista agropecuário, destaca-se o trabalho de Costa et al. (1978), que relaciona seis espécies para o Estado. Como plantas daninhas, algumas das espécies do gênero encontram-se citadas por Lorenzi (1982) e Brandão et al. (1982) para culturas em áreas de várzeas.

Este trabalho baseou-se no levantamento executado por Rudd (1955). Foram encontradas novas ocorrências, e citadas muitas localidades novas para as espécies mencionadas por aquela autora, a qual relacionou 15 espécies para Minas Gerais.

Após coletas intensivas por todo o estado de Minas Gerais e o exame de muitas exsiccatas cedidas por empréstimo através do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, constatou-se a presença de seis espécies já conhecidas e de duas novas para o gênero.

Como ocorrências novas são citadas as espécies: *Aeschynomene americana* var. *americana*, *Aeschynomene fluminensis* var. *fluminensis*, *Aeschynomene evenia* var. *evenia*, *Aeschynomene brasiliana* var. *brasiliana*, *Aeschynomene histrix*

var. *histrix*, *Aeschynomene histrix* var. *incana* e *Aeschynomene brevipes* Benth., o que eleva de 13 para 19 as espécies ocorrentes no Estado, visto que *Aeschynomene histrix* já está aqui representada pela var. *densiflora*. Como espécies novas foram acrescentadas *Aeschynomene Gilberto* Brandão e *Aeschynomene Laca-Buendiana* Brandão, de acordo com Brandão (1991ab).

O presente resultado deveu-se a coletas já armazenadas no PAMG, desde 1975, tendo sido efetivadas no presente ano apenas coletas em áreas serranas, como na Serra do Cipó e disjunções da Cadeia do Espinhaço.

HISTÓRICO

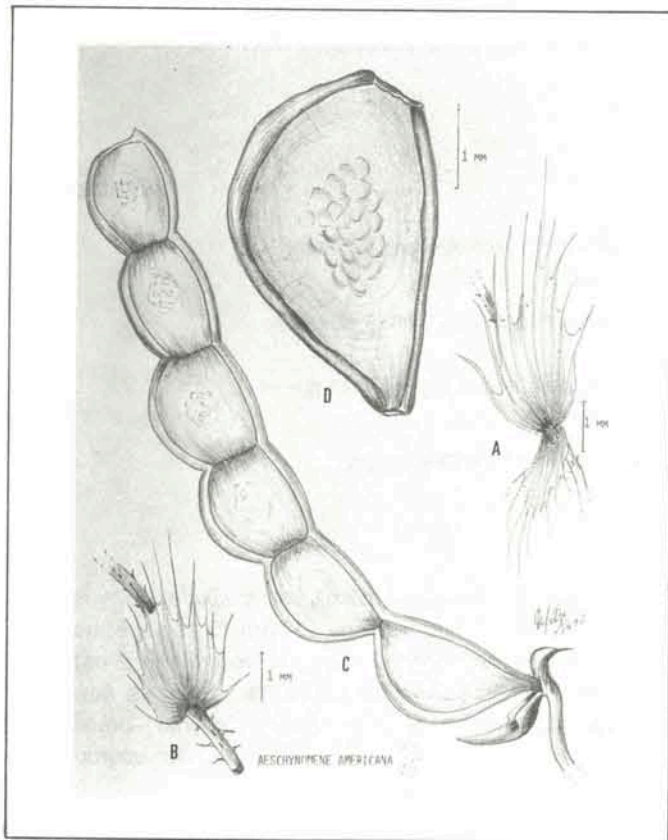
Considera-se *Aeschynomene aspera* L. a espécie tipo do gênero descrita juntamente com mais quatro espécies por Linnaeus em 1753, na primeira edição de "Species Plantarum". Das cinco espécies consideradas, apenas *Aeschynomene indica*, *Aeschynomene americana* e *Aeschynomene aspera* permanecem no gênero ainda hoje.

Nas edições subseqüentes, outras espécies foram descritas e, posteriormente, incluídas em outros gêneros como *Desmodium*, *Sesbania* e *Hedysarum*.

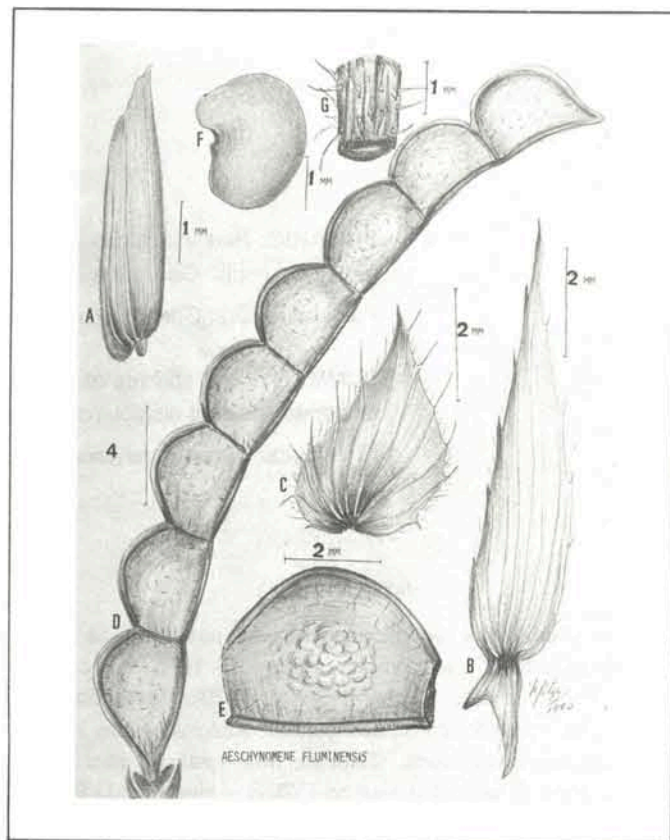
Rudd (1955) menciona que Poiret, em 1797, considerou 29 espécies para o gênero e outros botânicos como, Michaux (1803), Humboldt, Bonpland (1824), De Candolle (1825), Don (1832), Vogel (1838), também o trabalharam, incluindo ou retirando espécies.

Vogel (1838) considera duas seções para o mesmo gênero, a saber: = *Eu-aeschynomene* e *Ochopodium*. Mais tarde, Benth (1859/1862), sinonimiza várias das espécies então existentes, considerando apenas 24, das quais oito seriam novas, apresentando, além das descrições, chave e ilustrações. O mesmo autor retira do gênero *Macromiscus*, Turczanikov (1846), citado por Rudd (1955), a espécie *Macromiscus brasiliensis*, considerando-a como sinônimo de *Aeschynomene montevidensis* e *Macromiscus glandulosus* como o basônimo

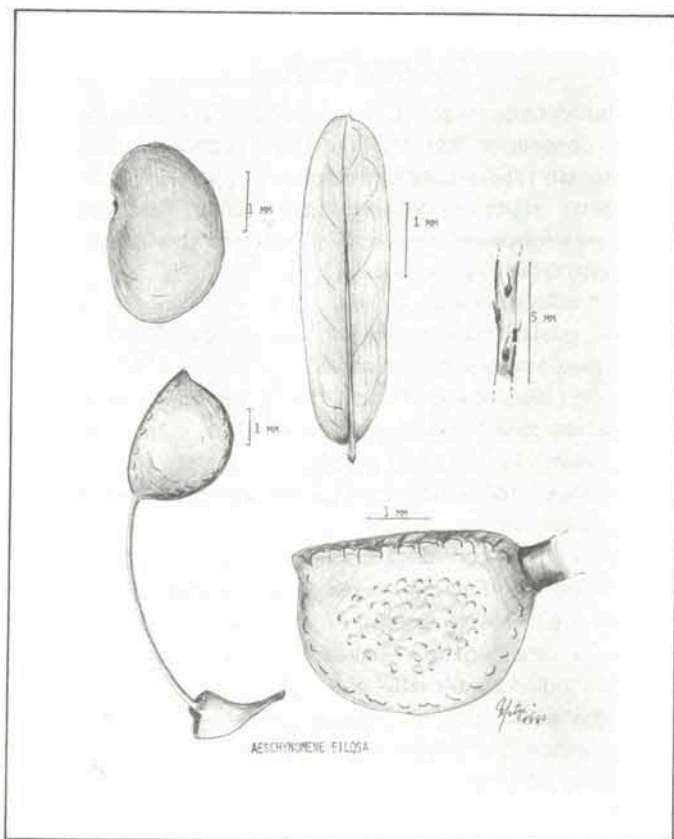
* Aceito para publicação em 30 de setembro de 1991.



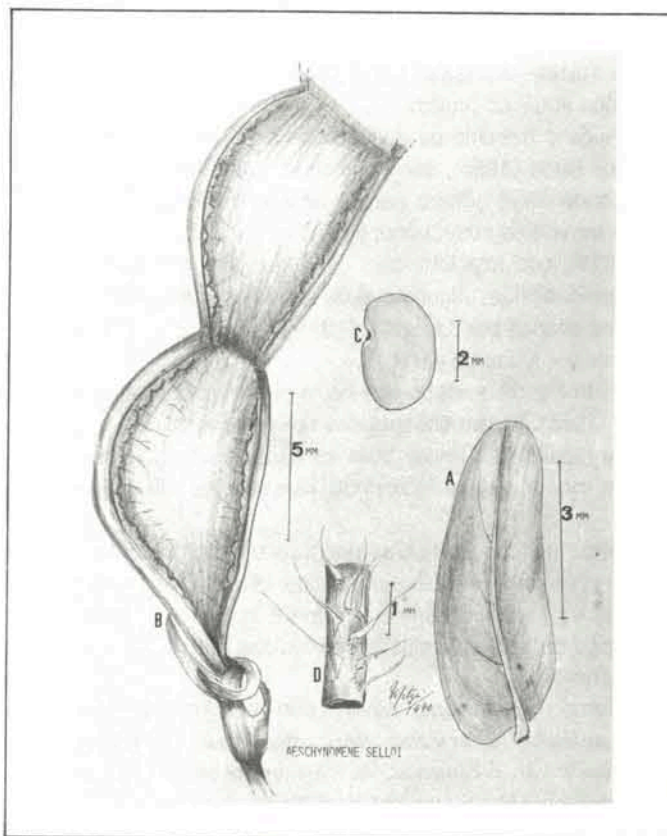
Aeschynomene Americana



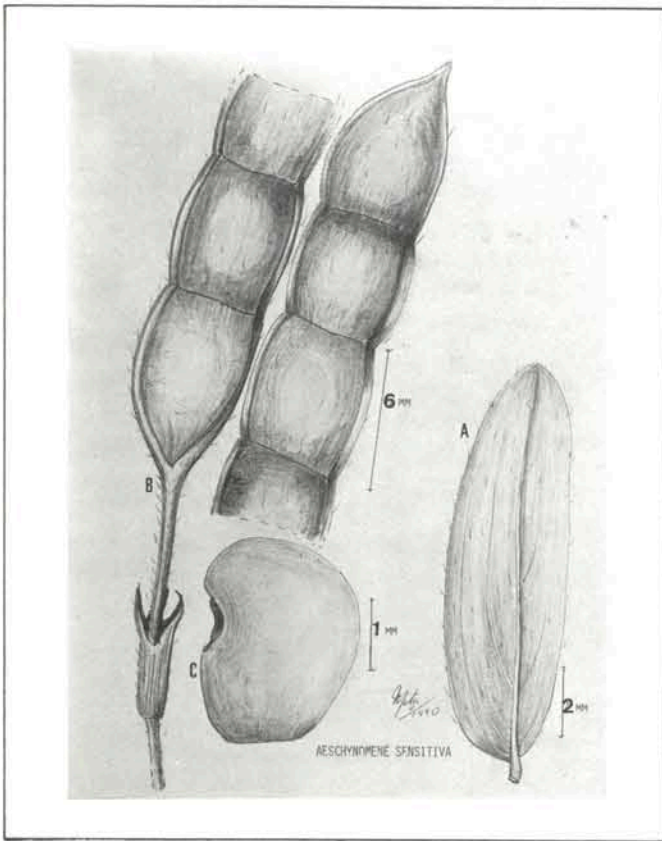
Aeschynomene fluminensis



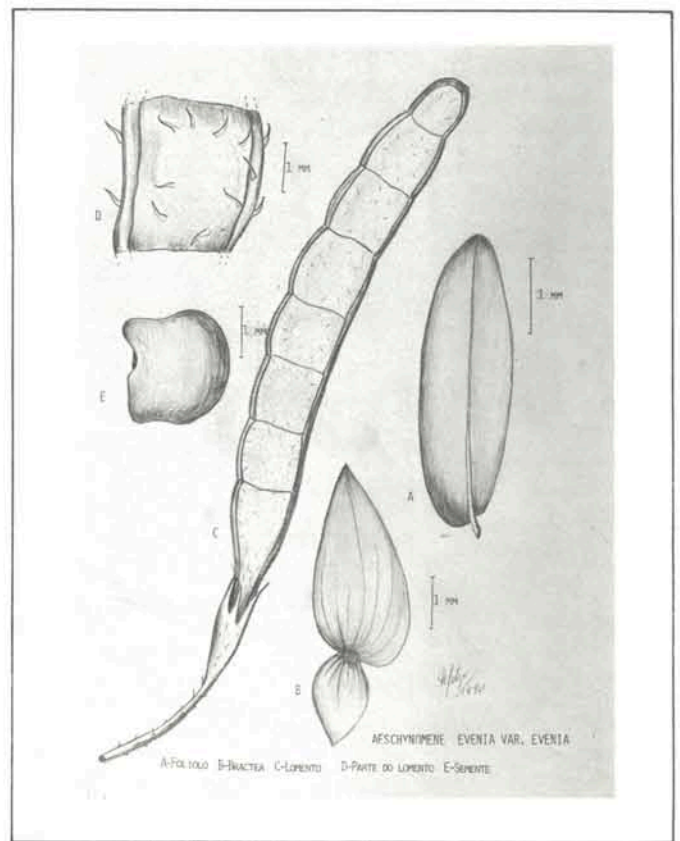
Aeschynomene Filosa



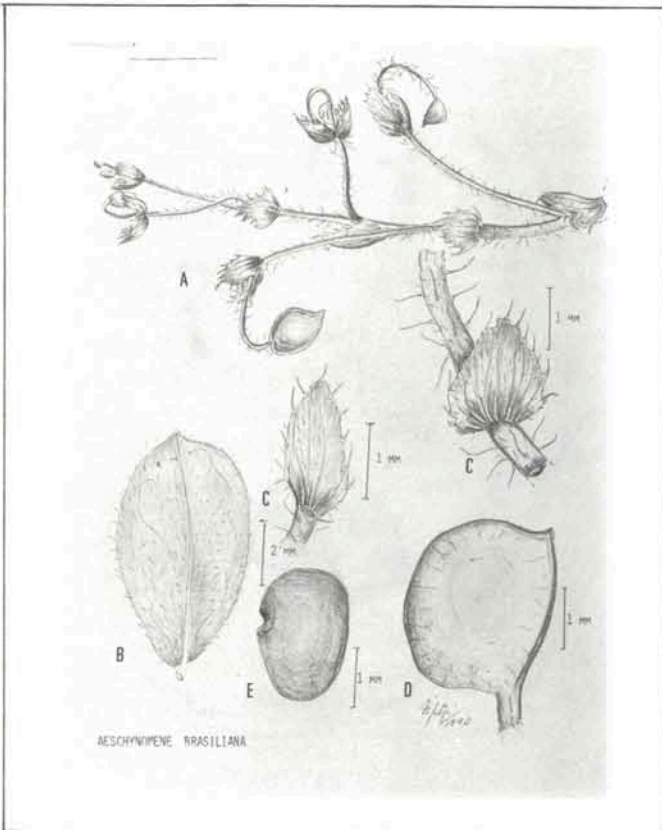
Aeschynomene selloi



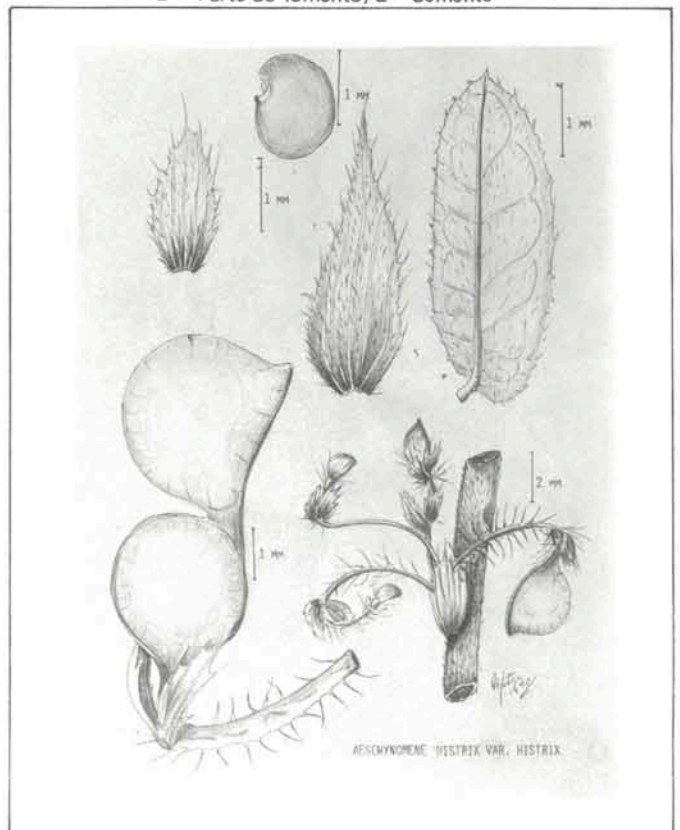
Aeschynomene sensitiva



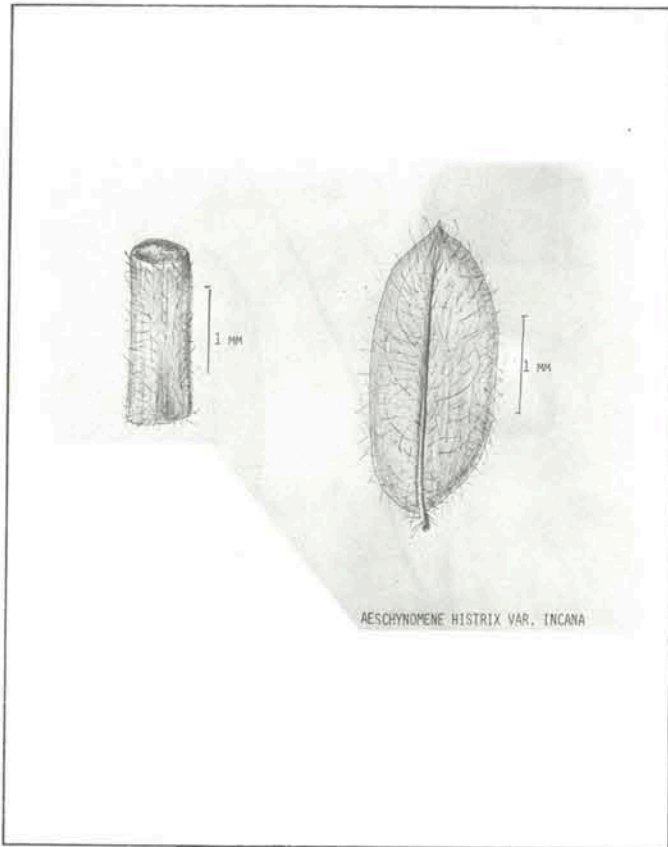
Aeschynomene evenia var. *evenia*
 NOTA: A - Folíolo; B - Bráctea; C - Lomento;
 D - Parte do lomento; E - Semente



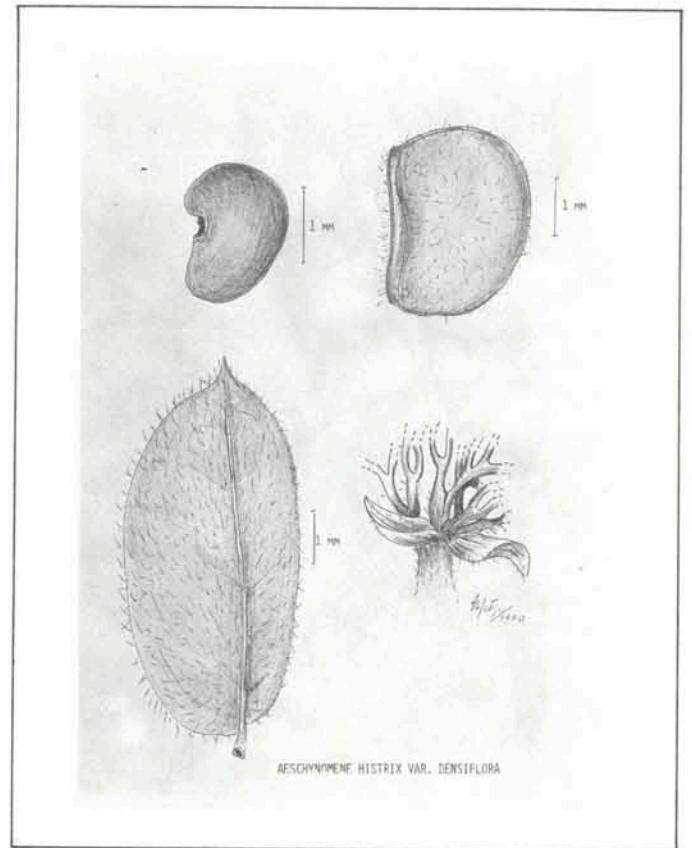
Aeschynomene brasiliiana



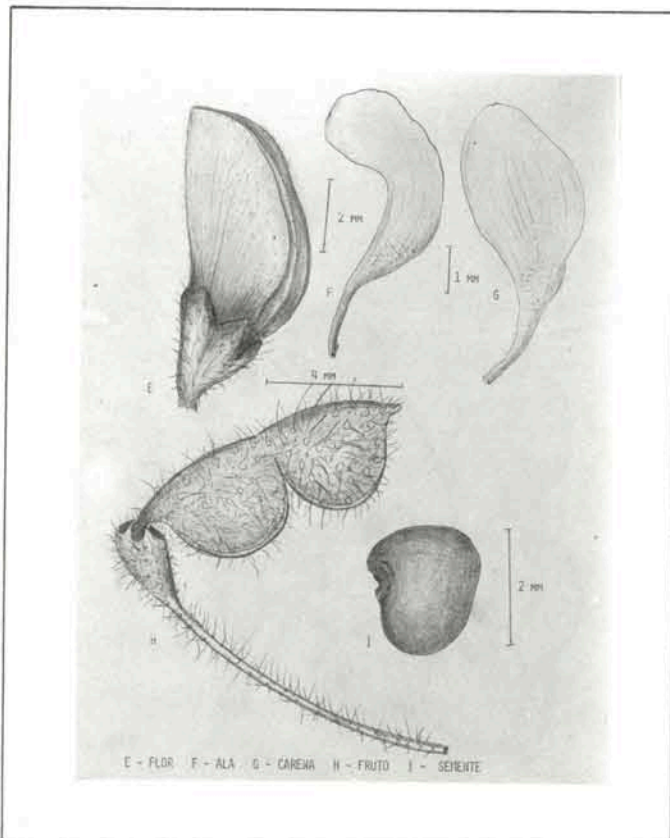
Aeschynomene histrix var. *histrix*



Aeschynomene histrix var. *incana*

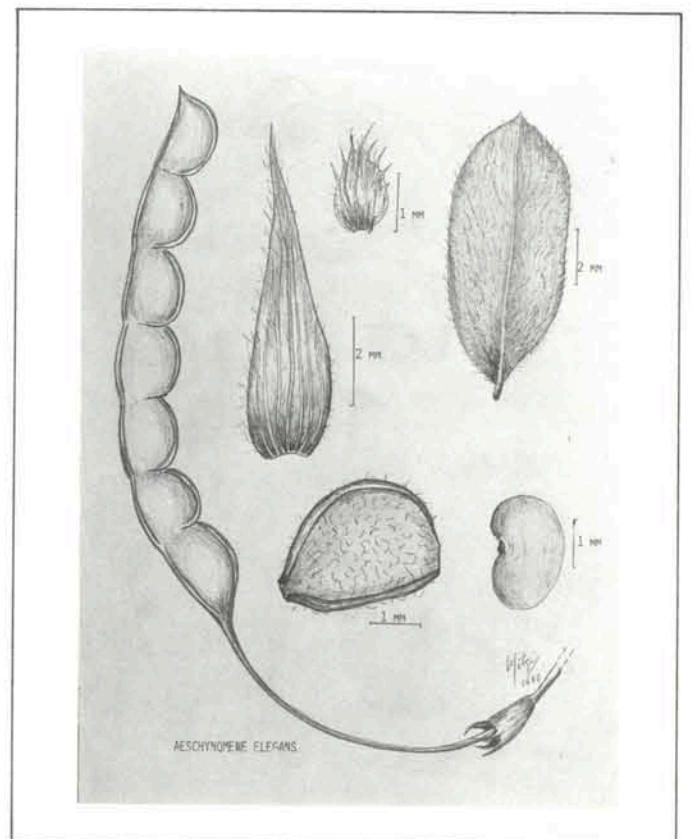


Aeschynomene histrix var. *densiflora*

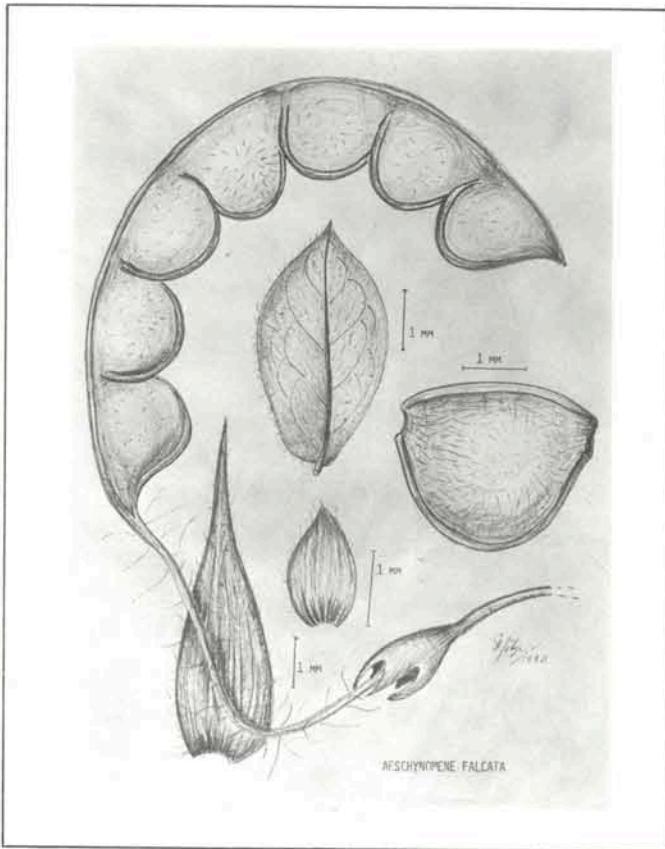


Aeschynomene Gilbertoii

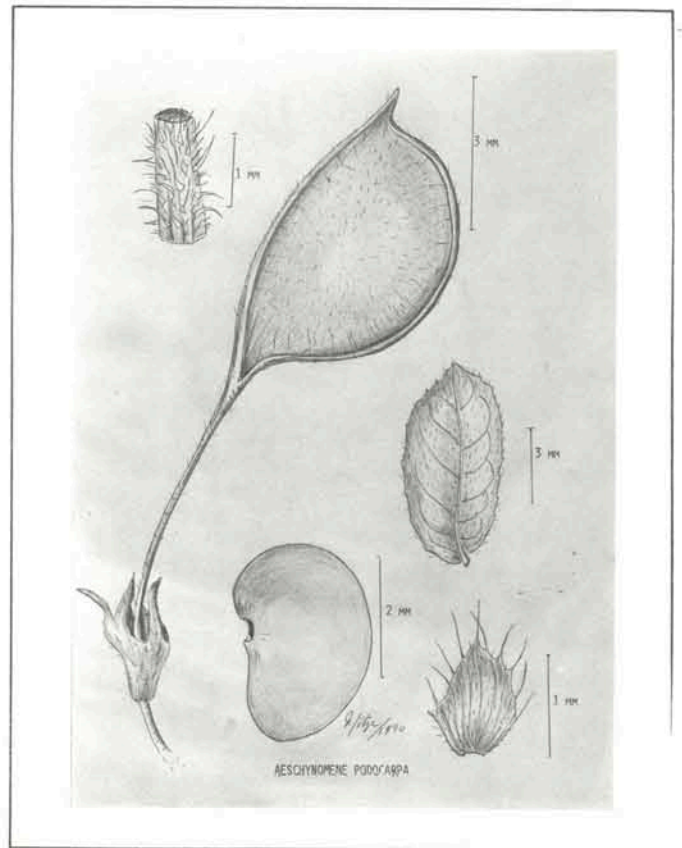
NOTA: E - Flor; F - Ala; G - Carena; H - Fruto; I - Semente



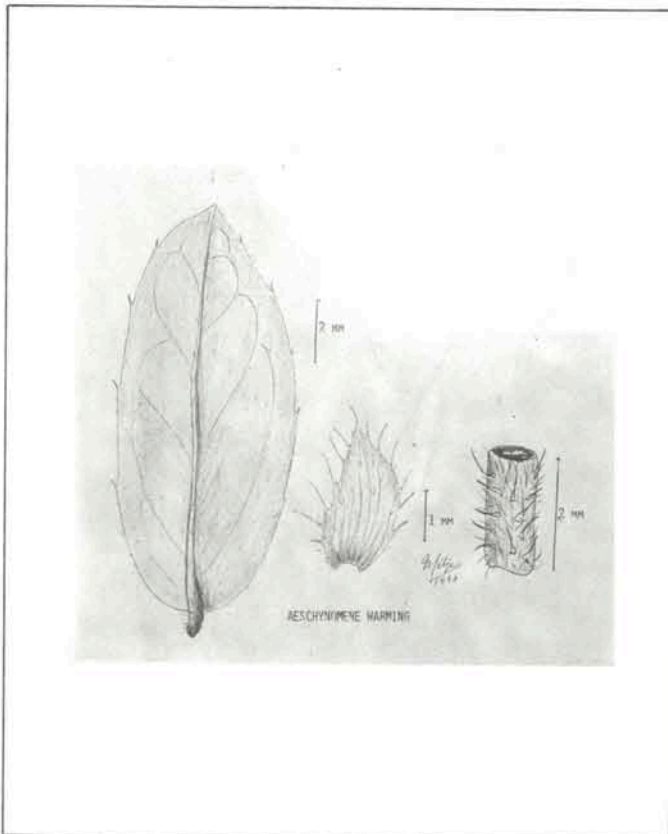
Aeschynomene elegans



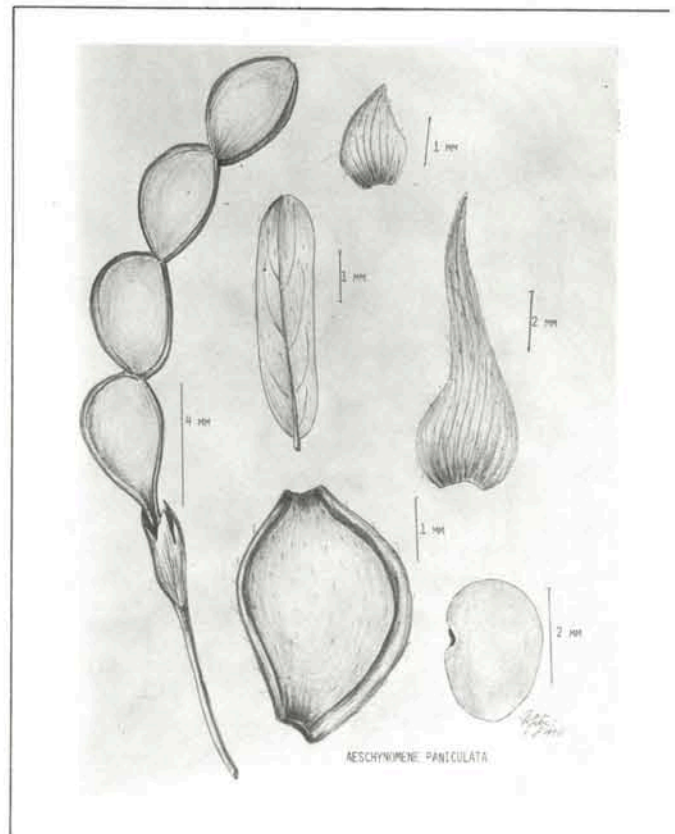
Aeschynomene falcata



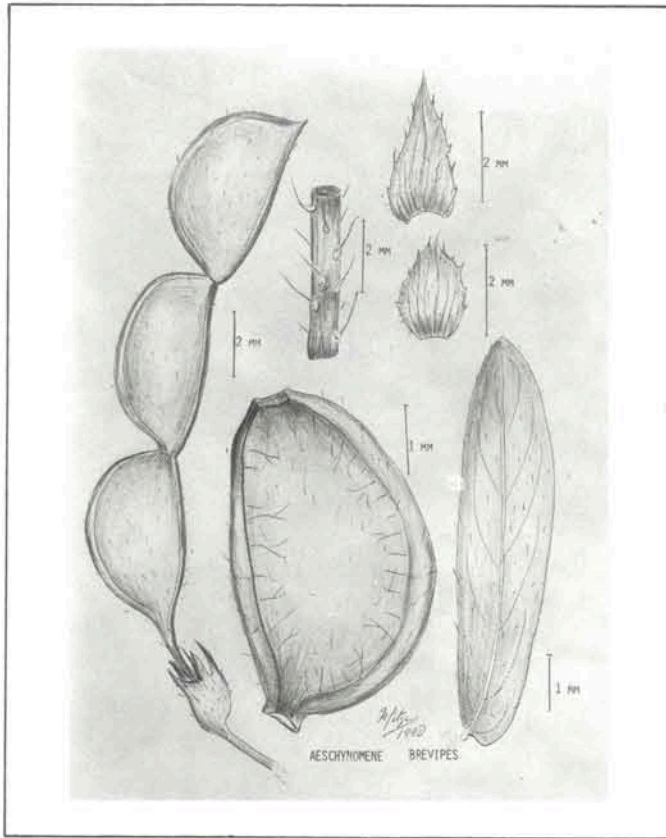
Aeschynomene podocarpa



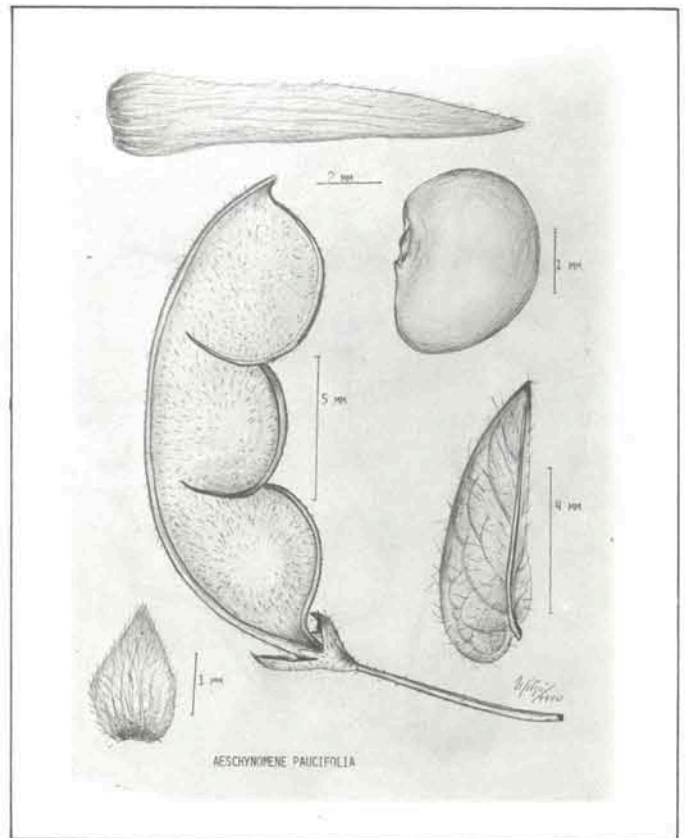
Aeschynomene warmingii



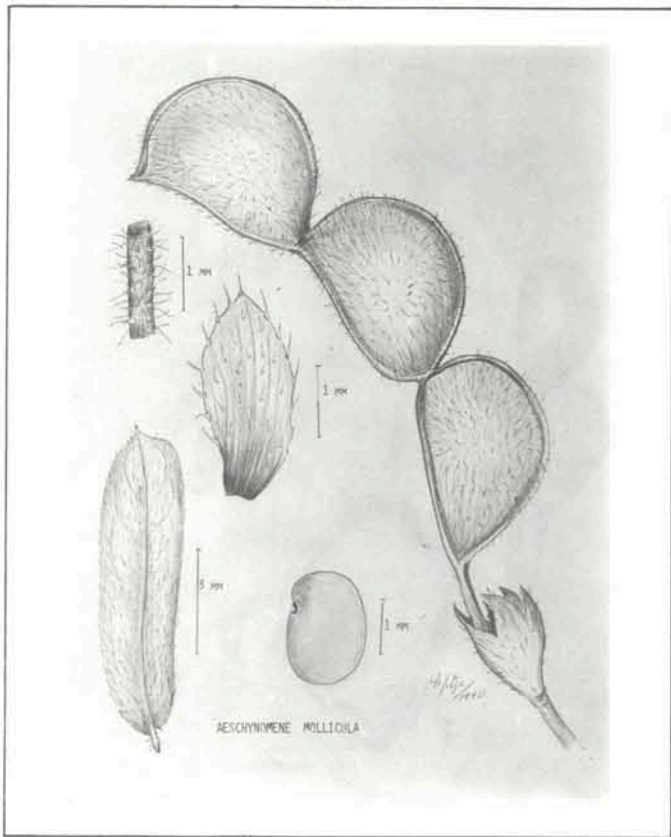
Aeschynomene paniculata



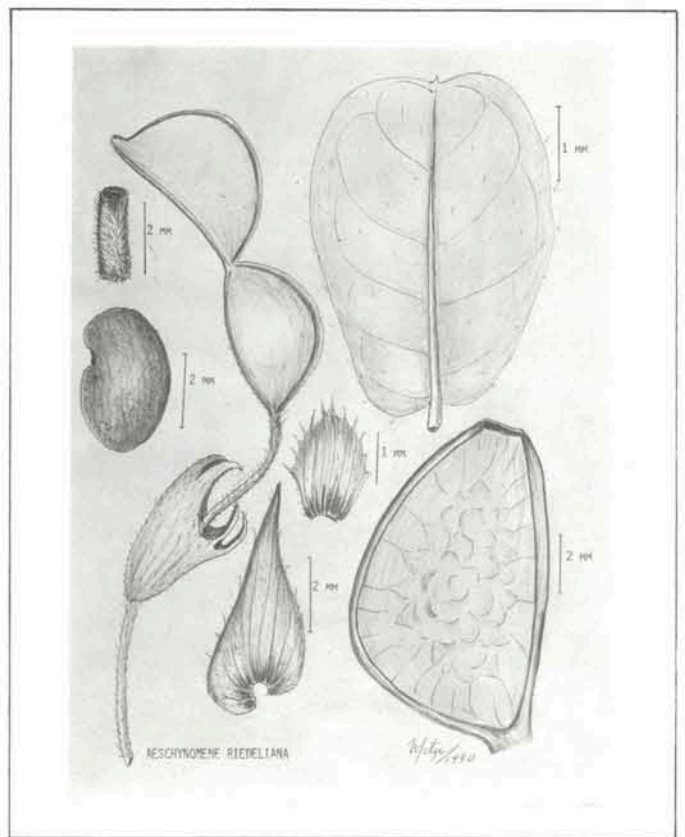
Aeschynomene brevipes



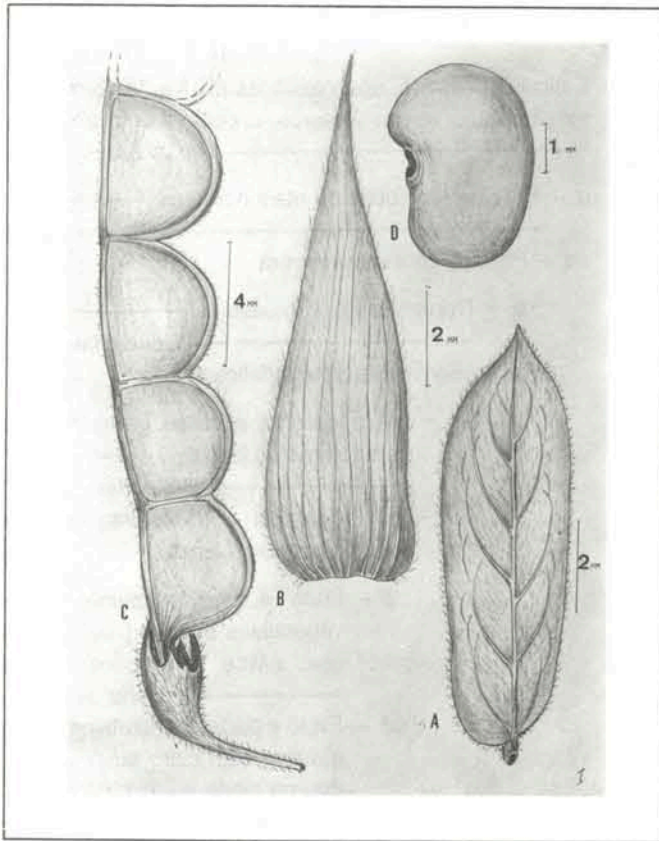
Aeschynomene paucifolia



Aeschynomene mollicula



Aeschynomene riedeliana



A. Laca-buendiana

para a espécie *Aeschynomene rostrata*.

Taubert (1894), menciona a existência de 50 espécies para todo o globo, reunindo-as também em duas seções.

Trabalhos esparsos, a partir de então, acrescentam espécies, mas sem oferecer enfoques globais para o gênero *Aeschynomene*.

Rudd (1955) estuda as espécies americanas, considerando duas seções, a saber: *Aeschynomene* e *Ochopodium*.

A seção *Aeschynomene* (= *Eu-Aeschynomene* Vog.) conteria as séries *Americanae*, *Fluminensis*, *Montevidensis*, *Sensitivae* e *Indicae*, e a *Ochopodium*, as séries *Viscidulae*, *Pleuronerviae* e *Scopariae*.

Rudd (1955) considera em seu trabalho 66 espécies para o continente americano, sendo 30 para o Brasil, das quais 13 para o estado de Minas Gerais, a saber: *Ae parviflora* Micheli; *Ae filosa*, Mart ex Benth, e *Ae sensitiva* Sw (seção *Aeschynomene*); *Ae hirtix* var. *densiflora* (Benth.) Rudd; *Ae elegans* Schul & Cham; *Ae falcata* (Poir) DC.; *Ae podocarpa* Vog; *Ae warningii* Micheli; *Ae marginata* var. *marginata*, *Ae paniculata* Will; *Ae paucifolia* Vog.; *Ae riedeliana* Taub.; e *Ae mollicula* var. *Benthamii* Ruod (seção *Ochopodium*).

POSIÇÃO TAXONÔMICA

O gênero *Aeschynomene* pertence à família Leguminosae (hoje Fabaceae), tribo Hedysareae, caracterizada por apresentar lomentos articulados, subtribo Aeschynomeninae. Taubert (1894), dividiu a tribo Hedysareae em subtribos, considerando *Aeschynomene* como gênero típico de Aeschynomeninae.

Os caracteres utilizados na separação das tribos foram baseados no arranjo dos dez estames (filamentos unidos, separados ou unidos em parte). Aeschynomeninae os apresenta essencialmente diadelfos (5:5).

Ao lado do gênero *Aeschynomene*, Taubert (1894) incluiu ainda outros, como: *Nissolia*, *Chaetocalyx*, *Pictetia*, *Amicia*, *Isodesmia*, *Diphaea*, *Cyclocarpa*, *Soenmeringia*, *Smithia*, *Geissaspis*, *Brya*, *Discolobium* e *Poiretia*.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

O gênero *Aeschynomene* distribuiu-se desde o sul da América do Norte até a Argentina, ocorrendo no centro e ao sul do Continente Africano, em alguns países da Ásia, em algumas ilhas da Oceania e na Austrália, em ambientes os mais diversos, desde áreas muito secas até aquelas paludosas.

O gênero inclui plantas herbáceas e arbustivas, anuais e perenes, que podem ser prostradas, eretas ou semi-eretas, de alturas variáveis, indo de poucos centímetros a alguns metros.

As raízes apresentam nódulos bacterianos típicos, sendo que as suas folhas são sensíveis à luz e algumas vezes ao toque (plantas sensitivas).

ESPÉCIES BRASILEIRAS

Rudd (1955) assim distribui as espécies brasileiras:

SEÇÃO *AESCHYNOMENE*:

Série 1 – *Americanae* Rudd (Type – *Ae. americana* L.)

Ae. americana var. *americana* – AC, AM, CE

Ae. americana var. *glandulosa* – CE

Série 2 – *Fluminensis* Rudd (Type – *Ae. fluminensis* Vell)

Ae. parviflora Micheli – MG

Ae. fluminensis var. *fluminensis* – ES, MT, RS, AC

Série 3 – *Montevidensis* Rudd (Type – *Ae. montevidensis* Vog)

Ae. filosa Mart ex Benth – MG, AP, AC, PA, PI, CE, PB, BA

Ae. rostrata Benth – CE, BA

Ae. montevidensis Vog – MT

Série 4 – *Sensitivae* Rudd (Type – *Ae. sensitiva* Sw)

Ae. pratensis var. *caribaea* Rudd – AC, PA

Ae. seloi Vog. – RJ, SP

Ae. sensitiva Sw – AC, AM, PA, MA, CE, MT, PB, PE, RJ, RS, MG

Série 5 – *Indicae* Rudd (Type – *Ae. indica* L.)

Ae. evenia var. *evenia* – PA, CE, RN, PE, BA, RJ

Ae. evenia var. *serrulata* Rudd.

Ae. rudis Benth – AP, PA, CE

Ae. ciliata Vog – AM, PA, PE, BA, RJ

Ae. scabra 9. Don – CE, PE

Ae. denticulata Rudd – RS.

SEÇÃO *OCHPODIUM*

Série 6 – *Viscidulae* Rudd (Type *Ae viscidula* Michx).

Ae. viscidula Michx – CE, BA (Type – *Ae. viscidula* Michx).

Ae. brasiliiana var. *brasiliiana* – AP, PA, CE, BA, GO, RJ

Ae. hirtix var. *hirtix* – AP, AC, PA, PE, GO, BA, MT

- Ae. var. incana* (Vog.) Benth – AC, RJ, CE, AL, BA, GO
Ae. var. densiflora (Benth) Rudd – AC, AM, PA, CE, PE, BA, GO, MT, MG (x)
Ae. elegans Schel & Cham – RJ, PE, SP, BA, SC, RS, GO, MG
Ae. falcata (Pou) DC – GO, RJ, SP, PR, SC, RS, MG
Ae. foliolosa Rudd – AP
Ae. podocarpa Vog. – MG
Ae. warmingii Michele – MG

Série 7 – Pleuronerviae (Type – *Ae. pleuronervia* DC)

- Ae. racemosa* Vog. – GO, MT
Ae. marginata var. *marginata* – PI, CE, SP, PA, MG
Ae. marginata var. *grandiflora* Benth – CE, RN, PI
Ae. paniculata Willd – AC, AM, PA, AP, MA, CE, BA, GO, MT, SP, MG
Ae. brevipes Benth. – PI, BA
Ae. paucifolia Vog – MG, GO

Série 8 – Scopariae Rudd – (Type – *Ae. scoparia* H.B.K.)

- Ae. martii* – Benth – BA
Ae. riedeliana Taub – MG
Ae. mollicula var. *mollicula* – BA
Ae. mollicula var. *benthamii* – MG, CE, RJ

Segundo a autora, a seção *Aeschynomene*, em Minas Gerais, teria então: *Ae. parviflora* Micheli (Série Fluminensis), *Ae. pilosa* Mart et Benth (Série Montevidensis), *Ae. sensitiva* var. *sensitiva* (Série Sensitivae).

A seção *Ochopodium*, por sua vez, seria representada por: *Ae. hystrix* var. *densiflora* (Benth) Rudd; *Ae. podocarpa* Vog.; *Ae. warmingii* Micheli (Série Viscidulae); *Ae. marginata* var. *marginata*; *Ae. paniculata* Willd; *Ae. paucifolia* Vog (Série Pleuronerviae); *Ae. riedeliana* Taub; e *Ae. mollicula* var. *benthamii* (Série Scopariae), compondo 13 espécies para o Estado.

TRATAMENTO SISTEMÁTICO

- Aeschynomene* L. sp. Pl. 713.1753, gen. Pl. ed. 5.319.1754.
Gajati Rumph et Adams, Fam. 2:328.1763
Macromiscus Turcz. Bull. Soc. Nat. Mosc. 19(2):507-1846
Ctenodon Baill. Adansonia 9: 236.1870
Secula Small, Fl. Miami 90, 200, 1913
Climacorachis Hemsl & Kose, Contr. U, S, Nat. Herb. 8:43 1903.

Ervas, subarbustos e arbustos de folhas pinadas, com 5-80 folíolos, estípulas peltadas, apendiculadas ou não abaixo do ponto de inserção; inflorescências racemosas paniculadas, terminais ou axilares, purpúreas ou vermelhas, cálice e corola 5-meros; estames de 10 cm com filamentos unidos, abertos do lado carenal e em algumas espécies também do lado oposto, formando 2 falanges de 5 estames cada; frutos com lomentos de 1, 2 a 18 artículos; sementes reniformes marrons ou pretas, com hilo circular.

A espécie tipo do gênero é *Aeschynomene aspera* L. (Índia).

OBS.: Adotou-se no presente trabalho o tratamento proposto por Rudd (1955), considerando as espécies americanas do gênero em estudo.

CHAVE PARA SEÇÕES E SÉRIES

- A – Estípulas peltadas, apendiculadas abaixo do ponto de inserção; lábio vexilar 2-meros, o carenal com três lobos
 _____ Seção *Aeschynomene*
 a – Folíolos com duas ou mais nervuras
 _____ Série *Americanae*
 aa – Folíolos com uma nervura
 b – Nervura central excêntrica
 _____ Série *Fluminensis*
 bb – Sem essa característica
 c – Lábio carenal e cálice profundamente partido em três lobos
 _____ Série *Montevidensis*
 cc – Lábio carenal e cálice inteiros, com dentes pouco profundos
 d – Fruto e freqüentemente partes vegetativas escuras, quando secas; cálice com lobos inteiros
 _____ Série *Sensitivae*
 dd – Fruto e partes vegetativas de cor marrom bem claro ou de cor palha, ou ainda verdes; cálice com lobos denteados
 _____ Série *Indicae*
 AA – Estípulas não peltadas, não apendiculadas; cálice campanulado com quatro lobos subiguais
 _____ Seção *Ochopodium*
 e – Ramos prostrados ou suberetos, plantas herbáceas ou raramente arbustivas, folíolos em geral obovados, frutos pequenos, com artículos entre 2-5,5 mm de diâmetro
 _____ Série *Viscidulae*
 ee – Ramos eretos lenhosos; plantas subarbustivas a arbustivas; raramente herbáceas; folíolos ovados ou suborbiculares, oblongos ou falcados; frutos com artículos usualmente com 6-15 mm de comprimento por 4-9 mm de largura, raramente menores
 f – Folíolos oblíquos, ovado ou falcados/oblongos, de nervura costal excêntrica, às vezes marginal; plantas prostradas ou, se subarbustos, com a nervura costal marginal
 _____ Série *Pleuronerviae*
 ff – Folíolos simétricos, suborbiculares ou oblongos, a nervura sempre central; arbustos, às vezes subarbustos
 _____ Série *Scopariae*

MATERIAL E MÉTODOS

O estado de Minas Gerais vem sendo percorrido desde 1975, quando o projeto de coleta de leguminosas nativas forra-

GÊNERO *AESCHYNOMENE* L.

geiras teve o seu início. Este projeto teve como objetivo, em uma primeira etapa, o gênero *Stylosanthes* Sw. Sucessivamente, o gênero *Zornia*, *Desmodium*, *Aeschynomene*, *Centrosema*, entre outros, foram sendo visados, reunindo-se um bom acervo dessas plantas, que ora se encontram depositadas no PAMG.

De posse do acervo ligado ao gênero *Aeschynomene* L., foi feita a pesquisa bibliográfica pertinente ao assunto e examinados os exemplos provenientes dos seguintes Herbários: NY - New York Botanic Garden, New York; F - Field Museum of Natural History, Chicago; W - Herbarium Musei Hist; Caesar Palat; Vindobonensis; Tub - Herbario Tubingense, MB - Museu Bot. Berolinensis, além dos Herbários Nacionais - RB - Jardim Botânico do Rio de Janeiro, R - Museu de História Natural do Rio de Janeiro; MG - Museu Paraense Emílio Goeldi Belém; BHMH - Museu de História Natural de Belo Horizonte; ESAL - Herbario do Departamento de Biologia da Escola Superior de Agricultura de Lavras; OUPR - Herbario Prof. José Badini, da Universidade Federal de Ouro Preto; PAMG - Herbario da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

O material examinado foi devidamente descrito, tendo sido realizadas ilustrações necessárias para um melhor conhecimento das espécies estudadas, assim como chaves taxonômicas para a separação delas.

O material examinado encontra-se relacionado abaixo das descrições.

RESULTADOS

CHAVE PARA AS ESPÉCIES MINEIRAS

● Seção *AESCHYNOMENE*

Série 1 - *Americanae*

- a - Brácteas lanceoladas ou cordadas, ou truncadas flabeliformes; frutos de glabros a pubescentes, às vezes apresentando pêlos glandulosos _____
_____ *Ae. americana* var. *americana*

Série 2 - *Fluminensis*

- a - Frutos com dois artículos, com 2,5-3 mm de largura _____
_____ *Ae. parviflora*
- aa - Frutos com seis a oito artículos, com 4 mm de largura _____
_____ *Ae. fluminensis* var. *fluminensis*

Série 3 - *Montevidensis*

- a - Frutos com 2,5-4 mm de largura, geralmente com dois artículos _____
_____ *Ae. filosa*

Série 4 - *Sensitivae*

- a - Flores com 10-20 mm, frutos com 4-12 artí-

culos

- b - Artículos com 6-9 mm de largura _____
_____ *Ae. Selloi*

- aa - Flores com menos de 9 mm de comprimento; frutos com 5-8 raramente 10 artículos; folíolos maiores que 1 cm _____
_____ *Ae. sensitiva* var. *sensitiva*

Série 5 - *Indicae*

- a - Plantas híspidas ou esparsamente recobertas por pêlos híspidos
- b - Flores com 4-7 mm de comprimento; estípites com 3-6 mm; frutos com 5-14 artículos com 2,5-3 mm de largura _____
_____ *Ae. evenia* var. *evenia*

● Seção *OCHOPODIUM*

Série 6 - *Viscidulae*

- a - Frutos com 2-3 raramente 4-5 artículos, estípites menores que 10 mm
- b - Superfície dos artículos com pêlos crespos, glandulosos ou não, raramente pubescentes ou subglabros _____
_____ *Ae. brasiliana* var. *brasiliana*
- bb - Superfície dos artículos glabra ou levemente pubescente; estípites com pêlos concentrados na base do primeiro artículo
- c - Caules suberetos; estípulas com 5-15 mm de comprimento _____
_____ *Ae. hystrix* var. *densiflora*
- cc - Caules, prostrados; estípulas menores que 5 mm; artículos glabros e levemente pubescentes; caules glabros ou pubescentes; bractéolas tão longas quanto o cálice _____
_____ *Ae. hystrix* var. *hystrix*
- ccc - Artículos pubescentes; caules canescentes; bractéolas com metade do comprimento do cálice _____
_____ *Ae. hystrix* var. *incana*
- aa - Frutos com 5-9 artículos, raramente menos, com estipes longos (8-15 mm)
- d - Frutos com estípites maiores que 10 mm _____
_____ *A. Gilbertoi*
- e - Folíolos predominantemente obovados, algumas vezes subelípticos.
- f - 10-16 folíolos; artículos com 2,0-2,5 mm de diâmetro. _____
_____ *Ae. elegans*
- ff - 8-10 folíolos; artículos com 3,0-4,0 mm de diâmetro _____
_____ *Ae. falcata*

- ee – Folíolos oblongos, elípticos e elíptico-lanceolados
- g – Folíolos elípticos, com 3-10 mm de comprimento por 1,5-4 mm de largura, frutos com três a cinco artículos.
- h – Artículos de margens espessadas _____
_____ *Ae. marginata*
- hh – Sem essa característica _____
_____ *Ae. podocarpa*

Série 7 – *Pleuronerviae*

- a – Folhas com 20-60 folíolos, folíolos com a nervura principal excêntrica; frutos pedunculados.
- b – Fruto estipitado, estípites com 4-10 mm de comprimento; flores menores que 8 mm _____
_____ *Ae. paniculata*
- bb – Frutos subsésseis, estípedes com 1-2 mm de comprimento; flores maiores que 8 mm _____
_____ *Ae. brevipes*
- aa – Folhas com 20-60 folíolos, mas com folíolos com nervura marginal; frutos subsésseis, pubescentes _____
_____ *Ae. paucifolia*

Série 8 – *Scopariae*

- a – Flores com cerca de 15 mm ou mais de diâmetro
- b – Folíolos com até 10 mm de comprimento, estípulas cordato-lanceoladas pubescentes, legume com 2-3 artículos; pêlos esparsos _____
_____ *A. Riedeliana*
- bb – Folíolos maiores com 10 mm de comprimento; estípulas lanceolado-agudas, pubescentes, legume com 6-8 artículos; pubescentes _____
_____ *A. Laca-Buendiana*
- aa – Flores menores do que 15 mm de diâmetro
 - c – Bractéolas lanceoladas, de ápices atenuados; frutos com 3-7 artículos _____
_____ *Ae. mollicula* var. *mollicula*
 - cc – Bractéolas ovadas, agudas; frutos com 3 artículos, raramente mais; caules glabros _____
_____ *Ae. mollicula* var. *Benthamii*

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

SÉRIE 1 – *Americanae* Rudd

- *Aeschynomene americana* L. Sp. Pl. 713. 1753

Caules de até 2 m de altura, geralmente eretos, dos subglabros até híspidos, estípulas glabras ou não, ciliadas, com 5-

25 mm de comprimento por 1-4 mm de largura. Folhas com cerca de 7-8 cm de comprimento, com 20-60 folíolos de 4-15 mm de comprimento por 1-2 mm de largura, inflorescências com poucas flores, brácteas cordadas ou acuminadas ou ainda truncado-flabeliformes, com cerca de 4 mm de comprimento por 2-3 mm de largura; bractéolas lineares ou ovadas, com 2-4 mm de comprimento por 1-1,5 mm de largura, agudas ou acuminadas, glabras, serrato-ciliadas; flores com até 10 mm de comprimento, cálice com até 6 mm de comprimento, glabros com pêlos híspidos esparsos, pétalas de 5-10 mm de comprimento, providas de unhas, estandarte suborbicular ou obcordado, com 5-10 mm de largura, freqüentemente ciliado no ápice; asas com 5-8 mm de comprimento por 2 mm de largura, às vezes com alguns cílios no ápice; carena com 5 mm de comprimento por 2,5-3,5 mm de largura; estames com 6-8 mm de comprimento.

Frutos com três a nove artículos, artículos com 2,5-5 mm de largura e 3-6 mm de comprimento, de glabros a pubescentes, algumas vezes com pêlos glandulares na superfície e ao longo das margens, freqüentemente verrucosos ao longo das margens espessadas e veenação proeminente ao longo destas; sementes com 2-3 mm de comprimento e 1,5-2 mm de largura, marrom-escuras.

- *Aeschynomene americana* var. *americana*

Aeschynomene americana L. Sp. Pl. 713, 1753

Aeschynomene americana var. *depila* Millsp. Field. Mus. Publ. Bod. 1º 363 – 1898.

Aeschynomene tricholona Standl & Steyerma. Field. Mus. Publ. Bot. 23:10, 1943.

A variedade típica caracteriza-se por possuir frutos glabros ou, às vezes, com pêlos glandulares ou não ao longo das margens. As estípulas são glabras ou quase glabras. As brácteas são cordadas e as flores não excedem a 8 mm de comprimento.

Localidade do Tipo: Jamaica, B.W.T. Tipo coletado por Sloane.

Distribuição Geográfica: do Sul dos Estados Unidos e América do Sul, até o Brasil. Para o Brasil, Rudd (1955) a menciona para Rio Branco, Amazonas e Ceará.

Material Examinado: Brasil, Minas Gerais – **Capinópolis**, J.P. Laca-Buendia – 243 (PAMG), **Pedro Leopoldo**, J.F. Macedo, 72 (PAMG), **Sete Lagoas**, L.H.S. Cunha, 938 (PAMG), **Cachoeira Dourada**, J.P. Laca-Buendia, 3 (PAMG), **Januária**, N.M.S. Costa 1547 (PAMG); **Várzea da Palma**, M.B. Ferreira, 282 (PAMG), **São Gonçalo do Sapucaí**, M. B. Ferreira (PAMG).

Nomes Populares: carrapicho, carrapicho-branco.

SÉRIE 2 – *Fluminensis* Rudd

- *Aeschynomene parviflora* Micheli, Vid. Medd. Nat. Foren. Kjöbenh. 66. 1875.

Caules com cerca de 1 m de altura, glabros ou com pêlos híspido-glandulosos, estípulas com cerca de 7 mm de comprimento, subglabras ou moderadamente híspidas, inteiras, acuminadas em sua porção superior; folhas com cerca de 3 cm de

comprimento, com 12-30 folíolos, glabra de peciólulos hispídeos; folíolos oblongos com 5-8 mm de comprimento por 1,2 mm de largura; inflorescência pauciflora, um pedicelos e pedúnculos hispídeos, brácteas ovato-deltóides, com cerca de 1 mm de comprimento, acuminadas ou agudas, ciliadas; flores com 3-4 mm de comprimento; cálice com 1,5-2 mm de comprimento; estandarte com cerca de 4 mm de comprimento, espatulado, ciliado em sua parte superior; asas com cerca de 3-5 mm de comprimento, unha de 1 mm de comprimento e lâmina obovada; pétalas carenais tão longas quanto as asas, encurvadas; estames com cerca de 3 mm de comprimento; frutos com 6-9 mm de comprimento, 2-3 artículos; artículos com 2,5-3 mm de comprimento hispídulos, algumas vezes com pequenas verrucosidades; sementes com cerca de 1 mm de comprimento por 0,7 mm de largura.

Localidade do Tipo: Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil.

Tipo Coletado por Warming: 3011 (F.)

Distribuição Geográfica: Segundo Rudd (1955), ocorre no Brasil, Bolívia e Paraguai.

Material Examinado: Casa Branca, Riedel 269 (NY); Carandaí, Glaziou 12573 (R).

- *Aeschynomene fluminensis* Vell. Fl. Flum. 310. 1825; Icon. 7; Pl. 119. 1835

Aeschynomene scoparia Splitgerb. Tijdsch. Nat. Gesch. Phys. 9:105. 1842.

Caules com até 2m de altura, glabros ou com pêlos hispídeos; estípulas peltadas, glabras, ciliadas, estriadas, às vezes com as margens hialinas, com 5-10 mm de comprimento, a parte inferior com 4-8 mm de comprimento, acuminada, com 7 a 9 nervuras; folhas de 6-15 cm de comprimento, com 35-50 folíolos, pecíolos e ráquis glabros; folíolos lineares oblongos, com 5-11 mm de comprimento por 1,5-2 mm de largura, inteiros, de bases assimétricas, glabros às vezes ciliados, mucronados; inflorescências com poucas flores (1-4); pecíolos e pedúnculos às vezes com pêlos glandulares; brácteas caducas; cálice com 6-8 mm de comprimento; flores com 10-11 mm de comprimento; estandarte espatulado, com 5-6 mm de comprimento; alas oblongas e carena ligeiramente falcada, ambas com 5-6 mm de comprimento; estames com 7-8 mm de comprimento; ruto articulado, com 6-8 artículos; artículos com 5-5,5 mm de comprimento por 4,45 mm de largura, tuberculados, glabros ou com pêlos hispídeos; sementes pretas com 3 mm de comprimento.

Localidade do Tipo: Rio de Janeiro, Brasil.

Distribuição Geográfica: De acordo com Rudd (1955), esta espécie ocorreria na América do Sul e na América Central.

Hábitat: a espécie mostra preferência por locais úmidos, ocorrendo em várzeas no estado de Minas Gerais. O tipo da espécie foi colhido na orla marítima, em local úmido.

Material Examinado: Capinópolis, Laca-Buendia, 243 (PAMG); Várzea da Palma, M.B. Ferreira, 282 (PAMG); São Gonçalo do Sapucaí, M.B. Ferreira, 6976 (PAMG).

Nomes Populares: carrapicho, carrapicho-do-brejo.

SÉRIE 3 – *Montevidensis* Rudd

- *Aeschynomene filosa* Mart in Benth in Mart. FL. Bras. 15 (Pt.1): 61-1859

Aeschynomene tenerrima Robins. Proc. Am. Acad. 49:503. 1913

Aeschynomene laxa Gleason, Bull. Torr. Bot. Club. 36:395. 1926.

Caules com cerca de 1 m de altura, estípulas lineares, com 8-15 mm de comprimento, inteiras, agudas na extremidade; superior e truncada na inferior, de margens às vezes hialinas, folhas com cerca de 8-7 cm de comprimento, com 40-65 folíolos; ráquis glabros ou esparsamente glanduloso-hispídulos, folíolos com cerca de 3-5 mm de comprimento por 1-1,5 mm de largura; brácteas semelhantes às estípulas, mas menores; bractéolas ovato-lineares, agudas, com cerca de 1,5-2 mm de comprimento; flores com 4-6 mm de comprimento; cálice com 2-3 mm de comprimento, estandarte com 5-6 mm de comprimento, espatulado, parte basal com cerca de 2 mm de comprimento e com 3 mm de largura nas partes próximas do ápice, que pode ser arredondado ou emarginado; asas com 5 mm de comprimento (unha com 1 mm de comprimento); pétalas carenais mais ou menos iguais; fruto de 1 a 4 artículos, geralmente só 2; artículos moniliformes, tendo estípe de 7-10 mm de comprimento, esparsamente hispído-glanduloso ou glabro, os artículos tendo 2,5-3 mm de largura por 3-4 mm de comprimento, margens espessadas; sementes com 2-2,5 mm de comprimento por 1,5-2 mm de largura, pretas, lustrosas.

Localidade do Tipo: Cachoeiras, Bahia, Brasil. Tipo coletado por Martius.

Distribuição Geográfica: Honduras, Cuba, Venezuela, Colômbia e Brasil, segundo Rudd (1955), sendo citada para Minas Gerais.

Material Examinado: MG. Santa Bárbara, Caraça, Glaziou 12571 (K.). Lagoa Santa, Luetzelburg 5942 (W). S.L., Schwarke 3879 (W).

SÉRIE 4 – *Sensitivae* Rudd

- *Aeschynomene selloi* – Vog. Linnaea 12:82 – 1838

Caules até 4 m de altura, algumas vezes hispídeos na base, glabros acima; estípulas com 8-15 mm de comprimento e 2-4 mm de largura, parte superior aguda e inferior truncada; folhas com 3-5 cm de comprimento, 18-30 folíolos, pecíolo e ráquis subglabros ou hispído-glandulares, folíolos com cerca de 8-12 mm de comprimento, 2-3 mm de largura, sendo as nervuras secundárias pouco marcadas ou vermelho-escuras, pedúnculos glabros ou hispídulos, brácteas muito semelhantes às estípulas, mas menores nas extremidades das flores; bractéolas ovadas, agudas, com pêlos hispídeos no ponto de inserção, com cerca de 4 mm de comprimento por 2 mm de largura; flores com 14-20 mm de comprimento; cálice com 8 mm de comprimento, o lobo vexilar inteiro ou obscuramente tridentado, estandarte com cerca de 15 mm de comprimento (unha de 2 mm de comprimento, sendo a lâmina suborbicular, com 13 mm de comprimento e largura, geralmente ciliado; asas com cerca de 10-11 mm de comprimento por 10 mm de largura).

ra; pétalas carenais com 12-13 mm de comprimento e 4 mm de largura; estames com 15 mm de comprimento. Fruto sempre escuro quando maduro, com 8-10 artículos, com 10 mm de comprimento por 6 mm de largura, glabros ou esparsamente hispídulos, tendo suas margens espessadas, sendo a superior lisa e a inferior crenada; sementes com 4-5 mm de comprimento e 2-3 mm de largura.

Localidade do Tipo: Rio de Janeiro, Brasil. Tipo coletado por Sellow, s.1.

Distribuição Geográfica: Brasil.

Material Examinado: Itajubá, N.M.S. Costa, 656 (PAMG); Sete Lagoas, M.B. Ferreira, 6978 (PAMG); Prudente de Moraes, M. Brandão, 12426 (PAMG); Manhuaçu, N.M.S. Costa, 647 (PAMG); Pedra Azul, N.M.S. Costa, 644 (PAMG); idem 643 (PAMG); Unaf, M. Brandão, 12236 (PAMG); Janaúba, J.F. Macedo, 1233 (1/10/91) PAMG; Três Marias, Faz. Cascalheira, J.F. Macedo, 1210 (2/10/91) PAMG.

Nomes Populares: Rolha-do-brejo, rolha-de-garrafa.

● *Aeschynomene sensitiva* Sw. Prodr. Veg. Ind. Occ. 107. 1788.

Caules podendo alcançar 3-3,5 m, glabros ou quase glabros, sendo os ramos superiores glabros ou hispídulos; estípulas com 5-20 mm de comprimento por 1,5-5 mm de largura, sendo a porção superior aguda e a inferior truncada; folhas com 2-10 cm de comprimento, com 10-40 folíolos, folíolos com 4-15 mm de comprimento, e 1,5-3 mm de largura, com pecíolos hispídulos; vênulas freqüentemente avermelhadas; pedúnculos, pedicelos subglabros ou hispídulos; brácteas muito semelhantes às estípulas, inteiras ou ciliato-laciniadas, decrescendo em tamanho na proximidade das flores; a menor com 3-4 mm de comprimento; bractéolas ovadas e subagudas, com 1,5-5 mm de comprimento, inteiras, ciliadas ou não; flores com 5-9 mm de comprimento, cálice com 4-8 mm de comprimento, geralmente ciliado, o lobo vexilar emarginado e o carenal obscuramente tridentado; estandarte com 6-8 mm de comprimento (unha 1,5-2 mm de comprimento), lâmina suborbicular, asas e carenas tão longas quanto o estandarte, estames com 5-7 mm de comprimento; fruto com 4-12 artículos, estipe de 4-8 mm de comprimento, glabros ou quase, tendo os artículos de 5 a 7 mm de comprimento por 4-7 mm de largura, indo de glabros a hispídulos, lisos ou verrucosos, com a margem superior inteira e a inferior crenada ou inteira; sementes marrons, com 2,5-3 mm de largura.

● *Aeschynomene sensitiva* var. *sensitiva*

Aeschynomene sensitiva Sw. Prodr. Veg. Ind. Occ. 107. 1788

Aeschynomene sensitiva Beauv. F. Dwar. 1º 89, t. 58. 1806

Aeschynomene sulcata H. B. K. Nov. Gen. Sp. 6 530. 1824

Aeschynomene macropoda var. *belvestii* Dc. Prodr. 2:320 1825

Aeschynomene honesta Nees et Mart. Nov. act. Nat. Cur. 12:32 1826

Cassia paramariboensis Miq. Ann. & Mag. Nat. Hist. 11:15, 1843

Aeschynomene fistulosa Bello, Anal. Soc. Esp. Hist. Nat. 10:259, 1881

Aeschynomene sensitiva forma *paucifoliolata* Chod & Hass. Boll. Herb. Boiss II 4:883, 1904.

A variedade típica é composta por plantas de glabras a moderadamente hispídas, com pêlos glandulares nos ramos

superiores; flores entre 4-8 mm de comprimento; os frutos são glabros, raramente hispídulos.

Localidade do Tipo: West Índia.

Distribuição Geográfica: De acordo com Rudd (1955), ocorre em toda a América Central e América do Sul. No Brasil, a autora a menciona em Minas Gerais, para as localidades de Lagoa Santa e Viçosa.

Material Examinado: Manhuaçu, N.M.S. Costa, 647 (PAMG); Lagoa Santa, Sampaio 7535 (R).

Nomes Populares: paricá, corticeira.

SÉRIE 5 – Indicae Rudd

● *Aeschynomene evenia* Wright in Sauv. Anal. Acad. Ci. Habana 5:334. 1868.

Caules com cerca de 1 m de altura, geralmente glabros ou esparsamente hispídulos; estípulas com 5-15 mm de comprimento e 1,5-3 mm de largura, serrato-ciliadas ou não, porção superior atenuada, duas a três vezes maior do que a superior, que se apresenta auriculada; folhas com 2-4 cm de comprimento, com 16-50 folíolos, pecíolos e ráquis hispídulos; folíolos com 2-9 mm de comprimento e 1-2 mm de largura, inteiros ou serrato-ciliados; pedúnculos e pedicelos glabros ou hispídulos; brácteas semelhantes às estípulas ou cordatas, acuminadas e laciniadas, com cerca de 3-5 mm de comprimento por 1,5-2 mm de largura; bractéolas oblongo-ovadas, agudas, com 2-3 mm de comprimento, 1,5-2 mm de largura, subinteiras, denticuladas ou serrilhadas; flores com 5-9 mm de comprimento; cálice com 4-5 mm de comprimento; estandarte com cerca de 6 mm de comprimento (unha com 1 mm de comprimento), lâmina larga, obovada, algumas vezes ciliadas; asas com 5-6 mm de comprimento e 3-4 mm de largura, pétalas carenais com 6-7 mm de comprimento e 5,5-6,5 de largura; estames com cerca de 6 mm de comprimento; frutos com 5-14 artículos, estipe com 3-6 mm de comprimento, subglabro ou hispídulo, artículos com cerca de 2,5-3,5 mm de diâmetro, hispídulo, geralmente glabro, uma das margens do fruto inteira e outra crenada; sementes com cerca de 2 mm de comprimento e 1,5 mm de largura, acastanhadas.

● *Aeschynomene evenia* var. *evenia*

Aeschynomene evenia Wright in Sauv. Anal. Acad. Ci. Habana 5:334. 1868.

A variedade típica engloba plantas robustas, com folhas contendo 20-50 folíolos, geralmente inteiros, às vezes ciliados, sendo a base das estípulas aguda. As flores têm 6-7 mm de comprimento, raramente mais. Os frutos têm 12-14 artículos.

Localidade do Tipo: Chirigota, Pinar del Rio, Cuba. Coletado por Wright 3531.

Distribuição Geográfica: Rudd (1955) menciona a espécie para os Estados Unidos da América do Norte, América Central, Venezuela, Bolívia, Brasil e Argentina.

A espécie não é mencionada para Minas Gerais.

Material Examinado: MG, Trevão de Ituiutaba, Laca-Buendia, 223 (PAMG). Joaquim Felício, H.S. Irwim, S.F. Fonseca, R. Souza, R. Reis dos Santos, J. Ramos, 27407 (NY).

Pedra Azul, N.M.S. Costa. 644 (PAMG). **Arinos**, M. Brandão. 12204 (PAMG). **Coronel Murta**, M. Brandão, 10578 (PAMG). **Santa Margarida**, M. Brandão 20812 (PAMG).

Nomes Populares: Corticeira, erva-de-urutu.

SEÇÃO – OCHOPODIUM

Ervas ou arbustos, plantas glabras ou recobertas por pêlos glandulares ou não; caules eretos ou prostrados; estípulas lanceoladas ou subcortadas, estriadas, presas pela sua parte basal, não peltada; folhas com 5-8 folíolos; folíolos oblongos ou orbiculares, ovados ou obovados, desde glabros a densamente pubescentes, com ou sem pêlos glandulares marginais; inflorescências axilares, algumas vezes terminais, ramosas ou paniculadas, cálice campanulado com 5 lobos subiguais; estandarte pubescente ou glabro; sementes castanhas ou pretas, brilhantes ou não

Aeschynomene falcata (Poir) DC. foi designada como tipo da Seção *Ochopodium*

SÉRIE 6 – Viscidulae Rudd

Ervas prostradas ou suberetas, raramente subarbustos, estípulas presas pela base, não apendiculadas; folhas com 5-32 folíolos; folíolos obovado-elfíticos, com nervura principal central ou quase; flores relativamente pequenas, menores do que 10 mm; frutos curtos ou longamente estipitados, com a margem superior inteira e a inferior crenada; artículos pequenos, com até 5 mm de diâmetro.

Como tipo da série foi designada *Ac. viscidula* Michx.

● *Aeschynomene brasiliana* (Poir) DC

Ervas prostradas ou decumbentes; ramos às vezes alcançando 1 m de comprimento recobertos com pêlos hispídeos glandulares ou então pubescentes; estípulas ovais, acuminadas com 3-4 mm de comprimento e 1 mm de largura na base, ciliadas, recobertas de pêlos hispídeo-glandulares, assim como pecíolos e ráquis; folhas com 2-3 cm de comprimento, com 8-22 folíolos obovado-elfíticos ou oblongos, com 5-15 mm de comprimento por 3-8 mm de largura, obtusos, micronados, aliado-denticulados, de superfície reticulada recoberta por pêlos esparsos; inflorescências com 1-8 flores, pedicelos e pedúnculos pubescentes como o caule; brácteas ovadas, com 1-2 mm de comprimento e 1-1,5 mm de largura, de ápices agudos; bractéolas ovadas, agudas, com 2-2,5 mm de comprimento, com 1 mm de largura; flores com 5-8 mm de comprimento; cálice com 1,5-3 mm de comprimento, ciliado e recoberto por pêlos hispídeos; pétalas amarelas com estandarte com cerca de 6 mm de comprimento de lâmina, suborbicular; asas e carena tão longas quanto o estandarte, asas com lâmina de 2 mm, sendo a pétala carenal ligeiramente mais estreita; estames com cerca de 6 mm de comprimento; fruto com 2 a 5 artículos, estipe com 3-5 mm de comprimento, indo de hispídulo a subglabro; artículos com 2,5-3 mm de comprimento por 2-3 mm de largura recobertos por pêlos hispídeos ou então pubescentes, ocasionalmente subglabro. Sementes com cerca de 2 mm de comprimento e 1-1,5 mm de largura, castanho-escuras.

● *Aeschynomene brasiliana* var. *brasiliana*

Aeschynomene brasiliana (Poir) DC. Prodr. 2:322. 1825.
Cassia biflora Mill. gardn. Dict. ed. 8, nº 14. 1768, nom L. 1753.
Hedysarum brasilianum Poir in Lam. Ency 1. 6: 448. 1804.
Cassia houstoniana Collad Hist. Nat. Med. Cass. 132. 1816.
Aeschynomene paucijuga DC Prodr. 2:321. 1825.
Aeschynomene paucijuga var. *subscabra* DC Prodr. 2:321. 1825.
Hedysarum hirtum Vell Fl. flum. 319. 1825. con. J: tab. 151. 1835.
Aeschynomene biflora (Mill.) Fawc & Rendle, Fl. Jam. 4:27. 1920.
Aeschynomene guaricana Pittier, Bol. Tec. Min. Agric. & Cria Ser. Bot. Caracas 5:41. 1944.

A variedade típica caracteriza-se por ter 2 a 3 artículos, raramente 4, estipes de 3-4 mm de comprimento, folhas com 8 a 13 folíolos predominantemente obovados.

Localidade do Tipo: Rio de Janeiro, Brasil. Coletado por Commerson.

Distribuição Geográfica: do México até o Brasil. No Brasil, segundo Rudd (1955), ocorreria no Amapá, Pará, Ceará, Bahia, Goiás, Rio de Janeiro, sendo portanto uma nova ocorrência para o estado de Minas Gerais.

Material Examinado: Brasil, Burchell 8907 e 7994 (W). MG. **Sete Lagoas**, H.M. Saturnino 291, 7742 (PAMG), M.B. Ferreira 4062, (PAMG), **Felixlândia**, J. F. Macedo 11 (PAMG), L.H.S. Cunha, 1153 (PAMG); L.C. Branco, 148. **Unaf**, M. Brandão, 12192, 12187 (PAMG). **Cordisburgo**, H. M. Saturnino 163 (PAMG). **Curvelo**, N. M. S. Costa s.n. (PAMG), M. B. Ferreira 301, (PAMG), M. Brandão 17133 (PAMG). **Patrocínio**, M. B. Ferreira 10132 (PAMG). **Itapagipe**, M. Brandão 11008 (PAMG). **Pompéu**, M. B. Ferreira 4166 (PAMG). **Araxá**, M. Brandão 15641, (PAMG). **Prudente de Moraes**, M. T. F. C. Curado (PAMG). **Arinos**, M. B. Ferreira 5937 (PAMG), M. Brandão 12209 (PAMG). **Pirapora**, N.M.S. Costa 450 (PAMG). **Mocaminho**, M. Brandão 11911 (PAMG). **Ituiutaba**, M. Brandão 11001 (PAMG). **Uberlândia**, M. Brandão 11005 (PAMG). **Corinto**, M. B. Ferreira, 296 (PAMG).

● *Aeschynomene histrix* Poir in Lam. Encycl. Suppl. 4.77.

Caules com cerca de 1 m de comprimento, prostrados ou suberetos, moderadamente pubescentes ou ainda com pêlos hispídeos, glandulosos ou ainda glabros junto à base; estípulas lanceoladas, acuminadas, com 4-15 mm de comprimento por 1-3 mm de largura (base), indo de subglabras a hispíduladas; folhas com 16-30 folíolos; folíolos oblongo-elfíticos, às vezes obovados, com 4-12 mm de comprimento por 1,5-4 mm de largura, de obtusos a agudos, inteiros ou esparsamente denticulado-ciliados, face superior pubescente ou glabra, inferior pubescente; inflorescências axilares, com 4-15 flores. Visualmente congesta, mais curta que as folhas, raramente ultrapassando-as; brácteas e bractéolas ovadas, agudas, 1-3 mm de comprimento e 1 mm de largura, com pêlos hispídeos; flores com 5-7 mm de comprimento; cálice com 2-3 mm de comprimento; estandarte suborbicular, lâmina com 4-6 mm de diâmetro, asas e carena tão longas quanto este, sendo a pétala carenal mais estreita (1 mm de comprimento); estames com 5-6 mm de comprimento; frutos com dois artículos, às vezes três, sendo o basal desenvolvido; estipe com 1,5-2 mm de comprimento, hispídeo ou recoberto de pêlos amarelados, de 2-4 mm de comprimento, concentrados no artículo basal ou não

existentes; artículos com 2-2,5 mm de diâmetro, raramente com 3 mm de comprimento e 2-2,5 mm de largura, glabros ou moderadamente pubescentes; sementes com 1,5-2 mm de comprimento por 1-1,5 mm de largura, pretas.

Obs.: em Minas Gerais, além da variedade típica, podem ser ainda encontradas as variedades *incana* e *densiflora*.

● *Aeschynomene histrix* var. *histrix*

- Aeschynomene histrix* Poir in Lam, Encycl. Suppl. 4:77. 1816.
Aeschynomene cassioides Desv. in Ham. Prod. p.l.Ind. Occ. 51.1825.
Aeschynomene conferta Beuth. Ann. Nat. Hist. 3:433. 1839.
Aeschynomene mucromulata Beuth. Hook. Journ. Bot. 2:56. 1840.
Aeschynomene histrix var. *mucromulata* Beuth in Mart. Fl. Bras. 15(1):69. 1859.
Sewla histrix (Poir) Small. Man. Southeast, Fl. 728. 1933.
Aeschynomene sineticola Standl. & Wms Ceiba 1:79. 1950.

A variedade típica normalmente apresenta-se como uma planta prostrada, moderadamente pubescente. As maiores estípulas ficam em torno de 4,5 mm de comprimento por 1 mm de largura (base); as folhas têm de 16-20 folíolos; os folíolos apresentam de 4 a 8 mm de comprimento por 1-2 mm de largura; as bractéolas são tão longas quanto o cálice; as flores chegam até 6 mm de comprimento; os frutos são glabros ou levemente pubescentes.

Localidade do Tipo: Caiena, Guiana Francesa, coletado por Martin.

Distribuição Geográfica: ocorre desde a América Central até o Paraguai. Para o Brasil Rudd (1955) menciona a ocorrência para o Amapá, Rio Branco, Pará, Goiás, Bahia, Mato Grosso, portanto apresenta-se como uma nova espécie para Minas Gerais.

Material Examinado. MG. Salinas, W.M.S. Costa, 1284 (PAMG). **Janaúba**, M.B. Ferreira, 281 e 238 (PAMG). **Unaf**, M. Brandão, 11594 (PAMG). **Várzea da Palma**, M.B. Ferreira, 283 (PAMG). **Montes Claros**, M. Brandão, 11649 (PAMG).

● *Aeschynomene histrix* var. *incana* (Vog) Beuth in Mart. Fl. Bras. 15(1):69.

- Aeschynomene puberula* DC. Prodr. 2:321. 1825.
Aeschynomene incana Vog. Linnaea 12:90 – 1838. Non 9. F.W. Max ex DC 1825.

A variedade *incana* é parecida com a típica no hábito e tamanho, mas seus caules e folhas são canescentes, muitas vezes densamente. As bractéolas possuem a metade do comprimento do cálice e os frutos apresentam pêlos lisos, densos e apressos, raramente subglabros ou crespos.

Localidade do Tipo: Montevidéu, coletado por Sellow.

Distribuição Geográfica: distribui-se por toda a América do Sul, tendo sido mencionada por Rudd (1955) para Rio Branco, Piauí, Alagoas e Goiás, sendo, portanto, uma ocorrência nova para Minas Gerais. O material não foi coletado pela autora do artigo, mas, quando do exame de exsicatas provenientes do New York Herbarium (NY) encontrou-se uma coleta de Willian A. Anderson, de nº 9044 (18/10/72) para Pandeiros, localidade situada ao norte do Estado.

Material Examinado: Pandeiros, Serra das Araras, W. A. Henderson, 9044 (NY).

● *Aeschynomene histrix* var. *densiflora* (Benth.) Rudd

- Aeschynomene densiflora* Benth in Hook. Journ. Bot. 2:56. 1840.

As plantas dessa variedade são usualmente subarbustivas, com pubescência moderada. As estípulas têm de 5 a 15 mm de comprimento por 2-3 mm de largura. As folhas apresentam 20-30 folíolos, os folíolos geralmente são oblongos, com 7-12 mm de comprimento por 2-4 mm de largura. As flores têm 5-6 mm de comprimento; os artículos dos frutos podem ser glabros ou pubescentes.

Localidade do Tipo: México, coletado por Schomburg 846.

Distribuição Geográfica: do México até a Bolívia e centro do Brasil.

Material Examinado: **Montes Claros**, M. Brandão 12075 (PAMG); **idem**, M. Brandão 11649 (PAMG); **Coromandel**, M. Brandão 15985 (PAMG). **Januária**, N.M.S. Costa 504 (PAMG). **Arinos**, M. Brandão 12203, 12207 (PAMG). **Diamantina**, H.S. Irwin, S.F. Fonseca, R. Souza, R.R. dos Santos, J. Ramos 27594, 22280 (NY); **Campina Verde**, A. Macedo 1716 (NY), Serra do Inficionado Glaziou s.n.º (RB).

● *Aeschynomene Gilbertoi* Brandão (Brandão, 1991b).

Subarbusto delicado, ramificado, com cerca de 50-70 cm de altura, de caule piloso-cerdoso, estípulas ovado-lanceoladas, de ápices agudos, com 4-5 mm de comprimento por 3-4 mm de largura, com 9-11 nervuras, pilosas nas duas faces, às vezes com cerdas; folhas com 20-30 mm de comprimento, com 6-10 folíolos; folíolos elíptico-obovados, acuminados, pilosos-cerdosos, com 12-13 mm de comprimento por 8-9 mm de largura; nervura central pouco excêntrica; inflorescências racemosas, axilares, mais longas do que as folhas; flores com a corola amarela; legume com 2-3 artículos, sinuado dos dois lados, piloso-cerdoso; estípites com 10-12 mm de comprimento, cerdoso, artículos suborbiculares, com cerca de 3,5-4 mm de comprimento por 2,5-3,0 mm de largura; semente negra, brilhante, com 2,0-2,5 mm de comprimento por 1,3-1,6 mm de largura.

Material Examinado: Brasil, Minas Gerais, município de Manga, Mocaminho, João Faria Macedo 567 (RB holótipo; isótipo – PAMG).

Habitat: coletada em área recoberta pelo Complexo da Caatinga, ao norte do estado de Minas Gerais, em relevo suave-ondulado, atualmente recoberto com culturas sob regime de irrigação.

Considerações da Espécie: A espécie situa-se na seção *Ochopodium*, por não apresentar estípulas peltadas, encaixando-se na série *Viscidulae* por possuir frutos com artículos até 5,5 mm de diâmetro, folhas com 8-10 folíolos, aproximando-se das espécies *Aeschynomene falcata* e *Aeschynomene portoricensis*, a primeira ocorrendo desde a Colômbia até a Argentina, e a segunda, restrita a Porto Rico.

Distingue-se de *Aeschynomene falcata* por possuir frutos não falcados, com 2-3 artículos, enquanto *Aeschynomene portoricensis* apresenta frutos falcados e um número maior de artículos (6-8). *Aeschynomene portoricensis*, por sua vez, pos-

sui estípites mais curtos, frutos com um maior número de artículos (3-6), estes recobertos por pilosidade crespa e com sementes acastanhadas, não apresentando cerdas ao longo dos caules, pedicelos, pecíolos e artículos, como no caso da nova espécie.

Aeschynomene Gilberto Brandão só foi encontrada até o momento no Norte do Estado, em área encaixada no Domínio da Caatinga.

O nome da nova espécie foi dado em 1991, por Mltzi Brandão, em homenagem ao Dr. Gilberto Moura Valle Filho, então presidente da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais – EPAMIG, maior incentivador e responsável pela criação da revista *Daphne*, do Herbário PAMG.

- *Aeschynomene elegans* Schl. & Cham. *Linnaea* 5:583.1830
Aeschynomene tecta Vog. *Linnaea* 12:87.1838
Aeschynomene gracilis Vog. *Linnaea* 12:89.1838, non *Ae gracilis* Mig. 1844
Aeschynomene falcata Vog. var. *plurijuga* Benth in Mart.
Aeschynomene falcata Vog. var. *elegans* (Schl. & Cham.) O. Ktze Rew. gen 1:1891
Aeschynomene falcata Vog. var. *elegans* (Schl. & Cham.) O. Ktze, forma
Aeschynomene glabrior O. Kuntze. Rew. gen. 1:158-1891
Aeschynomene arenicola Brandey Univ. Calif. Publ. Bot. 10:408.1924

Caules decumbentes, com cerca de 1 m de comprimento, pubescente ou com pêlos hispido-glandulares; estípulas com 4-7 mm de comprimento e com 1 mm de largura na base, lanceoladas, acuminadas, ciliadas, subglabras ou esparsamente hispídulas; folhas com 7-16 folíolos; folíolos ovados ou subelípticos, com cerca de 8-15 mm de comprimento por 4-9 mm de largura, obtusos, inteiros, mucronados, toda a face abaxial esparsamente pubescente ou glabra e a inferior moderadamente pubescente; inflorescências comumente com 2 a 6 flores, tão longas quanto o comprimento das folhas, pedicelos e pedúnculos como o caule; brácteas e bractéolas com 0,5-1,5 mm de comprimento e 0,5-1 mm de largura, ovadas, agudas, ciliadas; flores com cerca de 7 mm de comprimento, ciliadas; estandarte com 6 mm de comprimento, com lâmina elíptico-obicular; asas com 6 mm de comprimento por 2 mm de largura, carena quase tão longa como o estandarte, com cerca de 1,5-2 mm de largura; estames com 6 mm de comprimento; fruto moniliforme, curvado e espessado, com 5-9 artículos, estipe com 8-15 mm de comprimento, glabro ou hispídulo; artículos com 2-2,5 mm de diâmetro, com pêlos crespos, às vezes glabros; sementes com cerca de 1,8-2 mm de comprimento por 1-1,5 mm de largura, marrom-escuras.

Localidade do Tipo: México, Jalapa, Vera Cruz, Fazenda da Lagoa, coletado por Schiede & Deppe (F).

Distribuição Geográfica: Do México até o Uruguai e Argentina. No Brasil citada para Minas Gerais, segundo Rudd (1955).

Material Examinado: Grão Mogol, H.S.Irwim, R.Reis dos Santos, R. Souza & S.F. da Fonseca 23601 (RB). Itabirito, H.S. Irwim, H. Maxwell e D.C. Wasshausen 19744 (RB). Bom Jardim, Distrito de Teixeiras, J.G. Kuhlmann 1575 (RB). Carandaí, A. Duarte 6320 (NY, RB). Gouveia, W.R. Anderson,

M. Stieber, J.H. Kirkbride J. 35128 (NY, RB). Joaquim Felício, H.S. da Fonseca, R. Souza, R. Reis dos Santos, J. Ramos 27327 (NY). Viçosa, H.S. Irwim 2081 (NY). Mariana, H.S. Irwim 2505 (NY). Diamantina, M. Brandão 12562. Ouro Preto, Brandão 12677, 17068, 17059, 17064 e L.H.S. Cunha 172 (PAMG). Sete Lagoas, H.M. Saturnino 93; J. Araújo s.n.: (PAMG). Salinas, N.M.S. Costa 1284 (PAMG). Uberaba, N.M. Costa 490 (PAMG). Campo Belo, M. Brandão 11426 (PAMG). Lavras, J.A. Oeslandes s.n.^o (PAMG); M.L. Gavilanes 2772 (PAMG); M. Brandão, s.n.^o (PAMG). Alvinópolis, H.M. Saturnino 62, 47, 51 (PAMG). Prudente de Moraes, L.H.S. Cunha 39 (PAMG); Laca-Buendia, 426 (PAMG).

Nome Popular: pepa-pega.

- *Aeschynomene falcata* (Poir) DC.
Hedysarum falcatum Poir. in Lam. Encycl. Meth. Bot. 6:448.1804
Hedysarum diffusum Vell. Fl. Flum. 320.1825,7 tab. 155.1835
Aeschynomene falcata (Poir) DC. var. *paucijuga* Benth. in Mart. Fl. Bras. 15(1) 67 1859.
Aeschynomene apoloana Rusby, Bull. N.Y. Bot. Gard. 6:511 1910.

Ramos decumbentes com até 60 cm de comprimento, hispídulos ou não; estípulas lanceoladas, acuminadas, com 4-8 mm de comprimento; tendo na base 1-1,5 mm de largura, hispídulas ou não; ciliadas; folhas com 6-8 folíolos, com pecíolos e ráquis pubescentes; folíolos obovato-elípticos, com cerca de 6-10 mm de comprimento e 3-4 mm de largura, mucronados ou obtusos, pubescentes, inteiros, de bases freqüentemente oblíqua; inflorescências com 1-2 flores, mais longas que as folhas; brácteas e bractéolas subovadas, acuminadas, com 1-2 mm de comprimento e 1-1,5 mm de largura, pubescentes, ciliadas; flores com 7-9 mm de comprimento de cálice pubescente, ciliado; estandarte com 7-9 mm de comprimento e unha com 1 mm de comprimento, orbiculares; asas e carenas mais ou menos iguais no comprimento (7-8 mm); estames com cerca de 8 mm de largura; legume falcado, com 6-8 artículos, estipe com 6-14 mm de comprimento, com pêlos glandulares esparsos, artículos com 3-4 mm de comprimento por 2,5-3,5 mm de largura, pubescente, com pêlos crespos ou apressos, ou mesmo hispídulos; sementes com cerca de 2 mm de comprimento por 1-1,5 mm de largura, castanho-escuras.

Localidade do Tipo: Rio de Janeiro, coletado por Commerson.

Distribuição Geográfica: desde a Colômbia até a Argentina. Em Minas Gerais, Rudd (1955) examinou duas exsiccatas, sendo uma para São Sebastião do Paraíso e outra para Jaraguá.

A espécie em estudo mostra-se muito freqüente no Estado, correlacionando-se neste trabalho novas localidades de coletas.

Material Examinado: MG, s.l. Pohl 3085 (W), 1109 (W). Grão Mogol, H.S. Irwim, R.R. dos Santos, R. Souza, S.F. Fonseca, 2360 (NY); Paracatu, H.S. Irwim, E. Onishi, S.F. Fonseca, R. Souza, R.R. dos Santos, J. Ramos 25962 (NY). Araxá, H.S. Irwim, 2517 (NY); M. Brandão, 14895 (PAMG). Januária, W.R. Anderson 9295 (NY). Várzea da Palma, Ap. Duarte 7468 (RB), 7659 (RB) M.B. Ferreira 289 (PAMG). Feli-

xlândia, J.F. Macedo, 16 (PAMG). **Cordisburgo**, H.M. Saturnino 207 (PAMG). **João Pinheiro**, M. Brandão 11565 (PAMG). **Campina Verde**, M. Brandão, 10826 (PAMG). **Coromandel**, M. Brandão, 15084 (PAMG). **Coronel Pacheco**, M.B. Ferreira 6974 (PAMG). **Pouso Alegre**, M. Brandão 13169 (PAMG). **Turmalina**, M.B. Ferreira, 10206 (PAMG). **Betim**, M.B. Ferreira, 9709 (PAMG); **Itacarambi**, H.M. Saturnino 696 (PAMG). **Belo Horizonte**, W.R.C. D'Assumpção, 5 (PAMG), **Ressaca**, Luiz Roth 1932 (RB); **Lagoa Santa**, M. Brandão 1173 (PAMG). **Ituiutaba**, J. Macedo 418 (RB, W). **Prudente de Moraes**, T.F.C. Curado, 41 (PAMG). **Lavras**, M.L. Gavilanes, 2744 (PAMG), 2205 (PAMG); 357 (ESAL), 2604 (ESAL), 293 (ESAL), 3027 (ESAL), 3929 (ESAL), 1297 (ESAL), L.H.S. Cunha, 393 (PAMG). **Uberlândia**, N.M.S. Costa 1233 (PAMG). **Corinto**, H.S. Irwin, S.F. da Fonseca, R. Souza, R. Reis dos Santos, J. Ramos, 26789 (NY). **Itutinga**, H.F. Leitão Filho s.n^o (ESAL).

Nomes populares: pega-pega, carrapichinho.

- *Aeschynomene podocarpa* Vog. 12:89. 1838
Aeschynomene podocarpa B. Vog. Linnaea 12:89.1838
Aeschynomene falcata var. *multijuga* Benth in Mart. Flor. Bras. 15(1):68.1859.

Ramos de eretos a prostrados, não ultrapassando 50 cm de altura, recobertos com pêlos hispídulos; estípulas com 6-7 mm de comprimento, por 1-2 mm de largura na sua base, lanceoladas, acuminadas, ciliadas, recobertos por pêlos hispídulos; folhas com 10-32 folíolos; folíolos elípticos, com cerca de 3-10 mm de comprimento e 1-1,5 mm de largura, algumas vezes ciliados, esparsamente pubescentes, inflorescências com 2-5 flores, tão longas quanto as folhas, de pedicelos e pedúnculos recobertos com pêlos hispídulos; brácteas ovadas ou subcordadas, com 2-3 mm de comprimento por 1-2 mm de largura; bractéolas ovado-elípticas ligeiramente maiores do que as brácteas; flores com 7 mm de comprimento, cálice curto hispídulo; estandarte com 7 mm de comprimento orbicular, asas tão longas quanto este, espatuladas; pétala carenal com 6-7 mm de comprimento; estames com cerca de 6 mm de comprimento; fruto com 3-5 artículos; estipe de 5-7 mm, hispídulos; artículos com 3-4 mm de comprimento e 3 mm de largura; com pêlos raros ou glabros; sementes com 3-3,5 mm de comprimento e 2 mm de largura, pretas.

Localidade do Tipo: Brasil meridional, coletado por Sellow.-Negativo NS.2292 – Fotografia do Tipo - NY.

Distribuição Geográfica: Brasil, Minas Gerais.

Material Examinado: MG, **Serra do Itambé**, Sellow (NY); **Serra da Lapa**, Riedel 943 (NY), **Serra do Grão Mogol**, Marcgraff 3455 (RB).

Nomes Populares: carrapicho, carrapichinho, pega-pega, amor-de-moça.

- *Aeschynomene Warmingii* Micheli vid Medd. Nat. Forezn. Kjöbenhavn. 68.1875.

Caules prostrados ou suberetos, com cerca de 50-60 cm

de altura, pubescentes ou hispídulos; estípulas lanceoladas, acuminadas, hispídulas com 5-7 mm de comprimento, com cerca de 2 mm (na base) de largura; folhas com 5-7 folíolos, ráquis e pecíolos pubescentes como o caule; folíolos oblongo-elípticos, agudos, com 11-30 mm de comprimento, 5-10 mm de largura, esparsamente pubescentes, margens inteiras, ciliadas; inflorescências paucifloras, quase tão longas quanto as folhas; pedúnculos e pedicelos pubescentes; brácteas e bractéolas ovadas, agudas, com cerca de 2 mm de comprimento e 1 mm de largura, esparsamente hispídulas; flores com 6-7 mm de comprimento; cálice com 3 mm de comprimento; estames com 6 mm de comprimento; fruto com 3-4 artículos, estipe de 5-7 mm; artículos com cerca de 3 mm de diâmetro, pubescentes.

Localidade do Tipo: Lagoa Santa, MG. Brasil, coletado por Warming.

Distribuição Geográfica: Brasil, MG.

Material Examinado: **Diamantina**, H.S. Irwin, S.F. da Fonseca, R. Souza, R. Reis dos Santos, J. Ramos, 28016 (NY; RB). **Mariana**, H.S. Irwin, 2505 (NY).

SÉRIE PLEURONERVAE

- *Aeschynomene marginata* Benth. in Mart. Fl. Bras. 15(1):66.1859.

Subarbusto de caule ereto com cerca de 1 m de altura, com pubescência apressa ou glabra; estípulas lanceoladas, acuminadas, com 5-6 mm de comprimento por 1-1,5 mm de largura em sua base, pubescente ou não; folhas com 3-6 mm de comprimento, com 20-50 folíolos; folíolos oblongos ou oblanceolados, obtusos, com 5-15 mm de comprimento por 1-3 mm de largura; superfície superior glabrescente e a inferior com pêlos apressos ou pubescentes, com a nervura costal claramente excêntrica, veias essencialmente secundárias; inflorescências terminais e axilares, paucifloras, às vezes com pêlos glandulares no eixo floral; brácteas ovato-flabeliformes, com cerca de 1 mm de comprimento; bractéolas subagudas, com 1,5-2 mm de comprimento, estandarte suborbicular, retuso, com 5-10 mm de diâmetro; asas e carena menores; estames com 7-12 mm de comprimento; frutos com 3-5 artículos, de estipe glabra, com 1,5 mm de comprimento, artículos com 5-6 mm de comprimento por 3-4 mm de largura, faveolado, quando totalmente maduro e com pêlos esparsos; sementes marrons, com cerca de 4 por 3,35 mm de largura.

- *Aeschynomene marginata* var. *marginata*
Aeschynomene marginata Benth in Mart. Fl. Bras. 15(1):66.1859.

A variedade típica caracteriza-se por flores com 6-7 mm de comprimento, corola com 6-7 mm e folíolos com 5-8 mm de comprimento por 1-2 mm de largura; artículos de margens espessadas nos frutos imaturos.

Localidade do Tipo: Piauí, Oeiras, Gardner (2098).

Distribuição Geográfica: Piauí, Ceará, São Paulo, Minas Gerais.

Material Examinado: Gardner (isotipo NY neg 2149 ex B) Riedel, 897 (NY).

Obs.: Não se tem coleta do material em questão; examinou-se apenas o material de Riedel, oriundo de NY.

- *Aeschynomene paniculata* Willd ex Vog Linnaea 12:95.1838.
Aeschynomene laevis Mart. & Gal. Acad. Brux. 10(2):180.1843.
Aeschynomene hedysaroides Mart. & Gal. Acad. Brux. 10(2):181.1843
Aeschynomene gracilis Mig. Linnaea 18:566.1844.

Subarbustos de caules eretos, glabros ou esparsamente pubescentes, com pêlos claros; estípulas lanceoladas, acuminadas, glabras, de 3-10 mm de comprimento e 1-2 mm de largura (base); folhas com cerca de 8 cm de comprimento, com 50-60 folíolos; pecíolo e ráquis com pêlos glandulares ou não; folíolos oblongos, obtusos, com 2-5 mm de comprimento e 1-1,5 mm de largura, a parte superior glabra e a inferior pubescente; nervura central excêntrica e nervuras secundárias com venação essencialmente pinada; inflorescências terminais, raramente axilares, multifloras, pedúnculos e pedicelos subglabros, às vezes com pêlos glandulares; brácteas e bractéolas ovado-deltóides, com 1-2 mm de comprimento e largura, flores com 6-7 mm de comprimento; cálice com 2-3 mm de comprimento; estandarte com 6-7 mm, orbicular-cordado, retuso; asas e carena quase tão longas quanto este; estames com cerca de 6 mm de comprimento; fruto moniliforme, com 4-5 artículos; estipe com 4-5 mm de comprimento; artículos suborbiculares, com 2,5-3,5 mm de diâmetro, glabros ou com pêlos esparsos; sementes com cerca de 2,5 mm de comprimento por 1,5 mm de largura, marrom-escuras.

Localidade do Tipo: Bahia, coletado por Sellow (s.n.º).

Distribuição Geográfica: de acordo com Rudd (1955), desde o México, América Central e na América do Sul até o Paraguai.

Material Examinado: Fototipo: *Ae. paniculata* Vog. (*Ae. herbacea* Aubl.) Neg. N.S.94, Type photography collection NY Bot. Garden. **Diamantina**, H.S. Irwin, S.F. da Fonseca, R. Souza, R. Reis dos Santos, J. Ramos, 27411 (NY, RB); M. Brandão, 10919 (PAMG); M.B. Ferreira 9019 (PAMG). **Várzea da Palma**, Ap. P. Duarte, 7723 (RB). **São João da Chapada**, H.S. Irwin, S.F. de Fonseca, R. Souza, R.B. dos Santos, J. Ramos, 28142 (RB, NY). **Paraopeba**, E.P. Heringer, 3598 (RB). **Belo Horizonte**, J.Q. Kulmann 55531 (RB); Edmundo Pereira, 7284 (RB); Pe. Luiz Roth, 1919 (RB); M. Brandão 11031 (PAMG). **Sete Lagoas**, J.B. Silva, 295 (PAMG); M. Brandão 12662 (PAMG); M.B. Ferreira 16975 (PAMG). Prata, gil M. Felipe, s.n.º (RB). Cotiara, A.P. Duarte 2805 (RB). **Uberaba**, R.C. Frutuoso, 65 (PAMG) idem, M. Brandão 11023 (PAMG). **Arinos**, M. Brandão 12205, 12219, 12201 (PAMG). **Buritis**, M. Brandão 12198 (PAMG). **Montes Claros**, M.B. Ferreira, 239, 246 (PAMG). **Curvelo**, M.B. Ferreira 344 (PAMG). **Prudente de Morais**, M. Brandão 12260 (PAMG), TFC. Curado 7 (PAMG) J.P. Barbosa 51 (PAMG). **Cordisburgo**, H.M. Saturnino 165 (PAMG). **Januária**, W.R. Anderson 9309 (NY). **Corinto**, H.S. Irwin, S.F. da Fonseca, R. Souza, R.R. dos Santos, J. Ramos, 26752 (NY). **Gouveia**, 9 Hattschback 27849 (NY), Iguês Mexia 5176 (NY). **Campina Verde**, M.B. Ferreira 10180 (PAMG). Honorópolis, M. Brandão 16834

(PAMG). **Cruzília**, J.P. Pereira, 69 (PAMG). **Felixlândia**, M.B. Ferreira 5166 (PAMG). **João Pinheiro**, M.B. Ferreira 10394, 11546 (PAMG). **Unai**, M.B. Ferreira 5844 e M. Brandão 11595, 12177 (PAMG). **Itapagipe**, M. Brandão 11016 (PAMG). **Itumirim**, 2M. Brandão 11673 (PAMG). Frutal, M. Brandão 11023, (PAMG). **Coromandel**, M. Brandão 15540 (PAMG). **Lagoa Santa**, M. Brandão 11.728 (PAMG); Warming, s.n.º (W).

Nomes Populares: carrapichinho-duro, carrapicho-de-cavalo.

- *Aeschynomene brevipes* Benth in Mart. Fl. Bras. 15(1):66. 1859.

Aeschynomene brevipes var. *uliginosa* in Mart. Fl. Bras. 15(1):6. 1859.

Subarbusto delicado, caule com cerca de 1 m de altura, de piloso a quase glabro; estípulas de deltóides a lanceoladas, de agudas a acuminadas, com 3,5-4 mm de comprimento, com cerca de 1 mm de largura, subglabro; folhas com 7 cm de comprimento, 40-80 folíolos; ráquis pubescente; folíolos oblongos, com 3-5 mm de comprimento e cerca de 1 mm de largura, agudos, superfície superior glabra, inferior pubescente; nervura central excêntrica; inflorescências terminais ou axilares paucifloras; pedicelos pubescentes; brácteas e bractéolas ovadas, obtusas, com 1-1,5 mm de comprimento e 1 mm de largura, glabras, às vezes ciliadas; flores com 8-10 mm de comprimento; cálice com 4-5 mm de comprimento; ciliado, com pêlos esparsos, estandarte obcordado, com 7-8 mm de comprimento por 8 mm de largura; asas e carena do mesmo comprimento, mas mais estreitas; estames com 8 mm de comprimento; fruto com 2-4 artículos; artículos semi-orbiculares, pubescentes; com cerca de 5 mm de comprimento e 3 mm de largura; sementes acastanhadas, com 3 mm de comprimento por 2 mm de largura.

Localidade do Tipo: Oeiras, Piauí.

Distribuição Geográfica: Brasil – Fototipo-AC. *brevipes* var. *uliginosa*, neg. 2288 – Type photography collection NY Bot. Gardn.).

Material Examinado: **Paracatu**, M. Brandão 12155 (PAMG). **Lagoa do Meio**, M.B. Ferreira 5030 (PAMG). **Conselheiro Mata**, M. Bacelar 45, 429 (PAMG). **Sete Lagoas**, M. Brandão 12663 (PAMG). **Bonfinópolis**, M. Brandão 12202 (PAMG). **Arinos**, M. Brandão 120202 (PAMG). **Unai**, M. Brandão. 12188 (PAMG). **Diamantina**, H.S. Irwin, R. Reis dos Santos, R. Souza, S.F. Fonseca 22279 (NY, RB). **Lagoinha**, Harley 16834 (RB).

- *Aeschynomene paucifolia* Vog.

Subarbusto perene, com raízes lenhosas; caules com até 50 cm de altura; pubescentes quando novos, glabros quando mais velhos; estípulas lanceoladas, de ápice atenuado, com cerca de 3-5 mm de comprimento, pubescentes ou glabras; folhas com até 10 cm de comprimento, com 30-60 folíolos; folíolos com cerca de 5 mm de comprimento por 1 mm de largura, nervura marginal, pubescentes ou glabros; eixo floral estri-goso ou hispídulo; brácteas e bractéolas ovadas, aguda, ru-bescentes, com 1-2 mm de comprimento e 1 mm de largura; flo-

res com 10-12 mm de comprimento; cálice com 3-4 mm de comprimento, ciliado e pubescente; pétalas escuras, acastanhadas; estandarte orbicular, com cerca de 8 mm de comprimento, asas e carena tão longas quanto o estandarte; estames com 10; frutos com 2-5 artículos, artículos com 6-6,5 mm de comprimento e 6-6,1 mm de largura, pilosos, inferiores, às vezes menos desenvolvidos; sementes marrons.

Localidade do Tipo: Serra do Galheiro, Santo Antônio do Monte, coletado por Sellow.

Distribuição Geográfica: Brasil.

Material Examinado: Fotótipo - *A. paucifolia* Vog, neg 225, Sellow 2152, NY. **Lagoa Santa**, R. Goodland 16 (NY); Riedel 722 (W). Mendanha, G. HaHschbach 27466 (NY). **Várzea da Palma**, A.P. Duarte 7479 (NY, RB). **Jaboticatubas**, L.B. Sinith, W.T. Osmond, S.L. Silva 6934 (NY). **Juramento**, M. Brandão, 10669 (PAMG). **Coromandel**, M. Brandão 8237 (PAMG). **Sete Lagoas**, J.B. Silva 160 (PAMG). **Curvelo**, M.B. Ferreira 304, M. Brandão 17129 (PAMG). **Felixlândia**, J.F. Macedo, 14 (PAMG). **Montes Claros**, Mello Barreto & Brade, 39853 (RB). **Paracatu**, H.S. Irwin, E. Onishi, S.F. de Fonseca, R. Souza, R. Reis dos Santos, J. Ramos 26131 (W, RB). **Patos**, A.P. Duarte, 2950 (W). **Corinto**, H.S. Irwin, S.F. de Fonseca, R. Souza, R. Reis dos Santos, J. Ramos 26827 (RB). **Unai**, A.P. Duarte 6437 (RB).

Nomes Populares: não conhecidos.

SÉRIE SCOPARIAE

● *Aeschynomene martii* Benth

Localidade do Tipo: Bahia, Tamburi, Vle 7278. De acordo com Benthams, 1875/1876, esta espécie ocorreria ao norte de Minas Gerais, mas não foi coletado e nem visto o material da espécie.

● *Aeschynomene riedeliana* Taub

Localidade do Tipo: Diamantina, Riedel 1223 (*Ae. tijucensis* Taub).

Obs.: Foi visto o isótipo de K., neg 2154, provavelmente do tipo em B., mas não se coletou o material da espécie.

● *Aeschynomene mollicula* H.B.K. Nov. gen. & Sp. 6:532. 1824

Arbustos ou subarbustos perenes, com 1-2 m de altura, caules densamente seríceos ou pilosos, raramente subglabros; algumas vezes com pêlos hispídeos; estípulas lanceoladas, com 5-8 mm de comprimento por 1-2 mm de largura (base), pubescentes, às vezes com pêlos glandulares; folhas com 3-6 cm de comprimento, com 18-40 folíolos; folíolos oblongos, com 8-15 mm de comprimento e 1,5-4 mm de largura; obtusos ou não; bases oblíquas, arredondadas ou subcordadas; superfície superior subglabra ou às vezes serícea; inflorescências axilares, racemosas ou fasciculadas, paucifloras; pedúnculos e pedicelos pubescentes; brácteas e bractéolas de ovadas a lanceoladas, de ápices agudos ou não; com 1-4 mm de comprimento por 1 mm de largura; flores com 8-15 mm de comprimento;

cálice com 3-6 mm de comprimento, pubescente; estandarte suborbicular ou cordato, com 6-12 mm de comprimento, retuso, asas e carena tão longas quanto este; estames com 8-5 mm de comprimento; estipe com 4-6 mm; fruto com 3-7 artículos; artículos com 4-7 mm de diâmetro, com pêlos crespos ou então glabros; sementes marrons, com 2-3 mm de comprimento por 2 mm de largura.

● *Aeschynomene mollicula* var. *mollicula*

Aeschynomene mollicula H.B.K. Nov. gen. SP. 6:532, 1824

Aeschynomene pauciflora Vog, Linnaea 12:43, 1838

Caules e eixos florais com indumento seríceo; folhas com 20-40 folíolos; folíolos subagudos, subglabros ou moderadamente pubescentes; brácteas e bractéolas lanceoladas, agudas, com 3-4 mm de comprimento; flores com 11-15 mm de comprimento; cálice com 6 mm de comprimento; frutos com 4-6 artículos pubescentes na maturidade.

Localidade do Tipo: Peru, entre Paramo de Yamoca e Colasey, por Humboldt and Bompland (3586).

Distribuição Geográfica: Colômbia, Peru, Paraguai e Brasil (Bahia).

A espécie não ocorreria em Minas Gerais, segundo Rudd (1955), que cita apenas para o Brasil o estado da Bahia (Blanchet. 2401 NY).

Material Examinado: Mocambinho, M. Brandão 11650 (PAMG), Manga, G.M. Magalhães 1009 (PAMG). Janaúba, M.B. Ferreira 232 (PAMG).

● *Aeschynomene mollicula* var. *benthamii* Rudd

Caules e eixo floral subglabros a moderadamente pubescentes, às vezes com folhas com 20-40 folíolos; folíolos obtusos ou subagudos; esparsamente pubescentes a subglabros; bráctea e bractéolas ovadas, agudas, com 1-2,5 mm de comprimento e 1 mm de largura; flores com 8-10 mm de comprimento; cálice com 3-4 mm de comprimento; frutos com 3 artículos subglabros na maturidade.

Localidade do Tipo: MG - Rio Jequitinhonha, Riedel (591).

Distribuição Geográfica: Segundo Rudd (1955), no Ceará, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Material Examinado: MG - Rio Jequitinhonha, Riedel 591; fotótipo neg 540 do tipo em K; idem Riedel 1251 (W); Diamantina; H.S. Irwin, R. Reis dos Santos, R. Souza, S.F. Fonseca, 22908 (NY). Francisco Sá, H.S. Irwin, R.R. Santos, R. Souza, S.F. Fonseca, 23192 (90).

● *Aeschynomene Laca-Buendiana* Brandão

Subarbusto delicado, com cerca de 90-110 cm, de caule estriado, piloso, de pêlos curtos, densos; estípulas lanceolado-lineares, de ápice agudo, com 10-11 mm de comprimento e 11-13 nervuras, pilosas nas duas faces; folhas com 50-60 mm

de comprimento, com 20-22 pares de folíolos; folíolos lineares, apiculados, de base assimétrica, pilosos em ambas as faces, com 10-12 mm de comprimento por 2,5-3 mm de largura; inflorescências axilares mais curtas do que as folhas; com poucas flores (2-4); brácteas e bractéolas ovado-lanceoladas, agudas, pilosas nas duas faces, com 5-7 nervuras; flores grandes, de tonalidade amarelo-limão, com cerca de 13-15 mm de comprimento, pilosas; estandarte obovado, de unha curta, com 12-13 mm de comprimento por 9-10 mm de largura; ala e carena quase tão longas quanto o estandarte, ala com 5 mm de largura, oblonga, carena com 3 mm de largura, falcada; estames com 10 mm de comprimento; ovário piloso; fruto com 6-8 artículos; estípite de 2-3 mm de comprimento, piloso; artículos com 6-7 mm de comprimento por 6-7 mm de largura, pilosos, recobertos de pêlos curtos, claros e apressos; sementes acastanhadas, com cerca de 3,5-4 mm de comprimento, por 2,0-2,5 mm de largura.

Material Examinado: Brasil, Minas Gerais; município de **Manga**, localidade de **Mocambinho**, Julio Pedro Laca-Buendia, 1500 (RB, holótipo; isótipo PAMG) idem M. Brandão 11650 (PAMG).

Hábitat: Ocorre dentro do Complexo da Caatinga, estrada de Janaúba-Mocambinho, Norte do estado de Minas Gerais, em um ecossistema especial localmente denominado de "Furados", que se mostra como um lageado todo fendilhado, periodicamente alagado por ocasião das chuvas e completamente seco durante o estio.

Considerações Sobre a Espécie: A nova espécie situa-se na seção *Ochopodium* porque apresenta estípulas presas pela base, encaixando-se na série *Scopariae*, por apresentar folíolos oblongos com a nervura costal central.

Na chave apresentada por Rudd (1955), fica ao lado de *Aeschynomene nicaraguensis* (Oerst.) Stand., apresentando estípulas lanceolado-lineares, acuminadas, como esta. Distingue-se da mesma por apresentar mais de 18 folíolos; folíolos com 8-10 mm de comprimento; flores com mais de 10 mm de comprimento; frutos com 7-8 artículos; artículos apressos-pubescentes, com 6-7 mm de comprimento.

Aeschynomene nicaraguensis (Oerst.) Stand., segundo a mesma autora, ocorreria na Guatemala em Honduras, Salvador e Nicarágua. *Aeschynomene Laca-Buendiana* Brandão, por sua vez, teria sido encontrada no Norte do estado de Minas Gerais, Brasil.

CONSIDERAÇÕES

Após o exame das coletas depositadas no Herbário PAMG/EPAMIG, dos representantes da Seção *Aeschynomene*, a espécie *Aeschynomene americana* var. *americana* (Série Americana), citada por Rudd (1955) para o Acre, Amazonas e Ceará, mostra-se como uma nova ocorrência para o estado de Minas Gerais.

O mesmo se dá em relação a *Ae. fluminensis* var. *fluminensis* (Série Fluminensis), mencionada pela mesma autora para o Espírito Santo, Mato Grosso e Rio Grande do Sul; *Ae. selloi* Vog. (Série Sensitivae) somente para o Rio de Janeiro

ro e São Paulo, como também, *Ae. evenia* var. *evenia* (Série Indicae) anteriormente relacionada para o Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, totalizando quatro novas ocorrências da Seção para o estado de Minas Gerais.

Em relação à Seção *Ochopodium*, constituem-se em novas ocorrências as espécies: *Ae. brasiliana* var. *brasiliana*, citada pela mesma autora para o Amapá, Pará, Ceará, Bahia, Goiás, Rio de Janeiro e *Ae. histrix* var. *histrix* (ambas da Série Viscidulae), mencionadas para o Amapá, Acre, Paraíba, Pernambuco, Goiás, Bahia e Mato Grosso.

Na Série *Pleuronerviae*, a espécie *Ae. brevipes* Benth constitui-se também em uma nova ocorrência, tendo sido citada por Rudd (1955) para a Bahia e o Piauí. Confirmam-se assim mais três novas ocorrências para o estado de Minas Gerais, nesta Seção.

Por outro lado, *Ae. podocarpa* Vog. e *Ae. Warmingii* Micheli, de acordo com as exsicatas examinadas no Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (RB), têm registros de novas localidades de ocorrências, não citadas por Rudd (1955).

Do exame do material recebido do New York Herbarium (NY), confirmou-se a ocorrência de *Ae. histrix* var. *incana* (Vog.) Benth, que teria sido coletada em Pandeiros por William A. Anderson (9044) que, até o momento, ainda não havia sido mencionada para Minas Gerais.

CONCLUSÕES

Ocorrências novas: *Ae. americana* var. *americana*; *Ae. fluminensis* var. *fluminensis*; *Ae. selloi* Vog.; *Ae. evenia* var. *evenia*, *Ae. brasiliana* var. *brasiliana*, *Ae. histrix* var. *histrix*, *Ae. brevipes* Benth. e *Ae. histrix* var. *incana*, elevando-se de 13 espécies, citadas por Rudd (1955), para 19, visto já ter sido mencionada uma das variedades de *Ae. histrix* (var. *densiflora*) para o Estado.

Foram confirmadas, através das coletas, as espécies: *Ae. elegans* Schl. & Cham, *Ae. falcata* (Poir) DC., *Ae. paniculata* Willd; *Ae. paucifolia* Vog., *Ae. mollicula* var. *Benthamii*, *Ae. histrix* var. *densiflora* (Benth) Rudd, *Ae. sensitiva* Sw., registradas no PAMG.

Foram examinadas, mas não coletadas, as espécies: *Ae. filosa* Mart ex Benth; *Ae. racemosa* Vog; *Ae. riedeliana* tamb; *Ae. podocarpa* Vog; *Ae. warmingii* Micheli e *Ae. vogelii* Rudd (exsicatas de RB e NY).

Foram descritas por Brandão (1991 ab) duas espécies novas, a saber: *Aeschynomene Gilbertoi* Brandão e *Aeschynomene Laca-Buendiana* Brandão, elevando-se de 19 para 21 o número de espécies para Minas Gerais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTHAN, G. Leguminosae I. In: MARTIUS, C.F.P. von; EICHLER, A.G.; URBAN, I. [Ed.]. **Flora Brasiliensis**. Leipzig, 1859/1862. v.15, part.1.
- BENTHAN, G. Leguminosae II. In: MARTIUS, C.F.P. von; EICHLER, A.G.; URBAN, I. [Ed.]. **Flora Brasiliensis**.

BRANDÃO, M.

Liepzig, 1875/1876. v.15, part.2.

BRANDÃO, M. *Aeschynomene laca-buendiana* Brandão, nova espécie do gênero *Aeschynomene* L. (Fabaceae) para o Estado de Minas Gerais. **Daphne**, Belo Horizonte, v.1, n.3, p.5-8. abr. 1991a.

BRANDÃO, M. Nova espécie para o gênero *Aeschynomene* L. (Fabaceae) em Minas Gerais: *Aeschynomene Gilbertoi* Brandão. **Daphne**, Belo Horizonte, v.1, n.2, p.5-7, jan. 1991b.

BRANDÃO, M.; LACA-BUENDIA, J.P.; GAVILANES, M.L. Principais plantas daninhas no Estado de Minas Gerais. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.8, n.87, p.18-26, mar. 1982.

COSTA, N.M. de S.; FERREIRA, M.B.; CURADO, T.F.C. **Le-**

guminosas nativas do Estado de Minas Gerais: coletas e avaliações preliminares de alguns gêneros. Belo Horizonte: EPAMIG, 1978. 63p.

FERREIRA, M.B.; COSTA, N.M. de S. **O gênero *Stylosanthes* Sw. no Brasil.** Belo Horizonte: EPAMIG, 1979. 107p.

LORENZI, H. **Plantas daninhas do Brasil:** terrestres, aquáticas, parasitas, tóxicas e medicinais. Nova Odessa, 1982. 524p.

RUDD, V.C. The american species of *Aeschynomene*. **Bulletin of the United States National Herbarium**, Washington, v.32, part.1, p. 1-172, 1955.

TAUBERT, P. Leguminosae. In: ENGLER, A.; PRANTL, K. **Die naturlichen pflanzenfamilien.** v.3, n.3, 1894.

VOGEL, J.R.T. **Linnaea**, Berlin, v.12, p. 68, 1838.

PLANTAS INVASORAS RARAMENTE MENCIONADAS OU NÃO CITADAS COMO OCORRENTES EM MINAS GERAIS – IV ¹

MÍTZI BRANDÃO, MANUEL LOSADA GAVILANES e JULIO PEDRO LACA-BUENDIA

SUMÁRIO: São apresentadas 50 espécies de plantas invasoras tidas como raras ou ainda não mencionadas para o estado de Minas Gerais, ocorrentes em áreas urbanas, culturas e pastagens.

Palavras-chave: Plantas invasoras de Minas Gerais – Brasil.

SUMMARY: The authors present 50 species of weeds not reported before from the state of Minas Gerais, Brazil, occurring in urban, cultivated areas and pastures.

Key-words: Weeds, weeds of Minas Gerais – Brazil.

INTRODUÇÃO

Novas culturas são plantadas a cada ano. À medida que elas se instalam, plantas invasoras, velhas ou novas espécies, vão surgindo, marcando presença e reproduzindo-se.

A cada ano, novas ocorrências dessas plantas vão sendo constatadas e elas são então coletadas, identificadas e listadas. A cada lote de 50 espécies, surge novo artigo, numa tentativa de manter informados aqueles que se ocupam de tais plantas.

MATERIAL E MÉTODOS

Plantas consideradas invasoras em áreas de cultivos e pastagens, como também em áreas urbanas e terrenos baldios, foram aqui consideradas, identificadas e listadas. Estão depositadas no PAMG – Herbário da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais – EPAMIG.

RESULTADOS

São apresentadas 50 novas espécies tidas como plantas daninhas e/ou invasoras, ainda não citadas para Minas Gerais, de acordo com Kuhlmann (1947), Andrade-Lima (1967), Bacchi et al. (1984), Blanco (1976, 1980), Ferreira; Laca-Buendia (1978, 1979), Leitão Filho et al. (1975), Sacco (1981), Lorenzi (1982) e Vinha (1983).

Tais espécies foram colhidas em lavouras de café, arroz, algodão, feijão, milho, em olericultura, em pastagens e campos antrópicos, em campos de várzeas e áreas urbanas. Estão representadas por 26 famílias e 40 gêneros.

Algumas das espécies são evadidas dos jardins, como *Lonicera japonica* Thumb. (madressilva), trepadeira de flores brancas e perfumadas; *Portulaca grandiflora* Hook., (onze horas), (beldroega-de-flor) e *Verbascum blattarioides* Lam., (verbasco), (basbasco), de vistosas flores amarelas.

* Aceito para publicação em 30 de setembro de 1991.

Outras originam-se das formações vegetais ocorrentes nas áreas onde as culturas foram instaladas, como *Smilax brasiliensis* Spreng. (japocanga), *Manettia luteo-rubra* (Vell.) Schumann (cardeal), *Borreria poaya* (St. Hil.) DC. (poaia), *Borreria densiflora* DC. (macaé), *Krapovickisia macrodon* (DC.) Fryxell (malva), *Cayaponia tayuya* Mart. (tauíá), (cerrado),

Stigmatophyllum urenaefolium Juss. (douradinha), (caatinga), *Peschiera laeta* (Mart ex M. Arg.) Miers., *Senna bicapsularis* (L.) Roxb (mata), sendo as demais tidas como daninhas pelos autores já mencionados.

Relacionam-se, no Quadro 1, as 50 espécies referidas, listadas segundo suas famílias e gêneros.

QUADRO 1 – Plantas Invasoras Raras – IV

Família/Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Ocorrência	Município(s)
APOCYNACEAE <i>Peschiera laeta</i> (Mart. ex M. Arg.) Miers.	Leiteira	Pastagens	São Domingos do Prata, Itabira
CAESALPINACEAE <i>Senna bicapsularis</i> (L.) Roxb. var. <i>capsularis</i> <i>Senna hirsuta</i> (L.) var. <i>leptocarpa</i> (Benth.) Irwin & Barneby	Fedegoso Fedegoso	Café, Pastagens Pastagens, milho	Belo Horizonte, Ouro Preto Sete Lagoas
CAPRIFOLIACEAE <i>Lonicera japonica</i> Thumb.	Madressilva	Campos Antrópicos	Belo Horizonte
CARYOPHYLLACEAE <i>Cerastium glomeratum</i> Thuill.	Orelha-de-rato	Gramados	Carangola
COMPOSITAE <i>Verbesina diversifolia</i> DC.	Fumo-bravo	Pastagens	Barão de Cocais
CONVOLVULACEAE <i>Dichondra nummularius</i> L.	Cobre-verde	Pomares	Jafba, Janaúba, Montes Claros
CRUCIFERAE <i>Brassica juncea</i> Cass. <i>Cardamine parviflora</i> L.	Mostarda-brava Agridão	Café Café	Mateus Leme Mateus Leme
CUCURBITACEAE <i>Cayaponia tayuya</i> Mart. <i>Cycos polyacanthus</i> Cogn.	Tauíá Cipó-de-mico	Pastagens, Café Pastagens	Lavras Itabira
CYPERACEAE <i>Fuirena umbellata</i> Rottb.	-	Arroz de Várzea	Leopoldina
FABACEAE <i>Melilotus alba</i> Lam.	Trevo, Trevo-doce	Campos Antrópicos	Lavras
GRAMINEAE <i>Acroceras zizanoides</i> (H.B.K.) Dandy <i>Digitaria violascens</i> Link <i>Echinochloa polystachia</i> (Kunth.) Hitch. <i>Eragrostis lugens</i> Ness <i>Eriochloa polystachia</i> H.B.K. <i>Panicum missionum</i> Mez <i>Panicum repens</i> L. <i>Panicum crassum</i> Chase <i>Stenotaphrum secundatum</i> (Wall.) Kuntze	Capim-arrozinho Capim-colchão - - Capim-arroz - Capim-torpedo - Capim-grama	Arroz de Várzea Algodão, Feijão Arroz Irrigado Café Arroz de Várzea Arroz Irrigado Campos de Várzea Arroz de Várzea Arroz de Várzea	Itumirim, Rio Novo Janaúba Careagu Oliveira Sete Lagoas Nepomuceno Sete Lagoas, Lagoa Santa Cataguases Pouso Alegre
LABIATAE <i>Glecoma hederacea</i> L.	Hortelã-do-mato	Café	Caldas, Itabira

Continua

Família/Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Ocorrência	Município(s)
LYTHRACEAE <i>Heimia myrtifolia</i> Cham, et Schl.	Quebra-arado	Arroz de Várzea	Leopoldina
MALPICHACEAE <i>Stigmatophyllum urenaefolium</i> Juss.	Douradinha	Pastagens	Jaíba, Janaúba
MALVACEAE <i>Krapovicksia macrodon</i> (DC.) Frugxell <i>Malvastrum americanum</i> (L.) Thor. <i>Pavonia spinifex</i> Cav.	Malva-redonda Vassoura Malva-de-espinho -	Pastagens Campos Antrópicos Pastagens -	Lavras Pedro Leopoldo Barão de Cocais, Itabira, Ouro Preto
NYCTAGINACEAE <i>Boehmeria nivea</i> (L.) Gaud.	Ramie	Café	Mateus Leme
OCHNACEAE <i>Sauvagesia erecta</i> L.	Erva-de-são-martinho	Eucalipto	Barão de Cocais
ONAGRACEAE <i>Ludwigia decurrens</i> Walt.	Perna-de-saracura	Arroz de Várzea	Barão Monte Alto
OXALIDACEAE <i>Oxalis bipartita</i> St. Hil. <i>Oxalis cytizoides</i> Mart. & Zucc. ex Zucc.	Azedinha-folha-partida Azedinha	Café Café	Florestal, Viçosa Lavras
POLYGONACEAE <i>Polygonum acre</i> H.B.K. <i>Polygonum convolvulus</i> L. <i>Polygonum hispidum</i> H.B.K. <i>Polygonum meissnerianum</i> Cham. et Schl. <i>Polygonum spectabilis</i> Mart.	Erva-de-bicho Erva-de-bicho Erva-de-bicho Erva-de-bicho Erva-de-bicho	Campos de Várzea Campos de Várzea Campos Antrópicos Campos Antrópicos Campos de Várzea	Belo Horizonte Juiz de Fora Conselheiro Mata, Coromandel Pedro Leopoldo Porteirinha
PORTULACACEAE <i>Portulaca grandiflora</i> Hook <i>Portulaca mucronata</i> Link.	Beldroega-de-flor, onze-horas Beldroega-de-flor, onze-horas	Algodão, Feijão Algodão, Feijão	Janaúba Jaíba, Mocambinho
RUBIACEAE <i>Borreria densiflora</i> DC. <i>Borreria poaya</i> (St. Hil.) DC. <i>Manettia luteo-rubra</i> (Vell.) Schumann <i>Richardia grandiflora</i> Cham & Schlecht.	Macaé Poaia Cardeal Estralador	Pastagens Milho Pastagens Algodão, Feijão	Itabira Sete Lagoas Itabira Janaúba
SCROPHULARIACEAE <i>Striga lutea</i> Lour <i>Verbascum blatarioides</i> Lam.	Erva-de-bruxa Verbasco	Campos Antrópicos Campos Antrópicos	Belo Horizonte Belo Horizonte
SMLACACEAE <i>Smilax brasiliensis</i> Spreng.	Japecanga	Café	Patrocínio
SOLANACEAE <i>Solanum violaeifolium</i> Sendt.	Cobre-verde	Olericultura	Pouso Alegre
UMBELLIFERAE <i>Centella asiatica</i> Urb.	Chapéu-de-sapo	Pastagens	Itabira

Conclusão

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE-LIMA, D. Plantas invasoras da zona da mata de Pernambuco. In: CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE BOTÂNICA DO BRASIL, 15, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRS, 1967, p.299-367.
- BACCHI, O.; LEITÃO FILHO, H. de F.; ARANHA, C. **Plantas invasoras de culturas**. Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1984. v.3.
- BLANCO, H.G. Catálogo das espécies de mato infestantes de áreas cultivadas no Brasil – família do picão preto (Compositae). **O Biológico**, São Paulo, v.42, p.62-97, 1976.
- BLANCO, H.G.; NOVO, M.C.S.S.; SANTOS, C.A.L. dos. Catálogo das espécies de mato infestantes de áreas cultivadas no Brasil – família do Caruru (Amaranthaceae). **O Biológico**, São Paulo, v.46, n.11, p.245-276, nov. 1980.
- FERREIRA, M.B.; LACA-BUENDIA, J.P. Espécies consideradas plantas daninhas em áreas cultivadas no Estado de Minas Gerais. **Planta Daninha**, Campinas, v.1, n.2, p.16-26, set. 1978.
- FERREIRA, M.B.; LACA-BUENDIA, J.P. **Plantas daninhas em pastagens no Estado de Minas Gerais e recomendações para a sua erradicação**. Belo Horizonte: EPAMIG, 1979. 131p.
- KUHLMANN, J.G.; OCCHIONI, P.; FALCÃO, J.I.A. Contribuição ao estudo das plantas ruderais do Brasil. **Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v.7, p.43-133, dez. 1947.
- LEITÃO FILHO, H. de; ARANHA, C.; BACCHI, O. **Plantas invasoras de culturas no Estado de São Paulo**. São Paulo: HUCITEC, 1975. 597p.
- LORENZI, L. **Plantas daninhas do Brasil: terrestres, aquáticas, parasitas, tóxicas e medicinais**. Nova Odessa, 1982. 524p.
- SACCO, J. da C. et al. **Ervas daninhas do Brasil: Solanaceae 1 gênero *Solanum* L.** Brasília: EMBRAPA-DID, 1981. 54p. (EMBRAPA-DID. Documento, 20).
- VINHA, S.G. da et al. **Plantas herbáceas. epífitas, arbustivas e trepadeiras associadas à cultura de cacauero**. Ilhéus: Centro de Pesquisa do Cacau, 1983. 150p.

SUMÁRIO: Efetuaram-se o levantamento e a identificação das plantas invasoras e/ou daninhas, ocorrentes no município de Belo Horizonte, MG. Foram identificadas 289 espécies, representando 170 gêneros, pertencentes a 59 famílias. As famílias Compositae, Graminae, Leguminosae, Malvaceae, Cyperaceae, Solanaceae, Amaranthaceae, Euphorbiaceae, Rubiaceae, Convolvulaceae são as que apresentaram o maior número de espécies. O material botânico foi coletado em áreas ajardinadas, beiradas de caminhos, calçadas, muros e cercas, terrenos baldios e loteamentos em expansão, dentro do perímetro urbano e nas áreas destinadas às culturas, dentro do município.

Palavras-chave: Plantas invasoras; plantas daninhas; daninhas; daninhas de Minas Gerais.

SUMMARY: It was carried out survey and identification of weed plants occurring in Belo Horizonte City, in the state of Minas Gerais, Brazil, 289 species, representing 170 genera belonging to 59 families were identified. Families Compositae, Gramineae, Leguminosae, Malvaceae, Cyperaceae, Solanaceae, Amaranthaceae, Euphorbiaceae, Rubiaceae and Convolvulaceae presented the greatest numbers of species among all families. All plant materials were collected in garden areas, along roadsides and streets, walls and fences, and unoccupied lots and lots in expansion, within the urban area and in areas destined to crops, within the county.

Key-words: Weeds; Weeds of Minas Gerais.

INTRODUÇÃO

O homem, quando da conquista de novas terras, leva consigo seus implementos agrícolas, animais e plantas domesticadas, e junto a estes, frutos e/ou sementes de plantas consideradas indesejáveis.

Quando da instalação de seus núcleos de colonização, e das culturas de um modo geral, dispersa, concomitantemente, os diásporos dessas plantas que, com o correr dos tempos, invadem não só os terrenos baldios, como também infiltram-se na vegetação nativa. No primeiro caso, elas são denominadas de plantas invasoras e, quando nas culturas, de plantas daninhas.

As plantas daninhas competem com as culturas, na extração dos elementos vitais: água, nutrientes, luz e dióxido de carbono; em consequência, reduzem a produção agrícola. As perdas mundiais, devidas a essa competição, situam-se em torno de 30% a 40%. A influência negativa da presença de plantas daninhas pode ser verificada também sobre a eficiência

agrícola: os custos de produção são elevados em virtude das operações (capinas, herbicidas, etc.) para controle dessas plantas (Lorenzi, 1982).

Outros tipos de danos são ainda causados por plantas daninhas. Segundo Lorenzi (1982), quando em beira de rodovias, as daninhas interferem na visibilidade; em estradas de ferro e de rodagem, sob linhas de transmissão elétrica, em oleodutos e em pátios industriais, têm sido responsáveis por incêndios; em vias públicas, lagos, terrenos baldios, parques e jardins, desfiguram o ambiente e servem de refúgio a animais peçonhentos, bem como servem de depósito de lixo. Em mananciais aquáticos, dificultam a navegação, pescaria, natação; também impedem a passagem da luz solar, além de conferir cor e sabor desagradáveis em mananciais de água potável.

Essas plantas com sua rusticidade e grande adaptabilidade aos diversos climas e solos (Marzocca, 1957, Blanco, 1982, Brandão et al., 1982 e Pitelli, 1985), além de meios sofisticados de dispersão (Brandão; Cunha, 1982), instalam-se em

* Aceito para publicação em 30 de setembro de 1991.

moradias definitivas, crescendo e multiplicando-se onde outras plantas não conseguem medrar, ampliando constantemente suas fronteiras. Muitas delas são hoje cosmopolitas, problemáticas em vários países (Brandão et al., 1985).

O conhecimento dos componentes dessa flora invasora é de suma importância pois, além da competição promovida às culturas, quando devem ser erradicados ou controlados, mostram aspectos positivos, podendo ser utilizados como plantas comestíveis (Brandão et al., 1985), como medicinais (Brandão et al., 1985 e Gavilanes et al., 1987), como apícolas (Brandão et al., 1984), como ornamentais (Brandão et al., 1985), como forrageiras (Ferreira et al., 1984 e Brandão et al., 1985) e outros fins (Brandão et al., 1985).

MATERIAL E MÉTODOS

Foram coletadas e identificadas as espécies, objeto do estudo neste trabalho, nas áreas de interesse, a saber: áreas ajardinadas, beiradas de caminhos, calçadas, muros e cercas, terrenos baldios e loteamentos em expansão, dentro do perímetro urbano e nas áreas destinadas às culturas no município de Belo Horizonte, situado na Microrregião 182 (Belo Horizonte), fazendo parte da Zona Metalúrgica do estado de Minas Gerais.

O material básico para este trabalho está sendo coletado desde 1986, encontrando-se devidamente catalogado e res-

gistrado no Herbário PAMG da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais – EPAMIG. Foram também realizadas consultas ao referido Herbário.

A identificação do material coletado vem sendo feita com o auxílio das Chaves de Identificação de Barroso (1946), Barroso et al. (1978, 1984), e dos manuais de Bacchi et al. (1984), Leitão Filho et al. (1972, 1975), Lorenzi (1982) e Marzocca (1957).

Por motivos de ordem prática, as famílias, bem como os gêneros e espécies, são citadas em ordem alfabética. Após a citação, faz-se referência ao(s) nome(s) popular(es) que as espécies recebem na região.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento, foram identificadas como plantas invasoras e/ou daninhas, no município de Belo Horizonte-MG, 289 espécies, englobadas em 170 gêneros, pertencentes a 59 famílias botânicas. As plantas em questão encontram-se listadas no Quadro 1. No Quadro 2 são relacionadas as famílias e seus respectivos números de gêneros e de espécies.

As espécies foram enquadradas como invasoras e/ou daninhas, apenas quando coletadas em, no mínimo, três locais distintos do município, conforme preconizado por Cervi et al. (1987).

É modesta a literatura sobre ocorrência de plantas invaso-

QUADRO 1 – Relação das Plantas Invasoras Coletadas, e Identificadas, no Município de Belo Horizonte, MG

Família/Nome Científico	Nome Popular (Continua)
<p>ACANTHACEAE <i>Thumbergia alata</i> Boger</p>	<p>Amarelinha</p>
<p>ALISMATACEAE <i>Sagittaria montevidensis</i> Cham. & Schlecht.</p>	<p>Sagitária</p>
<p>AMARANTHACEAE <i>Achyranthes indica</i> (L.) Mill. <i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) O. Kuntze <i>Alternanthera tenella</i> Colla <i>Alternanthera philoxeroides</i> (Mart.) Griseb. <i>Alternanthera pungens</i> H.B.K. <i>Amaranthus blitum</i> L. <i>Amaranthus deflexus</i> L. <i>Amaranthus hybridus</i> L. <i>Amaranthus lividus</i> L. <i>Amaranthus spinosus</i> L. <i>Amaranthus viridis</i> L. <i>Gomphrena celosioides</i> Mart.</p>	<p>Picete-do-mato Cabeça-branca Apaga-fogo Erva-de-jacaré Apaga-fogo-miúdo Caruru Caruru-rasteiro Caruru-de-folha-larga Caruru-rasteiro Caruru-de-espinho Caruru-de-mancha Perpétua-brava</p>
<p>ASCLEPIADACEAE <i>Asclepias curassavica</i> L.</p>	<p>Oficial-de-sala; Paininha</p>

Família/Nome Científico	Nome Popular (Continua)
BALSAMINACEAE <i>Impatiens sultanii</i> Hooker	Beijo-de-freira
BEGONIACEAE <i>Begonia patula</i> Hauwart	Begônia
BIGNONIACEAE <i>Pyrostegia venusta</i> (Ker-Gawl.) Miers.	Cipó-de-são-joão
BORAGINACEAE <i>Cordia verbenacea</i> DC. <i>Heliotropium amplexicaule</i> Vahl. <i>Heliotropium indicum</i> L. <i>Heliotropium procumbens</i> Mill.	Cascudinho Erva-escorpião Erva-escorpião Erva-escorpião
CAMPANULACEAE <i>Isotoma longiflora</i> (Willd.) Presl.	Arrebenta-cavalo
CAPPARACEAE <i>Cleome spinosa</i> Bojer	Mussambé
CARYOPHYLLACEAE <i>Drymaria cordata</i> Cham. & Schlencht.	Erva-tostão
CHENOPODIACEAE <i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Erva-de-santa-maria
COMMELINACEAE <i>Commelina diffusa</i> Burn. <i>Commelina nudiflora</i> L. <i>Commelina robusta</i> Kunth. <i>Tradescantia elongata</i> Meyer	Trapoeiraba Trapoeiraba; Capim-gomoso Trapoeiraba Trapoeiraba-rósea
COMPOSITAE <i>Acanthospermum australe</i> (Loef.) O. Kuntze <i>Acanthospermum hispidum</i> DC. <i>Ageratum conyzoides</i> L. <i>Ambrosia elatior</i> L. <i>Ambrosia polystachia</i> DC. <i>Baccharis dracunculifolia</i> DC. <i>Baccharis trimera</i> (Less) DC. <i>Bidens pilosa</i> L. <i>Bidens pilosa</i> L. var. <i>radiata</i> Schult-bip. <i>Blainvillea rhomboidea</i> Cass. <i>Chaptalia integerrima</i> (Vell.) Burk. <i>Chaptalia nutans</i> (L.) Polak <i>Conyza bonariensis</i> (L.) Cronq. <i>Cosmos caudatus</i> H.B.K. <i>Cosmos sulphureus</i> Cav. <i>Eclipta alba</i> (L.) Hassak <i>Elephantopus mollis</i> H.B.K. <i>Emilia sonchifolia</i> DC	Carrapicho-de-carneiro Amor-de-negro Mentraso Losna-do-campo Artemisia-brava Alecrim Carqueja Picão; Picão-preto Picão-margarida Erva-palha Língua-de-vaca Língua-de-vaca-miúda Buva; Macela Amor-de-moça Amor-de-moça-laranja Erva-de-botão Erva-grossa Bela Emília; Pincel

Família/Nome Científico	Nome Popular (Continua)
COMPOSITAE	
<i>Erechtites hieracifolia</i> (L.) Rafin	Caruru-amargoso
<i>Erigeron bonariensis</i> L.	Erva-lanceta
<i>Eupatorium laevigatum</i> Lam.	Cambarazinho
<i>Eupatorium maximilianii</i> Schrad.	Mata-pasto
<i>Eupatorium pauciflorum</i> H.B.K.	Cambará
<i>Eupatorium squalidum</i> DC.	Cambará-roxo
<i>Galinsoga ciliata</i> (Raf.) Blake	Botão-de-ouro
<i>Galinsoga parviflora</i> Cav.	Fazendeiro
<i>Gnaphalium purpureum</i> L.	Meloso; Macio
<i>Melampodium divaricatum</i> DC.	Estrelinha
<i>Mikania cordifolia</i> (L. f.) Willd.	Cipó-guaco; Guaco
<i>Polymnia siegesbeckia</i> L.	Margarida-amarela
<i>Porophyllum lanceolatum</i> L.	Cravo-do-mato
<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass.	Cravo-do-mato
<i>Pterocaulon alopecurioides</i> (Lam.) DC.	Barbasco
<i>Pterocaulon lanatum</i> O. Kuntze	Verbasco
<i>Siegesbeckia orientalis</i> L.	Botão-de-ouro
<i>Spilanthes acmella</i> L.	Jambu
<i>Soliva anthemifolia</i> (Juss.) Brown	Cuspe-de-caipira
<i>Sonchus asper</i> (L.) Hill.	Serralha-brava
<i>Sonchus oleraceus</i> L.	Serralheira
<i>Synedrella nodiflora</i> (L.) Gaertn.	Botão-de-ouro
<i>Tagetes minuta</i> L.	Cravo-de-defunto
<i>Tagetes patula</i> L.	Cravo-de-defunto
<i>Taraxacum officinale</i> Weber	Para-quedas; Taraxaco
<i>Vernonia ferruginea</i> Less.	Assa-peixe
<i>Vernonia herbacea</i> (Vell.) Rusby	Roxinha
<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	Cambará-branco; Assa-peixe
<i>Vernonia westiniana</i> Less.	Assa-peixe
<i>Wedelia paludosa</i> DC.	Margaridão
<i>Xanthium spinosus</i> L.	Carrapicho-de-carneiro
<i>Youngia japonica</i> (L.) DC.	Serralhinha
CONVOVULACEAE	
<i>Dichondra macrocalyx</i> Meissn.	Cobre-verde
<i>Dichondra microcalyx</i> (Hall.) Fabris	Cobre-verde
<i>Ipomoea acuminata</i> Roem. & Schult.	Corda-de-viola; Corriola
<i>Ipomoea aristolochiaefolia</i> (H.B.K.) Don	Corda-de-viola; Corriola
<i>Ipomoea cairica</i> (L.) Sweet	Corda-de-viola; Corriola
<i>Ipomoea carnea</i> (L.) Sweet.	Algodão-bravo
<i>Ipomoea quamoclit</i> L.	Cipó-esqueleto
<i>Ipomoea purpurea</i> Lam.	Corda-de-viola-roxa
<i>Merremia aegyptia</i> (L.) Urban	Jetirana-cabeluda
<i>Merremia cissoides</i> (Lam.) Hallier	Corda-de-viola; Corriola
<i>Merremia macrocalyx</i> (R. & R.) O'Donnel	Jitirana
CRUCIFERAE	
<i>Brassica campestris</i> L.	Mostarda
<i>Coronopus didymus</i> (L.) Smith.	Mastruço
<i>Lepidium ruderale</i> L.	Mastruço-bravo

Família/Nome Científico	Nome Popular (Continua)
CUCURBITACEAE	
<i>Lagenaria vulgaris</i> Ser.	Cabacinha
<i>Luffa cylindrica</i> (L.) Roem.	Bucha-dos-paulista
<i>Luffa operculata</i> L.	Bucha-vegetal
<i>Momordica charantia</i> L.	Melão-de-são-caetano
CUSCUTACEAE	
<i>Cuscuta racemosa</i> Mart.	Cipó-chumbo
CYPERACEAE	
<i>Cyperus acicularis</i> (Schrad.) Steud.	Tiririca
<i>Cyperus diffusus</i> Vahl.	Tiririca
<i>Cyperus ferax</i> L.C. Rich.	Tiririca
<i>Cyperus lanceolatus</i> Poir.	Tiririca
<i>Cyperus luzulae</i> (L.) Retz.	Tiririca
<i>Cyperus rotundus</i> L.	Tiririca-vermelha
<i>Dichromena ciliata</i> Vahl.	Capim-estrela
<i>Eleocharis filiculmis</i> Kunth.	Junco-fino
<i>Fimbristylis dichotoma</i> (L.) Vahl.	Capim-navalha; Falso-alecrim
<i>Fimbristylis miliacea</i> (L.) Vahl.	Cominho; Grama-de-sapo
<i>Killingia brevifolia</i> Rottb.	Tiririca
<i>Rhynchospora corymbosa</i> (L.) Britt.	Capim-navalha; Capituva
<i>Rhynchospora tenuis</i> (L.)	Capim-navalha
EUPHORBIACEAE	
<i>Chamaesyce hyssopifolia</i> (L.) Small.	
<i>Chamaesyce hirta</i> (L.) Millsp.	Leiteira
<i>Croton glandulosus</i> (L.) Muell. Arg.	Gervão-branco
<i>Croton lundianus</i> (F. Dieder.) Muell. Arg.	Gervão-branco
<i>Euphorbia coecorum</i> Mart. & Boiss.	Erva-andorinha
<i>Euphorbia heterophylla</i> L.	Amendoim-bravo; Leiteira
<i>Euphorbia prostata</i> Ait.	Quebra-pedra-rasteiro
<i>Euphorbia repens</i> L.	Pele-de-cobra
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	Erva-quebra-pedra
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Erva-quebra-pedra
<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona; Carrapateira
GLEICHENIACEAE	
<i>Gleichenia furcata</i> (L.) Spr.	Samambaião
GRAMINEAE	
<i>Andropogon bicornis</i> L.	Capim-rabo-de-burro
<i>Andropogon leucostachyus</i> H.B.K.	Capim-rabo-de-raposa
<i>Brachiaria plantaginea</i> (Link.) Hitch.	Capim-marmelada; Marmelada
<i>Cenchrus echinatus</i> L.	Capim-carrapicho
<i>Choris radiata</i> L. (L.) Gaertn.	Capim-pé-de-galinha
<i>Cynodon dactylon</i> (L.) Pers.	Capim-seda
<i>Digitaria horizontalis</i> Willd.	Capim-colchão
<i>Echinochloa colonum</i> (L.) Link.	Capim-arroz
<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn.	Capim-pé-de-galinha
<i>Eragrostis ciliaris</i> (L.) R. Br.	Capim-penacho

Família/Nome Científico	Nome Popular (Continua)
GRAMINEAE	
<i>Hyparrhenia rufa</i> (Nees) Stagg.	Capim-jaraguá
<i>Imperata brasiliensis</i> Trin.	Capim-sapé; Sapé
<i>Melinis minutiflora</i> Beauv.	Capim-gordura: Gordura
<i>Oplismenus hirtellus</i> (L.) Beauv.	Capim-do-mato
<i>Panicum campestre</i> Ness	Capim-mimoso
<i>Panicum maximum</i> L.	Capim-colonião
<i>Paspalum conjugatum</i> Berg.	Grama-forquilha
<i>Paspalum conspersum</i> Schrad.	Capim-milhã
<i>Paspalum notatum</i> Flugge	Grama-batatais
<i>Paspalum mandiocanum</i> Trin.	Capim-milhã-roxo
<i>Paspalum paniculatum</i> L.	Capim-de-burro
<i>Paspalum urvillei</i> Steud.	Capim-arroz
<i>Pennisetum setosum</i> (Swartz) L. Rich.	Capim-oferecido
<i>Rhynchelitrum repens</i> (Willd.) Hubbard	Capim-favorito; Capim-natal
<i>Setaria geniculata</i> (Lam.) Beauv.	Capim-rabo-de-rato
<i>Setaria vulpiseta</i> (Lam.) Roem. & Schult.	Capim-rabo-de-raposa
<i>Sorghum arundinaceum</i> (Willd.) Spapf.	Sorgo-selvagem
<i>Sporobolus indicus</i> (L.) R. Br.	Capim-moirão
HALORAGACEAE	
<i>Myriophyllum brasiliensis</i> Camb.	Pinheirinho-d'água
HYPOXIDACEAE	
<i>Hypoxis decumbens</i> L.	Tiririca-de-flor-amarela
JUNCACEAE	
<i>Juncus effusus</i> L.	Junco
LABIATAE	
<i>Hyptis brevipes</i> Poit.	Hortelã-de-bola
<i>Hyptis lophanta</i> Mart. ex Benth.	Hortelã-do-campo
<i>Hyptis suaveolens</i> Poit.	Hortelã; Cheirosa
<i>Leonotis nepetaefolia</i> (L.) R. Br.	Cordão-de-frade
<i>Leonorus sibiricus</i> L.	Macaé; Rudim
<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl.) Kuntze	Cordão-de-frade
<i>Salvia splendens</i> Sellow ex Roem. & Schult.	Cardeal-do-brasil
<i>Stachys arvensis</i> L.	Hortelã-das-roças
LEGUMINOSAE	
<i>Aeschynomene falcata</i> (Poir.) DC.	Carrapicho; Isca
<i>Chamaecrista flexuosa</i> (L.) Greene	Peninha
<i>Chamaecrista nictitans</i> L. susp. <i>patellaria</i> (Collad) Irwin & Barneby	Pena-de-galinha
<i>Chamaecrista rotundifolia</i> (Pers.) Greene	Erva-coração
<i>Clitoria caianaefolia</i> Benth.	Feijão-bravo
<i>Crotalaria anagyroides</i> H.B.K.	Guizeiro; Chocalho
<i>Crotalaria incana</i> L.	Guizeiro; Chocalho
<i>Crotalaria lanceolata</i> E. Mey	Guizeiro; Chocalho
<i>Crotalaria mucronata</i> desv.	Guizeiro; Chocalho

Família/Nome Científico	Nome Popular (Continua)
LEGUMINOSAE	
<i>Crotalaria spectabilis</i> Roth.	Guizeiro; Chocalho
<i>Crotalaria vespertilio</i> DC.	Guizeiro; Chocalho
<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC.	Carrapicho-beiço-de-boi
<i>Desmodium incanum</i> DC.	Carrapicho-beiço-de-boi
<i>Indigofera lespedezioides</i> H.B.K.	Erva-anil; Anileira
<i>Indigofera hirsuta</i> L.	Anileira-peluda
<i>Indigofera suffruticosa</i> Mill.	Anileira; Erva-anil
<i>Indigofera truxillensis</i> H.B.K.	Anileira
<i>Mimosa invisa</i> Mart.	Dorme-maria
<i>Mimosa pudica</i> L.	Dormideira; Sensitiva
<i>Mimosa rixosa</i> Mart.	Arranha-gato; Malícia
<i>Phaseolus lathyroides</i> L.	Feijão-de-rola
<i>Rhynchosia minima</i> (L.) DC.	Feijãozinho
<i>Senna alata</i> (L.) Roxb.	Maria-preta
<i>Senna obtusifolia</i> (L.) Irwin & Barneby	Fedegoso
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Irwin et Barneby	Fedegoso-do-grande
<i>Stylosanthes guianensis</i> (Aubl.) Sw.	Alfafa-do-campo
<i>Stylosanthes viscosa</i> Sw.	Alfafa-do-campo
<i>Zornia latifolia</i> Sm.	Alfafa; Urinária
<i>Zornia reticulata</i> Kunth.	Urinária
LILIACEAE	
<i>Nothoscordum fragrans</i> Kunth.	Alho-bravo
LINACEAE	
<i>Linum usitatissimum</i> L.	Linho
LOGANIACEAE	
<i>Buddleia brasiliensis</i> Jacq.	Barbasco; Calção-de-velho
LORANTHACEAE	
<i>Psittacanthus cordatus</i> Hoffm.	Erva-de-passarinho
<i>Struthanthus concinnus</i> Mart.	Passarinheira
LYCOPODIACEAE	
<i>Lycopodium pendulum</i> L.	Pinheirinho
LYTHRACEAE	
<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) Macbr.	Sete-sangrias
<i>Cuphea mesostemom</i> Koehne	Sete-sangrias
MALVACEAE	
<i>Gaya pilosa</i> K. Schum.	Guanxuma-balão
<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Vinagreira
<i>Malvastrum coromandelianum</i> (L.) Gurck.	Malvastro; Guanxuma
<i>Sida alba</i> L.	Malva; Vassoura
<i>Sida carpinifolia</i> L. f.	Mava-baixa
<i>Sida caudata</i> St. Hil. et Naud.	Relógio; Malva
<i>Sida cordifolia</i> L.	Guanxuma; Malva

Família/Nome Científico	Nome Popular (Continua)
MALVACEAE	
<i>Sida glaziovii</i> K. Sch.	Guanxuma; Malva
<i>Sida linifolia</i> Cav.	Malva-fina
<i>Sida rhombifolia</i> L.	Guanxuma; Malva
<i>Sida spinosa</i> L.	Guanxuma; Malva-lanceta
<i>Sida urens</i> L.	Guanxuma; Vassourinha
<i>Sida viarum</i> St. Hil.	Guanxuma; Vassoura
<i>Urena lobata</i> L.	Malva-roxa
<i>Wissadula subpeltata</i> (Kunth.) fries	Malva-estrela
MENISPERMACEAE	
<i>Cissampelos glaberrima</i> St. Hill.	Cipó-de-cobra; Abutua
MOLLUGINACEAE	
<i>Mollugo verticillata</i> L.	Mofumbo
NYCTAGINACEAE	
<i>Mirabilis jalapa</i> L.	Bonina; Boas-noites
ONAGRACEAE	
<i>Ludwigia latifolia</i> (Benth.) Hara	Cruz-de-malta
<i>Ludwigia nervosa</i> (Poir.) Hara	Cruz-de-malta
<i>Ludwigia peruviana</i> (L.) Hara	Cruz-de-malta
<i>Ludwigia suffruticosa</i> (L.) Hara	Cruz-de-malta
OXALIDACEAE	
<i>Oxalis corniculata</i> L.	Trevo; Azedinha
<i>Oxalis birsutissima</i> Mart. & Zucc.	Trevo-peludo
<i>Oxalis martiana</i> Zucc.	Trevo; Azedinha
<i>Oxalis latifolia</i> H.B.K.	Trevo; Azedinha
<i>Oxalis refracta</i> St. Hil.	Trevo; Azedinha
PAPAVERACEAE	
<i>Argemone mexicana</i> L.	Cardo-santo
PASSIFLORACEAE	
<i>Passiflora pohlii</i> Mast.	Maracujá
PHYTOLACACEAE	
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné-de-cruz
<i>Phytolacca thyrsoiflora</i> Fensl.	Tinge-ovos
PLANTAGINACEAE	
<i>Plantago major</i> L.	Tanchagem
<i>Plantago tomentosa</i> L.	Tanchagem
POLYGALACEAE	
<i>Polygala paniculata</i> L.	Barba-de-são-pedro
<i>Polygala violacea</i> Aubl.	Roxinha

Família/Nome Científico	Nome Popular (Continua)
POLYGALACEAE	
<i>Polygonum acuminatum</i> H.B.K.	Pimenta-d'água
<i>Polygonum acre</i> H.B.K.	Erva-de-bicho
<i>Polygonum hidropiperoides</i> Mich.	Erva-de-bicho; Cataia
<i>Polygonum persicaria</i> L.	Erva-de-bicho
<i>Polygonum spectabilis</i> Mart.	Cataia-gigante
<i>Rumex crispus</i> L.	Labaça-crespa
<i>Rumex obtusifolius</i> L.	Labaça
PONTERIDACEAE	
<i>Eichhornia crassipes</i> (Mart.) Salms.	Aguapé
PORTULAGACEAE	
<i>Portulaca oleracea</i> L.	Beldroega
<i>Talinum patens</i> (Jacq.) Willd.	Piolho; Major-gomes
RUBIACEAE	
<i>Borreria latifolia</i> Schum	Poaia-do-campo
<i>Borreria capitata</i> (R. & P.) DC.	Vassourinha; Poaia
<i>Borreria eryngioides</i> Cham. & Schl.	Poaia; Hortelã
<i>Borreria latifolia</i> Schum.	Quebra-tijela; Poaia
<i>Borreria suaveolens</i> G.F.W. Meyer	Poaia-de-bola
<i>Borreria verticillata</i> (L.) G.F.W. Meyer	Poaia; Vassourinha-de-botão
<i>Diodia teres</i> Walt.	Mata-pasto
<i>Manettia cordifolia</i> L.	Campainha
<i>Manettia ignita</i> Schum.	Campainha; Coral
<i>Richardia brasiliensis</i> Gomez	Estralador; Poaia
<i>Richardia scabra</i> L.	Poaia-do-cerrado
SCROPHULARIACEAE	
<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha
SMILACACEAE	
<i>Smilax brasiliensis</i> Spreng.	Japecanga
SOLANACEAE	
<i>Acnistus arborescens</i> (L.) Schlecht.	Fruta-de-galo
<i>Brugmansia arborea</i> L.	Saia-branca
<i>Datura stramonium</i> L.	Figueira-do-inferno
<i>Nicandra physaloides</i> (L.) Gaertn.	Joá-de-capote
<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Fumo-bravo
<i>Physalis angulata</i> L.	Joá-de-balão
<i>Solanum aculeatissimum</i> Jacq.	Arrebenta-cavalo; Joá-bravo
<i>Solanum americanum</i> Mill.	Erva-moura; Maria preta
<i>Solanum mauritianum</i> Scop.	Capoeira-branca
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba
<i>Solanum pimpinellifolium</i> Just.	Tomatinho
<i>Solanum sisymbriifolium</i> Lam.	Joá-manso

Família/Nome Científico	Nome Popular (Conclusão)
STERCULIACEAE <i>Waltheria indica</i> L.	Malva-branca
TILIACEAE <i>Corchorus hirtus</i> L. <i>Triumfetta bartramia</i> L. <i>Triumfetta semitriloba</i> Jacq.	Vassoura Carrapichão Carrapicho-de-calçada
TURNERACEAE <i>Turnera ulmifolia</i> L.	Chanana
TYPHACEAE <i>Typha angustifolia</i> L.	Taboa
UMBELLIFERAE <i>Apium leptophyllum</i> (Pers.) Muell. <i>Conium maculatum</i> L. <i>Hydrocotyle umbellata</i> L. <i>Eryngium paniculatum</i> Cav. & Don.	Mastruço Cicuta Erva-capitão Caraguatá
URTICACEAE <i>Pilea microphylla</i> Liebm.	Brilhantina
VERBENACEAE <i>Lantana camara</i> L. <i>Lantana lilacina</i> Desf. <i>Stachytarpheta cayenensis</i> (L.C. Rich.) Vahl. <i>Verbena bonariensis</i> L. <i>Verbena litoralis</i> H.B.K.	Camará; Erva-chumbinho Cambará; Camará-rosa Gervão-azul Cambará-de-capoeira Erva-de-pai-caetano
ZINGIBERACEAE <i>Hedychium coronarium</i> Koenig	Lfrio-do-brejo

ras, ou daninhas, em áreas urbanas. Cervi; Guimarães (1975) e Cervi et al. (1987, 1988) cuidaram das plantas da cidade de Curitiba, por eles denominadas de plantas ruderais. Do mesmo modo, Lisboa (1956) estudou as de Ouro Preto. Pereira; Agarez (1974, 1977), complementando o trabalho de Kuhlmann et al. (1947), fazem referências a espécies que ocorrem no Rio de Janeiro, e Pott; Pott (1990) estudaram as espécies da cidade de Corumbá, MS.

Esses autores constataram a presença de 141, 116, 23 e 273 espécies para Curitiba, Ouro Preto, Rio de Janeiro e Corumbá, respectivamente. As espécies analisadas neste trabalho que compartilham propriedades comuns com as dos trabalhos citados, são as seguintes: *Amaranthus spinosus* L., *Momordica charantia* L., *Portulaca oleracea* L., *Scoparia dulcis* L., *Corchorus hirtus* L., *Asclepias curassavica* L., *Chenopodium ambrosioides* L., *Ageratum conyzoides* L., *Bidens pilosa* L., *Leonotis nepetaefolia* (L.) R.Br., *Leonurus sibiricus* L., *Chaptalia nutans* (L.) Polak, *Elephantopus mollis* H.B.K., *Galinsoga parviflora* Cav., *Borreria verticillata* (L.) G.F.W. Meyer, *Verbena bonariensis* L., *Taraxacum officinale* Weber, *Oxalis latifolia* H.B.K., *Pyrostegia venusta* Miers.,

Acanthospermum australe (Loef.) O. Kuntze, *Galinsoga ciliata* (Raf.) Blake, *Richardia brasiliensis* Gomez, *Eleusine indica* (L.) Gaertn., *Plantago major* L., *Alternanthera tenella* Colla, *Emilia sonchifolia* DC., *Cynodon dactylon* (L.) Pers., *Lantana camara* L., *Sida urens* L., *Amaranthus deflexus* L., *Solanum sisymbriifolium* Lam., *Stachytarpheta cayenensis* (L.C. Rich.) Vahl., *Ipomea purpurea* Lam., *Sida rhombifolia* L., *Polygala paniculata* L. e *Ricinus communis* L.

As demais espécies têm ocorrência esporádica em um ou outro dos locais mencionados, havendo espécies específicas para as regiões estudadas, dependendo da localização e clima.

Constatou-se a presença de espécies raramente citadas, ou que ainda não foram citadas, como plantas invasoras e/ou daninhas, no estado de Minas Gerais, segundo os conceitos de Brandão et al. (1990, 1991). As espécies em questão são: *Achyranthes indica* (L.) Mill., *Impatiens sultanii* Hooker, *Youngia japonica* (L.) DC., *Lagenaria vulgaris* Ser., *Myriophyllum brasiliensis* Camb., *Stachys arvensis* L., *Indigofera lespedezioides* H.B.K., *Nothoscordum fragrans* Kunth., *Sida alba* L., *Ludwigia peruviana* (L.) Hara, *Pilea microphylla* (L.) Liebm.,

Linum usitatissimum L., *Sida caudata* St. Hil. et Naud e *Alternanthera philoxeroides* (Mart.) Griseb.

Pretende-se, em uma próxima etapa de investigação, caracterizar a provável potencialidade econômica das espécies identificadas, bem como buscar dados que forneçam subsídios para a morfologia e fenologia dessas espécies.

QUADRO 2 - Famílias, Número de Gêneros e de Espécies de Plantas Invasoras Ocorrentes no Município de Belo Horizonte, MG

Família	Gênero	Espécie
Acanthaceae	1	1
Alismataceae	1	1
Amaranthaceae	4	12
Asclepiadaceae	1	1
Balsaminaceae	1	1
Begoniaceae	1	1
Bignoniaceae	1	1
Boraginaceae	2	4
Campanulaceae	1	1
Capparidaceae	1	1
Caryophyllaceae	1	1
Chenopodiaceae	1	1
Commelinaceae	2	4
Compositae	34	51
Convolvulaceae	3	11
Cruciferae	2	3
Cucurbitaceae	3	4
Cuscutaceae	1	1
Cyperaceae	5	13
Euphorbiaceae	5	11
Gleicheniaceae	1	1
Gramineae	20	29
Haloragaceae	1	1
Hypoxidaceae	1	1
Juncaceae	1	1
Labiatae	6	8
Leguminosae	13	29
Liliaceae	1	1
Linaceae	1	1
Loganiaceae	1	1
Loranthaceae	2	2
Lycopodiaceae	1	1
Lythraceae	1	2
Malvaceae	6	15
Menispermaceae	1	1
Molluginaceae	1	1
Nyctaginaceae	1	1
Onagraceae	1	4
Oxalidaceae	1	5
Papaveraceae	1	1
Passifloraceae	1	1
Phytolacaceae	2	2
Plantaginaceae	1	2
Polygalaceae	1	2
Polygonaceae	2	7
Pontederiaceae	1	1
Portulacaceae	2	2
Rubiaceae	4	11
Scrophulariaceae	1	1
Smilacaceae	1	1
Solanaceae	7	12
Sterculiaceae	1	1
Tiliaceae	2	3
Turneraceae	1	1
Typhaceae	1	1
Umbelliferae	4	4
Urticaceae	1	1
Verbenaceae	3	5
Zingiberaceae	1	1
TOTAL: 59 Famílias	170	289

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACCHI, O.; LEITÃO FILHO, H. de F.; ARANHA, C. *Plantas invasoras de culturas*. Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1984, v.3.
- BARROSO, G.M. et al. *Sistemática das angiospermas do Brasil*. São Paulo: USP, 1978, v.1.
- BARROSO, G.M. et al. *Sistemática das angiospermas do Brasil*. Viçosa: UFV, 1984, v.2.
- BARROSO, L.J. *Chaves para a identificação de gêneros indígenas e exóticos das dicotiledôneas do Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1946. 272p.
- BLANCO, H.G. Ecologia das plantas daninhas: competição de plantas daninhas em culturas brasileiras. In: MARCONDES, D.A. *Controle integrado de plantas daninhas*. São Paulo: CREA, 1982, p.42-75.
- BRANDÃO, M.; CUNHA, L.H. de S. Meios de dispersão empregados por plantas daninhas. *Informe Agropecuário*, Belo Horizonte, v.8, n.87, p.4-10, mar. 1982.
- BRANDÃO, M.; GAVILANES, M.L.; LACA-BUENDIA, J.P. Plantas daninhas raramente mencionadas ou não citadas como ocorrentes em Minas Gerais. *Daphne*, Belo Horizonte, n.1, p.22-25, out. 1990.
- BRANDÃO, M.; LACA-BUENDIA, J.P.; GAVILANES, M.L. Plantas daninhas raramente mencionadas ou não citadas como ocorrentes em Minas Gerais-II. *Daphne*, Belo Horizonte, v.1, n.3, p.13-16, abr. 1991.
- BRANDÃO, M.; LACA-BUENDIA, J.P.; GAVILANES, M.L. Principais plantas daninhas no Estado de Minas Gerais. *Informe Agropecuário*, Belo Horizonte, v.8, n.87, p.18-26, mar. 1982.
- BRANDÃO, M. et al. Novos enfoques para plantas consideradas daninhas. *Informe Agropecuário*, Belo Horizonte, v.11, n.129, p.3-12, set. 1985.
- BRANDÃO, M. et al. Plantas consideradas daninhas para culturas como fonte de néctar e polén. *Planta Daninha*, Campinas, v.7, n.2, p.1-22, dez. 1984.
- CERVI, A.B.; GUIMARÃES, O.A. Catálogo das plantas ruderais da cidade de Curitiba. *Tribuna Farmacêutica*, Curitiba, v.43, n.1/2, p. 1-20, 1975.
- CERVI, A.C. et al. Catálogo das plantas ruderais da cidade de Curitiba, PR: estudos preliminares II. *Revista do Setor de Ciências Agrárias*, Curitiba, v.9, n.1/2, p.157-163, 1987.
- CERVI, A.C. et al. Catálogo das plantas ruderais da cidade de Curitiba, Brasil: estudos preliminares III. *Acta Biológica Paranaense*, Curitiba, v.17, n.1/4, p.109-139, 1988.
- FERREIRA, M.B.; MACEDO, G.A.R.; LACA-BUENDIA, J.P. Plantas daninhas com possibilidades de forrageiras para bovinos em condições de cerrado. *Planta Daninha*, Campinas, v.7, n.1, p.41-48, jun. 1984.
- GAVILANES, M.L.; BRANDÃO, M.; CARDOSO, L. Levantamento das plantas daninhas utilizadas como medicinais, de uso popular. *Oréades*, Belo Horizonte, v.8, n.14/15, p.34-47, 1987.
- KUHLMANN, J.G.; OCHIONI, P.; FALCÃO, J.L. de A. Contribuição ao estudo das plantas ruderais do Brasil. *Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v.7, p.43-133, dez. 1947.
- LEITÃO FILHO, H. de F.; ARANHA, C.; BACCHI, O. *Plantas invasoras de culturas no Estado de São Paulo*. São Paulo: HUCITEC, 1972. 286 p.
- LEITÃO FILHO, H. de F.; ARANHA, C.; BACCHI, O. *Plantas invasoras de culturas no Estado de São Paulo*. São Paulo: HUCITEC, 1975. 597 p.
- LISBOA, M.A. Aspectos da flora ruderal de Ouro preto. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BOTÂNICA DO BRASIL, 5, 1954, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Sociedade Botânica do Brasil, 1956, p.133-146.
- LORENZI, H. *Plantas daninhas do Brasil: terrestres, aquáticas, parasitas, tóxicas e medicinais*. Nova Odessa, 1982. 425 p.
- MARZOCCA, A. *Manual de malezas*. Buenos Aires: INTA, 1957. 530 p.
- PEREIRA, C.; AGAPEZ, F.V. Estudo das plantas ruderais do Estado da Guanabara. *Leandra*, Rio de Janeiro, v.3/4, n.4/5, p.67-83, 1974.
- PEREIRA, C.; AGAREZ, F.V. Estudo das plantas ruderais do Rio de Janeiro-II. *Leandra*, Rio de Janeiro, v.6/7, n.7, p.77-93, 1977.
- PITELLI, R.A. Interferências de plantas daninhas em culturas agrícolas. *Informe Agropecuário*, Belo Horizonte, v.11, n. 129, p. 16-127, set. 1985.
- POTT, V.J.; POTT, A. Flórua ruderal da cidade de Corumbá, MS. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 36, 1985, Curitiba. *Anais...* Brasília: IBAMA, 1990, v.1, p. 519-535.

INFORMAÇÕES

1. A Revista Daphne aceita, para publicação, trabalhos de Botânica referentes à flora do estado de Minas Gerais, com até 15 laudas, incluindo as ilustrações.
2. Os artigos devem ser apresentados em três vias, datilografados em papel ofício, em espaço duplo, e com a estrutura tradicional de artigo científico: título, sumário, summary, introdução, material e métodos, resultados, discussões e conclusões, agradecimentos e referências bibliográficas.
3. Os nomes dos autores, seus títulos, a instituição a que pertencem, local onde o trabalho foi realizado, bem como o endereço para solicitação de cópias do artigo, devem vir especificados em folhas separadas. Menção a bolsas, auxílios, parte de tese ou outros dados indispensáveis, relativos à produção do trabalho e seus autores, poderão ser citados para inclusão no rodapé.
4. O resumo não deve ultrapassar 300 palavras, nem conter citações bibliográficas. Duas a cinco palavras-chaves (key-words) devem vir após o sumário.
5. As referências e citações bibliográficas devem seguir as normas atuais da ABNT.
6. Os desenhos devem ser feitos com tinta nanquim preta, em papel vegetal, ou a lápis, em papel próprio para desenho, em tamanho maior do que aquele em que deverão ser impressos, para assegurar a nitidez após a redução.
7. Outros detalhes para a apresentação dos originais podem ser requisitados à Comissão Editorial da Revista.

